

REVISTA DA SEMANA

Nº 5

Cr \$ 2,00 em todo o Brasil

1 - 2 - 47





JOCKEY CLUB MUNDANO

Num ambiente de alegria, elegância e distinção decorreu, na última reunião, uma tarde esportiva no Jockey Club Brasileiro. Como sempre, a esta reunião turfística acorreram os elementos mais destacados de nossa sociedade. As fotos que estampamos nesta página foram colhidas na "pelouse" durante os intervalos das corridas realizadas.





A nota internacional da semana que mais nos interessou foi, sem dúvida, a presença no Rio de Janeiro do ilustre homem público britânico, major Anthony Eden, ex-ministro das Relações Exteriores no gabinete do Sr. Winston Churchill e, presentemente deputado à Câmara dos Comuns. O sr. Eden, que se entrevistou com o presidente Dutra, recebeu muitas e expressivas homenagens, entre as quais a da Câmara dos Deputados, onde o major foi saudado por um general, — o deputado Flores da Cunha. No Senado Federal, surgiu uma Cassandra, o senador Isnard Góes Monteiro, gritando que o Brasil vai mal, vai muito mal mesmo, — e que caminha para o drama da Espanha. Nesse país que vai muito mal, um Góes Monteiro está sendo eleito presidente de Alagoas, e outro está sendo eleito senador pelo mesmo Estado. Muito bom o artigo do jornalista Rafael Correia de Oliveira, no "Diário de Notícias", sob o título "Alarmismo suspeito", refutando o velho fascista Arlindo Vieira, que impingiu ao "Correio da Manhã" um artigo tendencioso, afirmando que a "democracia está podre"... Pudera! Com a derrota dos seus correligionários, como iria Arlindo Vieira pensar outra coisa? No momento em que se fala tanto de uma outra guerra, a Inglaterra e a Rússia renovam os compromissos do pacto anglo-soviético e o marechal Montgomery, de volta de Moscou, proclama em Londres que, de agora em diante, todos os cadetes da Escola Militar Real em Sandhurst passarão a estudar russo. E ao mesmo tempo se anuncia a visita do general George Marshall, o novo secretário de Estado de Truman, a Estocolmo e a Moscou. Na Escola Naval, receberam suas espadas os novos guarda-marinhas do Brasil. Enquanto lavra uma grande seca no Noroeste da Bahia, chove a cantaros no Rio de Janeiro e adjacências. Muitas casas foram invadidas pelas enchentes e caíram num só dia oito barreiras da estrada Rio-Petrópolis. Foi descoberta pela polícia uma quadrilha internacional de ladrões de automóveis, que opera em vários Estados. Em Paris, o Sr. Castelo Branco Clark, embaixador do Brasil, na França, ofereceu um almoço em regozio pela feliz conclusão do acordo aéreo franco-brasileiro. Na Argentina, faleceu Paco Aguilar, famoso alaudista, compositor e escritor, que traduziu a peça brasileira "Disraeli" para o ator Ernesto Vilas. O lavrador Gastão Barreto, residente no Distrito Federal, queixou-se à polícia de que seu vizinho, João Botafogo, envenenou cem galinhas de raça de sua propriedade. Desmentindo o nome, João botou veneno, em vez de fogo... Calcula-se que o imposto sobre a renda em 1947 produzirá a arrecadação de 3.321.800.000,00 cruzeiros. Calcula-se também que as multas aos eleitores faltosos no pleito de 19 de Janeiro darão para custear todas as despesas com as eleições. Será que esses dois cálculos darão certo? O sr. Paul Ramadier, primeiro ministro da França, organizou um ministério de concentração, no qual colaboram socialistas, democratas e comunistas, estando a pasta das Relações Exteriores entregue às mãos hábeis do sr. George Bidault, do M.R.P. A derrota do Sr. João Amazonas, candidato a terceiro senador pelo Distrito Federal, prenunciou-se espetacular, em face da dianteira assumida pelo Sr. Mario de Andrade Ramos candidato de oito partidos, pelo qual trabalhou, especialmente, a Liga Eleitoral Católica. Igualmente espetacular é a vitória alcançada pelo jornalista Carlos de Lacerda, do "Correio da Manhã", no páreo para vereador. Segunda-feira, finha ele quatro vezes a votação dos mais votados dos seus concorrentes! As vitórias estaduais mais significativas foram as do Sr. Adhemar de Barros em São Paulo (vide tópico em "A Semana em Revista") e do Sr. Milton Campos, em Minas Gerais. Na mesma quinzena em que morreu, nos Estados Unidos, o ex-deputado Volstead, autor da famigerada "lei seca", proibindo a fabricação e o comércio de bebidas, lei que vigorou por mais de vinte anos, morreu também o famoso "gangster" Al Capone, que ficou milionário à sombra dessa lei, como contrabandista de bebidas e dono de bares clandestinos. Num desastre de aviação, com um dos aparelhos das Linhas Holandesas, que explodiu no ar, perderam a vida o príncipe Gustavo Adolfo, da Suécia, e a famosa cantora e atriz cinematográfica Grace Moore. Espetacular, o suicídio do norte-americano David Gordon, que se atirou do 86º andar do Empire State Building, em Nova York. E ainda caiu em cima de uma pobre mulher, ferindo-a gravemente. Sob o nome de Roberto Della Cisterna, chegou ao Brasil, onde vem morar, o duque de Aosta, da extinta casa real italiana, que elevou Mussolini ao poder. Não lucrarmos nada com a presença de duques e reis destronados. Seria bem melhor se tivéssemos recebido, em vez dele, um bom camponês da Calábria ou da Sicília, para incentivar a nossa cultura do tomate. Na mesma semana em que anunciaram a ida do presidente Eurico Gaspar Dutra aos Estados Unidos, de Florianópolis, também anunciaram, de Porto Alegre, sua ida ao Rio Grande. Em que ficamos? Norte ou Sul? Seguindo os passos do ex-bispo de Maura e hoje arcebispo da Igreja Católica Brasileira, um padre venezuelano, Luis Castillo Mendez, pediu autorização à Assembléia Constituinte, em Caracas, para estabelecer a Igreja Apostólica Venezuelana, separada da de Roma. Parece que o ex-bispo de Maura iniciou um novo chisma, capaz de ter, — quem o sabe? — expressão igual ao de Lutero, em terras do continente. 50 outros sacerdotes firmaram a petição com o padre Castillo Mendez. Herriot, Lord Vansittart e Lord Brabazon figuram entre os signatários de sensacional documento, denunciando a rearticulação do nazismo. Aqui, no Brasil, esse documento não traz nenhuma novidade, pois o sr. Plínio Salgado também tem se esforçado para fazer a mesma coisa... Mas as últimas eleições demonstraram que o integralismo está morto e bem morto. Embora ele não creia, a verdade é que o mundo marcha e não volta atrás!



No dia seguinte...

É muito comum, no dia seguinte ao de reuniões infantis, as crianças amanhecerem indispostas, sem apetite, com vontade de vomitar, dores no ventre e outros desarranjos do estômago e intestinos.

Às vezes, os efeitos das gulodices (que, não raro, já encontram um estômagozinho sujo, mal preparado para recebê-las) se fazem sentir até no mesmo dia, ou durante a noite. De qualquer modo que isto aconteça, a pobre criança pagará caro alguns breves momentos de prazer, se o seu mal não for prontamente atalhado com um remédio de confiança, que lhe proporcione rápido alívio. Quem tiver ocasião de constatar os resultados surpreendentes do **Ventre-Livre** certamente não deixará mais de empregá-lo em tais casos.

As mães cuidadosas não devem, entretanto, esperar que as crianças tenham uma perturbação forte para recorrer ao **Ventre-Livre**. Compete-lhes impedir que as horas felizes de seus filhos se convertam em sofrimento. Serão evitadas as intoxicações se, além de uma alimentação sadia, o estômago e intestinos dos pequenitos forem mantidos sempre bem limpos e bem tonificados com o uso frequente de **Ventre-Livre**.

De ação suave e gosto agradável, **Ventre-Livre** evita e trata as indigestões e todos os distúrbios causados pela prisão de ventre, sendo muito aconselhável o emprêgo desse remédio antes e depois das festas infantis.

Não esquecer nunca:

Ventre-Livre não é purgante

OS NOSSOS CONCURSOS LITERÁRIOS

CONCURSO DE CONTOS — São estas as bases do nosso concurso permanente de contos: 1º — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade; 2º — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos; 3º — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana na publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem; 4º — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas; 5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. E' desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração no envelope: "Concurso Permanente de Contos da REVISTA DA SEMANA"; 6º — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

CONCURSO DE TEATRO — A comissão julgadora ainda não nos entregou o seu parecer.

CONCURSO DE ROMANCES — Foram recebidos os seguintes originais: "Eterno estribado", de Raul Vital; "Alvaro Gonçalves", de Paulo Licio Rizzo; "O destino é que nos leva", de Graciema P. Genofre; "Angustiado estou por ti", de Henrique Consoni Junior; "Heróis e pecadores", de Jary Gomes; "Vereda luminosa", de Leda S. de Andrade; "Paixão e sensualismo", de Antonio Tibiriçá; e "Alvorada", de Betina Diniz, além de um romance sem nome de autor e sem título, que começa com a frase: "Eram sete horas menos dois minutos". Ao autor desse trabalho, rogamos a gentileza de se identificar. "Atlântida Soterrada", do Sr. Mário (pseudônimo); "Um cachorro e outras pessoas", de Alberto Leal e "Tempestade", de Adelino Volfar (pseudônimo).

Todos os originais já foram por nós distribuídos à comissão julgadora, constituída pelos escritores João Luso e Berilo Neves.

O PINCE-NEZ DE OURO

OFICINA DE 1ª ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORGNONS

R. CARIOCA N.º 28

Joalheria

LUIZ R. RICART
TEL. 22-4690 — RIO

**JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES**



Gilberto, de 6 meses, é o mais levado da creche, segundo nos assegurou a Irmã responsável por esse departamento.

Esta reportagem, realizado no momento em que é organizada a Fundação Leão XIII, para socorrer os necessitados dos morros e das favelas do Rio de Janeiro, põe a nu uma das mais tristes realidades cariocas: a crise das instituições filantrópicas de caráter particular, por falta de um apoio mais generoso dos ricos e dos abastados. Mostrando que o anjo da caridade não vai à zona sul, o reporter da REVISTA DA SEMANA não fantasiou coisa alguma. Foi buscar os dados desta reportagem com o próprio vigário da paróquia de Nossa Senhora de Copacabana, cujo lindo templo se ergue à praça Serzedelo Correia, ao lado da Casa do Pobre, que, é também, uma casa pobre, para não dizer pauperima. Focalizando suas dificuldades, não queremos senão, pela demonstração de uma realidade dolorosa e chocante, suscitar o interesse das almas bem formadas, católicas ou não, para essa obra de incontestável necessidade social. Tem, pois, inteiro cabimento, o apelo do reporter, quando exclama ao fim desta reportagem: Copacabana, mostra o teu coração!

O ANJO DA CARIDADE NÃO VAI À ZONA SUL...

Na zona mais rica do Rio, o seu único asilo de amparo à criança e à pobreza não consegue mais de seis mil cruzeiros por mês, entre esmolas e donativos — 500.000 pessoas socorrem apenas 150 crianças — Doze quilos de carne, três vezes por semana, para centena e meia de asilados — As criancinhas se alimentam mal, — Copacabana, mostra o teu coração!

Reportagem de NEY MACHADO

Fotos de ARNALDO VIEIRA

UMA verdade triste que somos forçados a proclamar: os que têm dinheiro, hoje em dia, não fazem mais a caridade como outrora. Não querem mais saber de auxiliar os seus irmãos desprovidos de recursos, nem sequer tomam conhecimento das instituições de be-

nemerência, honestas e abnegadas, que tomam a seu cargo a tarefa de diminuir as aflições dos pobres. Nossa opinião baseia-se no que observamos na "Casa do Pobre", sociedade que tem por fim auxiliar a população necessitada do bairro de Copacabana. Apesar de ser esse o bairro

Médicos caridosos proporcionam uma eficiente assistência clínica, inteiramente gratuita, a todas as crianças pobres do bairro.

mais "chic" da cidade, sua gente paupérrima é enorme. Os seus morros, da Babilônia, dos Cabritos, do Leme e outros, estão apinhados de barracos, onde mora uma população sub-nutrida e desprovida de qualquer assistência. Se entre esses miseráveis habitam alguns operários que ganham relativamente bem, a grande maioria tem ordenados insuficientes, quando se tem em conta a alta constante e vertiginosa dos gêneros essenciais à alimentação. Empregadas domésticas com dois ou três filhos menores lutam diariamente contra a fome que ameaça sua prole nos casebres dos morros. Um servente de obra, com um salário mensal de oitocentos cruzeiros, em média, tendo mulher e apenas um filho para sustentar, pode se considerar um indigente. E essa população humilde, os obreiros que construíram essa ciclópica cidade da zona sul, não contam com o amparo dos poderosos, que ajudaram a enriquecer. Foi estimada a população total de Copacabana em 500.000 pessoas. Grandes banqueiros, figuras do alto comércio, a maioria dos "tubarões" e dos funcionários assalariados de cinco mil cruzeiros para cima, residem na zona sul. Pois muito bem. Em toda essa zona existe apenas uma casa que angaria donativos para os seus pobres, para as crianças dos morros, para as parturientes sem recursos. E de toda essa granfinagem não consegue esmolas superiores a seis mil cruzeiros mensais! Há muito apartamento nesse bairro onde, em uma noite, o "barato" do "pif-paf" alcança o dobro ou o triplo dessa quantia. Não temos nenhuma prevenção contra o bairro de Copacabana, recanto maravilhoso e privilegiado do Rio pelos seus encantos múltiplos, nem contra Ipanema e Leblon, mas pelo que pudemos ver na Casa dos Pobres o egoísmo e a falta de solidariedade humana fizeram sua capital na zona sul.

O QUE É A "CASA DO POBRE"

Em Copacabana foi fundada há dez anos, exatamente no dia 8 de setembro de 1932, a Casa do Pobre, que foi uma ampliação, de início, do ambulatório médico que já funcionava para os indigentes ao lado da Igreja Nossa Senhora de Copacabana. O seu fundador, padre Castelo Branco, infatigável vigário da paróquia, teve em mira auxiliar as mães que precisavam trabalhar e não tinham com quem deixar os filhos menores. Para isso organizou uma creche onde ficam os garotinhos até três anos de idade e a Seção Maternal, dividida em jardim de infância e curso primário, onde, de acordo com a idade de cada um, permanecem durante todo o dia os meninos e meninas maiores. É um asilo de semi-internos, pois a exiguidade de instalações e a falta de numerário não permitiu até hoje a construção de um internato.

Todas as crianças que ali se encontram são filhas de domésticas e 95% são de cor. As mães levam-nas para ali às sete horas da manhã e, desde essa hora até às oito horas da noite, ficam completamente entregues à assistência da Casa do Pobre, onde as beneméritas Irmãs da Providência, em número de sete, e mais quatorze empregadas se encarregam de cuidar da sua alimentação e também da sua instrução. Na "creche" vimos bebês com apenas oito dias de idade. Vimos também um outro grupo de irmãos, quatro ao todo, formando uma verdadeira escadinha em tamanho e idades. Como poderia a mãe dessas crianças trabalhar, lutando pelo sustento dessas quatro bocas, ao lado de seu marido, um humilde servente de pedreiro, se não fora o auxílio que lhe presta a Casa do Pobre? As mães que deixam seus filhos entregues a essa instituição pagam mensalidades módicíssimas, que variam de dez a vinte cruzeiros mensais, por criança. Por essa irrisória quantia recebem alimentação, instrução e, o que é muito importante, uma assistência médica perfeita. Crianças que para ali entram raquíticas, verminadas e sub-nutridas, melhoram em pouco tempo. Embora a alimentação deixe muito a desejar, conforme apreciaremos mais adiante, sempre é melhor do que o que poderiam ter, se ficassem entregues aos cuidados da gente do morro, onde existem as "guardadoras", mulheres que se dedicam a tomar conta dos filhos menores das domésticas, enquanto estas estão trabalhando. Estas, além de exigirem uma quantia muito maior, em geral cem cruzeiros por cada bebê que fica sob a sua guarda, não têm a menor noção do ofício que exploram. As crianças permanecem na sala maior do barraco, engatinhando sobre o chão de terra batida, sujas e mal ali-

De manhã cedo as empregadas domésticas levam os seus filhinhos para a Casa do Pobre, onde permanecerão durante todo o dia.





As alunas do quarto ano primário executam bordados maravilhosos. As Irmãs da Providência desejam torná-las instruídas e preñdadas.

mentadas. Infelizmente ainda existem muitas dessas "guardadoras", pois o número das casas de assistência é diminuto. Em Copacabana, onde o número de empregadas domésticas é considerável, maior que em qualquer outro bairro, existe apenas uma casa de benemerência, e essa só Deus sabe o que faz para se manter!...

CORAGEM E FÉ EM DEUS!

Este é o lema do padre Castelo Branco, fundador da Casa. Embora cada mês que passa aumentem as dívidas do asilo ele vai ampliando cada vez mais as suas secções. Sua obra já realizada é milagrosa, tendo-se em conta a dificuldade para obtenção de recursos. Além de servir de abrigo para cento e oitenta crianças, o seu ambulatório de clínica geral, pediatria, ginecologia e assistência dentária serve, não só às semi-internadas, como a todas as pessoas pobres do bairro. Tem ainda a sua própria farmácia que distribui gratuitamente os remédios indicados e um laboratório para análises. O seu gabinete de higiene pré-natal tem sido utilíssimo para as parturientes que all recebem tratamento adequado e instruções valiosas. Dos seus doze médicos especializados, metade deles presta sua colaboração profissional inteiramente gratis. A Casa dos Pobres mantém ainda o Dispensário do Pão de Santo Antonio, que fornece semanalmente a setenta famílias mantimentos diversos. A administração tem um zelo absoluto no tocante ao amparo de famílias que seja realmente necessitadas, o que torna ainda mais importante o auxilio que presta. Infelizmente a insuficiência da receita tem impedido que um número maior de crianças e de famílias sejam socorridas.

NÃO HÁ VAGAS

O indigente que bater a qualquer uma das nossas poucas sociedades filantrópicas ouvirá sempre a mesma resposta: — "E' impossível atendê-lo. Não há vagas". O mês passado visitamos uma instituição de caridade modelar. E era a mesma resposta que davam a todos os os que all iam em busca de auxilio. Na Casa do Pobre, acontece a mesma coisa. Diariamente, de cinco a seis pobres mulheres imploram à Irmã Superiora que recebam o seus filhinhos durante o dia, para que possam trabalhar e viver honestamente. A contragosto, a Irmã Irinéia responde: — "E' impossível, as salas estão superlotadas".

Para receber um número maior de crianças a diretoria da Casa do Pobre começou construir há dois anos alojamentos maiores, inclusive um para crianças internas. Depois de muito custo, as obras, que poderiam demorar oito meses, demoraram vinte e quatro, porque o dinheiro vai pingando pouco a pouco. Todavia, a construção está prestes a concluir-se. Entretanto, outro problema deverá ser resolvido. Embora com alojamentos modernos e espaçosos para socorrer o dobro de crianças, isso tão cedo não poderá ser feito, pois o "deficit" mensal da Casa do Pobre é enorme e não poderá ser aumentado, sob pena da instituição ir à falência. Ficarão assim com instalações maiores e melhor aparelhadas, mas sem poder prestar maiores auxilios, a não ser que os moradores de Copacabana aumentem os seus donativos. Será que o padre Castelo Branco conseguirá fazer-se ouvir por madame, tão ocupada com seus chás, "boites" e "pif-paf"? Será que aqueles garotinhos dos morros, esqueléticos e de olhos tristes, conseguirão enternecer o coração desses homens ilustres que só pensam em fazer sua conta bancária subir e aumentar o preço dos produtos que vendem ou fabricam? Talvez não saibam os "ali-babás" que quanto maior desamparo sofrerem as classes pobres, tanto maior será a insatisfação das mesmas e o seu desvio para os extremismos que eles tanto temem. Os que conjugam tão bem o verbo "ganhar" precisam conjugar um pouco o ver "dar", sobretudo quando puder dar sem que o donativo lhes venha a fazer falta.

MILAGRES

Para se aquilatar as aperturas em que se meteu o padre Castelo Branco, com a sua santa mania de benemerência, basta atentar para o seguinte. A casa possui em seus diversos departamentos, creche, Jardim da Infancia e curso primário, perto de duzentas crianças às quais fornece quatro refeições por dia e ainda remédios. Para a

Na hora do almoço as asiladas de mais idade tomam conta das menores. A alimentação dessas crianças causa dó pela insuficiência.



Paulo Cesar, de 7 meses de idade, passa a vida de papo p'ro ar. Sua mamãe, a essas horas, está esfregando roupa no Hotel Copacabana.

manutenção desses serviços consegue obter do mais rico bairro do Rio, por mês, — como já dissemos, — a irrisória quantia de seis mil cruzeiros, compreendendo esmolas na igreja, donativos particulares e mensalidades com que contribuem regularmente algumas pessoas caridosas, — que formam a necessária exceção à regra geral. A despesa mensal com alimentação, remédios e mantimentos distribuídos pelo dispensário vai a dezoito mil cruzeiros mensais. Como se vê há um “deficit” de doze mil cruzeiros. Como é que se arranja a Casa do Pobre para continuar vivendo, perguntará o leitor. Este milagre é um mistério, ou quase isto. O padre Castelo Branco vai pagando as dívidas menores e inadiáveis, como as de alimentos e remédios, e para as maiores, como a construção da nova creche e do internato, conta com a providência divina para ajudá-lo. — “Coragem e fé em Deus” é o seu lema. A Prefeitura colabora com alguma coisa, não resta dúvida. Isentou de impostos a sociedade e contribui anualmente com quarenta mil cruzeiros. O governo federal dá-lhe uma subvenção de dez mil cruzeiros e a Caixa Econômica outra de seis mil, também anualmente. Com esses cinquenta e seis mil cruzeiros anuais e mais a arrecadação particular

de seis mil cruzeiros por mês, a Casa do Pobre tem enfrentado as asperezas destes dez anos de vida. Vez por outra aparece um capitalista, que, fazendo exceção ao egoísmo geral, contribui com dez ou vinte mil cruzeiros. Talvez esse milagroso acontecimento seja o resultado das preces das centenas de criancinhas que não se cansam de pedir para que o coração dos homens seja mais pródigo para com a infância desvalida.

O QUE O PODER PÚBLICO PODE FAZER

Um dos maiores programas do Ministério da Educação e Saúde e da secretaria municipal congênere é o amparo à infância. Projetam-se construir lactários, orfanatos, creches e muita coisa mais. As verbas necessárias são vultosas e muitos planos ficam apenas no projeto. Não seria mais lógico que, em primeiro lugar, ou paralelamente aos planos de novas realizações, o governo federal e a Prefeitura procurassem auxiliar as instituições de filantropia já existentes, como a Casa do Pobre, proporcionando-lhes verbas maiores, construindo alojamentos nos terrenos a ela pertencentes e isentando — coisa primordial! — de todos os

impostos e taxas essas mesmas instituições? Nesse último caso convém relembrar a União das Operárias de Jesus, que apesar do amparo indiscutível que vem prestando a infância desvalida, não goza isenção da taxa municipal ou federal. Um amparo maior à Casa do Pobre, agora que tem seus alojamentos ampliados, facultaria uma assistência maior a, pelo menos outras cem crianças.

Seriam cem meninas e meninos subtraídos a um convívio pernicioso, seriam menos cem analfabetos a menos e cem cidadãos úteis a mais para a nossa cidade. E uma ajuda maior do governo, já que é difícil esperar maior auxílio, de ordem particular melhoraria desde já a alimentação das crianças semi-internadas que, somos obrigados a confessar, é muito deficiente.

AS CRIANCINHAS PASSAM MAL

Sim, meus amigos, vamos dizer a verdade, embora isso doa bastante ao bondoso coração do fundador da Casa do Pobre e das caridosas irmãs que dedicam sua vida a tratar dessas criancinhas. É claro que esses abnegados benfeitores não têm a mínima culpa do inadequado tratamen-



A esquerda: As meninas do curso primário aprendem também a arte dos trabalhos manuais. O flagrante mostra alunas do primeiro ano primário. A direita: Neste, como em outros asilos do Rio, não há vagas. Os bebês ocupam a cama enquanto o garotinho está tomando banho, obrigação diária dos asilados.



to e que tudo fazem para melhorar a vida interna da organização. Mas o número de crianças é muito grande para os recursos de que dispõem. A alimentação deixa muito a desejar, conforme observamos durante o almoço a que assistimos. A descrição que vamos fazer não tem o intuito de menosprezar a obra filantrópica que vem fazendo a Casa do Pobre, mas sim o demonstrar aos habitantes da zona sul as dificuldades da utilíssima instituição. Num pequeno prato de alumínio, havia uma concha de feijão, outro tanto de arroz, um pequeno pedaço de aipim e uma colher de sopa de qualquer coisa que parecia carne passada na máquina. Realmente de alto poder alimentício havia apenas a sobremesa, um pote de cangiquinha. Um médico nutricionista teria dificuldade em somar o número de calorias existente em tão parca refeição. Repetimos que isso é ainda melhor do que poderam ter no barraco do morro, mas é ainda muito pouco em relação ao que poderá ser feito, se houver homens de boa vontade. Outra coisa que é preciso fazer, imediatamente, é extinguir o racionamento de carne para a Casa do Pobre. Uma instituição como essa está subordinada ao racionamento usual, recebendo carne verde apenas três vezes por semana. E a quota com que foi aquinhoadada é ridícula: apenas doze quilos de carne de dois em dois dias e isto para cento e cinquenta crianças. Realmente, há muita coisa simples que poderá ser remediada, se houver boa vontade para com a Casa do Pobre. Três gramas de carne por refeição — é o quanto tocaria a cada uma das cento e cinquenta crianças se fosse distribuída diariamente a quota do asilo. Acreditamos que em Dachau a quota seria semelhante a essa. Esperemos que os ricos de Copacabana se compenetrem que os pobres deverão ser menos sofredores. Oxalá o anjo da caridade visite o bairro aristocrático e toque o coração dos seus habitantes. Moisés, eleito do Senhor, tirou água das rochas, ao tocá-las com seu bastão. Pode ser que o anjo da caridade possa fazer o milagre de fazer jorrarem cruzeiros nessa casa pobre, mas tão rica de boas intenções. Copacabana, mostra o teu coração!

As meninas da Casa do Pobre pedem aos ricos da zona sul — que são muitos — um pouquinho de atenção para os seus apelos. Não é direito que a zona onde reside maior número de pessoas de posse seja a que menos faça a caridade.

A ARTE DE ENVELHECER

Por **ONDINA FERREIRA** --- Autora de "Inquietação"
Especial para a **"REVISTA DA SEMANA"**

SE eu tivesse tempo e paciência, escreveria um livro a que daria o título sugestivo: "A Arte de Envelhecer". Seria um livro de muitas páginas, pois o assunto é complexo e atraente. O sonho da juventude duradoura tem inflamado a imaginação dos homens através dos séculos. Apenas dos homens? Parece que a idéia da velhice chegou a impressionar aos deuses do Olimpo. O historiador grego Pausanias refere-se à fonte onde Juno se banhava para manter Júpiter preso à sua mocidade e sua beleza. E se as deusas temiam que o tempo lhes roubasse os encantos, com maior razão se assustam os mortais diante dos que Popéia, mulher de Néro, procurava conservar a mocidade banhando-se em leite de jumenta. David, o rei poeta da Judéia, acreditava que a convivência com jovens formosas lhe comunicasse nova estragos trazidos pelos anos. Conta-se vitalidade aos membros alquebrados.

Na Idade Média, os alquimistas inventaram as mais estranhas beberagens para preservar o corpo da decadência. Os sábios encaneciam, debruçados sobre retortas e cadinhos, tentando descobrir, juntamente com a pedra filosofal, um elixir de longa vida, que restituisse a juventude perdida. Goethe inspirou-se nessa ansia profunda de retorno à mocidade para escrever "Fausto", a tragédia do homem que deu a alma ao demônio, para sentir, outra vez, o calor da mocidade circulando nas veias. Acho que, mesmo em nossos dias, muita gente estaria disposta a realizar transação semelhante. La Rochefoucauld escreveu: "L'enfer des femmes, c'est la vieillesse". Atrevo-me a acrescentar, diante de muita vaidade masculina mal disfarçada: das mulheres apenas?

A alquimia falhou. Nem a pedra filosofal, nem o elixir da longa vida saíram dos laboratórios sombrios e fumacentos. Porém, a idéia do rejuvenescimento não foi abandonada. Práticas cruéis, como a transfusão de sangue jovem, voltaram a ser postas em uso durante a Renascença. Nos bastidores da história registraram-se fatos tais como o de ter sido injetado sangue de três crianças nas veias do papa agonizante Inocêncio VIII.

O descobrimento da América fez reviver o mito da Fonte da Juventude. Com a imaginação inflamada, navegadores lançaram-se à descoberta da fonte fabulosa,

que deveria correr, algures, nessas regiões ricas e virgens. Ponce de Leon, governador de Porto Rico, espírito inquieto e aventureiro, no seu desejo de "mirar algo nuevo", sulcou mares, anos seguidos, em busca do manancial de águas milagrosas. Ao acaso de suas explorações, descobriu a Flórida, cujas belezas maravilham seus olhos desencantados. "Graças te sean, mi S. Juan benito, que he mirado algo nuevo". Aludindo ao fato, em certa página magistral, Eça de Queiroz conta que Ponce de Leon morreu de emoção na manhã de grande sol em que contemplou as costas verdes da Flórida. Na verdade, o navegador espanhol sobreviveu ao deslumbramento e prosseguiu em suas viagens à procura da Fonte da Juventude. Pesquisas vão, pois, até hoje, ninguém conseguiu localizá-la...

Quem sabe? Não teriam provado de suas águas rejuvenescedoras algumas mulheres célebres do século XVII, cujos nomes são lembrados, principalmente, porque elas souberam cultivar a arte maravilhosa de parecer sempre jovens e belas? Segundo relata Mme. de Lafayette, Diana de Poitiers, favorita de Henrique II da França, já madura, mostrava-se com todas as prendas que poderia ostentar sua neta, Mlle de la Marck, em idade de casar. E que dizer de Ninon de Lenclos que, aos sessenta anos, ainda despertava paixões e arrastava cortejos no seu rastro perfumado?

A era da alquimia encerrou-se definitivamente com Cagliostro, que inventou uma Tintura da Juventude, e que, misturando segredos médicos e ciências ocultas, foi condenado pela Inquisição como "iluminado". Daí por diante, sublimado a arte dos alquimistas, a medicina multiplicou experiências na intenção de obter a chave do problema da longevidade. Uma nova ciência foi criada — a gerontologia — a ciência da velhice. Conceberam-se teorias diferentes para explicar a origem do envelhecimento. Segundo Revellé Parisse ela estava nos pulmões. Para Cazales, na perda da elasticidade das artérias. Sir James Paget, famoso médico inglês, responsabilizou a fadiga como causa da senilidade. Brown Séquard fez as primeiras experiências com os homônios. Metchnikoff doutrinou que, envenenando o organismo, a auto-intoxicação intestinal apressava a velhice. A influência dos seus ensinamentos foi tal

Bernard Shaw, o escritor de velhice gloriosa e lúcida, que ainda há pouco traçava, com muita finura e acuidade, o necrológio de H. G. Wells. E aos noventa anos escreveu a propósito das condenações de Nuremberg uma página de rara lucidez e de audácia juvenil.

que muitos velhos chegaram a extrair o "colon", no desejo frustrado de se tornarem mais jovens. Carrel convenceu-se, depois de repetidas pesquisas, de que o processo do envelhecimento se caracterizava por um acúmulo de toxinas no san-

gue. Voronoff transplantou no homem glândulas sexuais de chimpanzés e bugios. Mas nem as injeções de hormônios, nem os fermentos búlgaros, nem os enxertos

(Continua na pág. 58)



Da esquerda para a direita: Ticiano teve uma velhice gloriosa, pintando muitas obras primas com os cabelos já brancos. Handel, o grande músico, que foi um dos exemplos da longevidade ativa e gloriosa. A rainha Vitória, da Inglaterra, viveu 82 anos e reinou 64 — o mais longo de todos os reinados da história da Inglaterra.



Os cartazes do teatro de revista apresentaram "Homem, não!", com Oscarito e Pedro Dias, e "Eu quero é rosetar", com Emilinha Borba e Jorge Veiga, dois cartazes do rádio. Como sempre, predominaram os cenários de mau gosto. Na parte cênica, muita piada pesada e algumas sátiras felizes...

O ANO TEATRAL COMEÇOU ASSIM...

O ANO TEATRAL começou animado. Em janeiro de 1947, todas as nossas casas de espetáculos estavam abertas. No Serrador, Procópio. No Regina a senhora Heriette Risner Morineau. No Fenix, de onde Maria Sampaio acabava de sair, a brilhante atriz Alma Flora. No Rival, Alda Garrido, que ia desocupar o palco para Mesquitinha. No Ginástico, "Os Comediantes" já planejando o início de uma temporada popular no João Caetano. No Recreio, Oscarito e Mara Rúbia, além de Pedro Dias, Walter D'Ávila e outros. No João Caetano, Aracy Côrtes. No Carlos Gomes, Emilinha Borba, Jorge Veiga e outros. E no Glória "O que matou por amor", um espetáculo de gênero novo, com Luis Tito, Wahita Brasil, Saddy Cabral e outros.

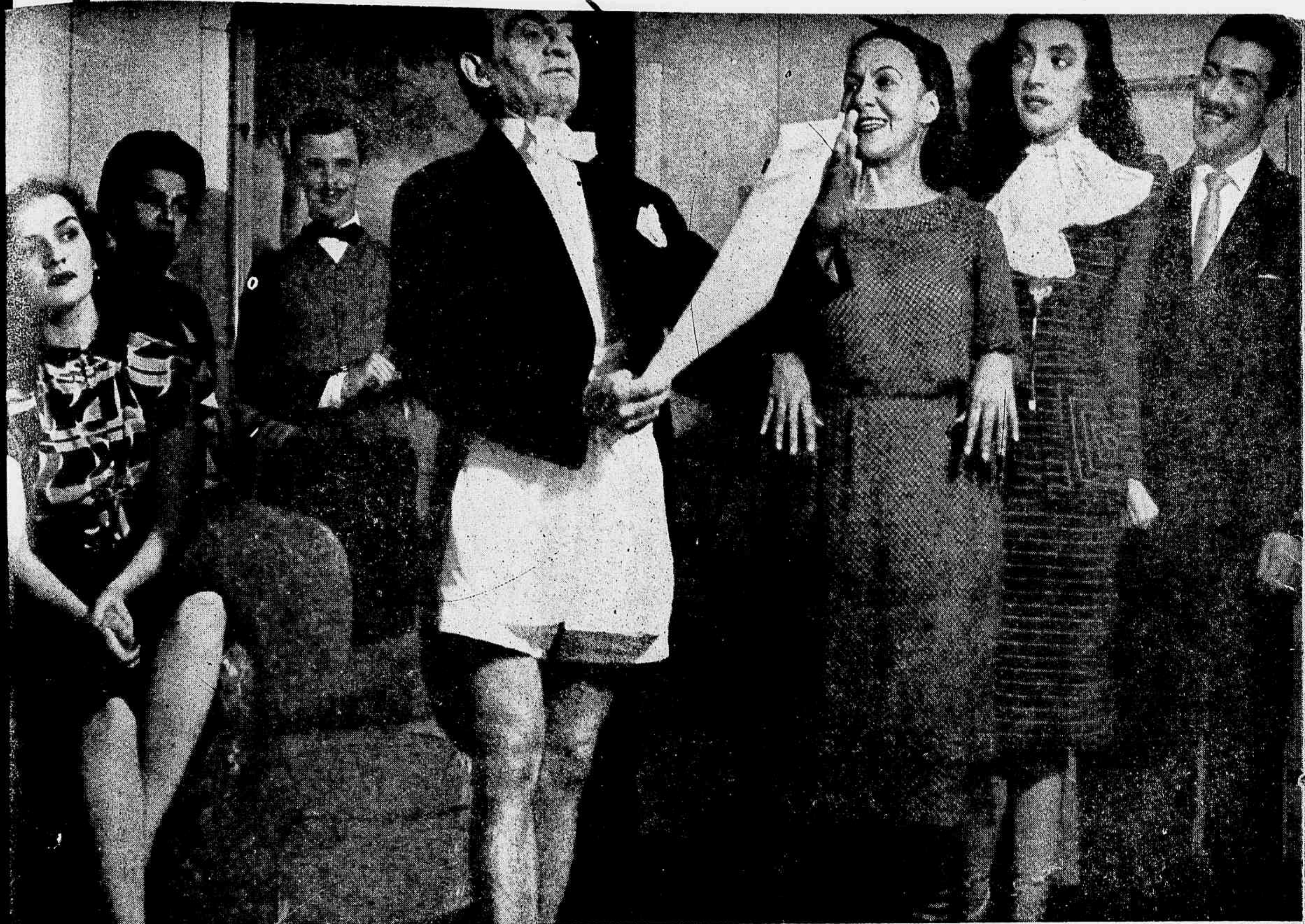
Sucessos e insucessos de 1947 — Muito calor e muita chuva, as alternativas do mês de janeiro — Peças de resistência: "Desejo" e "Mademoiselle" — Uma novidade auspiciosa: a volta de Mesquitinha.

Por MARCELO TORRES
(Especial para REVISTA DA SEMANA)

Desses espetáculos muitos não vingaram. Foram meteóricas algumas peças, como "Tudo azul", que logo azulou do cartaz; "O que matou por amor", que, por sua vez, morreu de falta de público; "Quero ser feliz", desejo muito justo, mas

infelizmente não atendido, — além de outras. Por que? Porque, nos primeiros dias de janeiro quando não havia chuva torrencial havia calor de rachar. Além das chuvas torrenciais e do calor, havia ainda a agitação política, os comícios

quase diários em todos os bairros e o natural receio de turbulências por parte dos espectadores mais tímidos. "O que matou por amor", a peça de Celestino Silveira e Berliet Junior, embora interessante na fatura, original na montagem, excelente na interpretação, e ainda que assinada por dois grandes nomes do nosso rádio, não pôde vencer o calor, a chuva e os comícios. Alma Flora, uma grande atriz que tem o direito a uma oportunidade melhor nos teatros do Rio, desistiu igualmente, de vencer esses obstáculos. O Carlos Gomes mudou depressa o cartaz. Aracy Côrtes fez uma aparição meteórica no João Caetano na revista "Eu quero é confusão", que logo deixou o cartaz, sob o mais disfarçado pretexto de que havia



O infeliz deputado Barreto Pinto, o número cômico oferecido ao Congresso Nacional pelo partido Trabalhista Brasileiro, — de que é líder o ex-ditador Getúlio Vargas, — continua a ser motivo humorístico das revistas carnavalescas. No ano passado, foi explorado numa das peças levadas à cena por Dercy Gonçalves. E aí está ele de novo em trajes menores, em cima, na farsa de Alda Garrido e A. Alencastre, "A Gilda do Barreto", representada em janeiro no Rival por aquela atriz popular, em em baixo, na revista "Eu quero é confusão", que cedo naufragou no João Caetano, embora tivesse à frente do elenco a atriz Aracy Côrtes, que já foi rainha dos teatros da praça Tiradentes...



compromisso anterior do teatro impedindo o prolongamento de sua carreira.

O próprio Procópio Ferreira, ator de renome e de prestígio há longo tempo estabelecidos para enfrentar a chuva, o calor e os comícios leve de recorrer ao expediente de mudar sucessivamente o cartaz, entrando o mês de janeiro com "Sua excelência, o criado", estreada em dezembro, e dando em rápida sucessão quinzenal "Maria Cachucha", de Joracy Camargo e "O Arranha-céu", uma adaptação de Matheus da Fontoura, extraída de um tema norte-americano. No Regina o conjunto denominado "Artistas Unidos", que a senhora Henriette Risner Morineau dirige e com o qual também atua, enfrentou galhardamente o mais duro período, — o da combinação da propaganda eleitoral com a chuva e o calor, — sustentando no cartaz sua segunda peça "Mademoiselle", de Jacques Deval. Essa persistência é digna de nota, porque parece revelar uma compreensão exata do momento. Mudar o cartaz cu não mudar, naquela altura daria no mesmo. E atravessando o momento crítico os Artistas Unidos parecem ter firmado no seu programa um novo êxito que se prolongará por muitas semanas mais. Os Comediantes que também sabem perseverar, desbarataram seu maior êxito de todos os tempos, "Desejo", a obra-prima de Eugene O'Neill, quando sentiram que "A Rainha Morta" de Henri de Montherlant fraquejara no cartaz de maneira irremediável. Não só levaram essa peça pelo mês de janeiro a dentro, no Ginástico, como ainda foram representá-la a preços populares no João Caetano tão cedo Aracy Côres o desocupou. Representar no Rio de Janeiro, nesta época do ano, é um verdadeiro heroísmo. Os atores e atrizes já mais ganharam com maior gasto de suor o pão nosso de cada dia. O público não deve pensar que é o único herói ao sair de casa numa época como esta e passar duas horas num teatro. Os piores dias, aliás já passaram, para os atores e para o público. Uns e o outro devem merecer aplausos pela constância com que cultuam o teatro. A lista das iniciativas que abriram o ano teatral temos que juntar uma, que é a mais nova de todas. Essa iniciativa recentíssima é a que assinalou a estréia de Mesquitinha no Rival depois de Aída Garrido, com a peça vaudevillesca "O garçom do casamento" de Carlos Bittencourt e Miguel Santos. Mesquitinha alcançou um grande êxito ao reaparecer na Cineândia como ator de comédia e sua criação, naquela obra cômica, foi muito feliz e verdadeiramente hilariante. Para um ator que não se apresenta com pretensões de ordem intelectual, mas apenas com o empenho de divertir o público, que é que se pode desejar mais?

Neste momento estão fechados o Ginástico, o Glória e o Fenix. Mas a verdade é que todos eles assistiram ao nascimento do Ano Novo ocupados por companhias teatrais. O teatro nem só êxitos conquire e mesmo os artistas mais populares e as peças mais interessantes não podem, às vezes, vencer as adversidades que a gente do palco quando não atribui à chuva ou ao calor, ou a outro motivo concreto, geralmente leva à conta do azar.



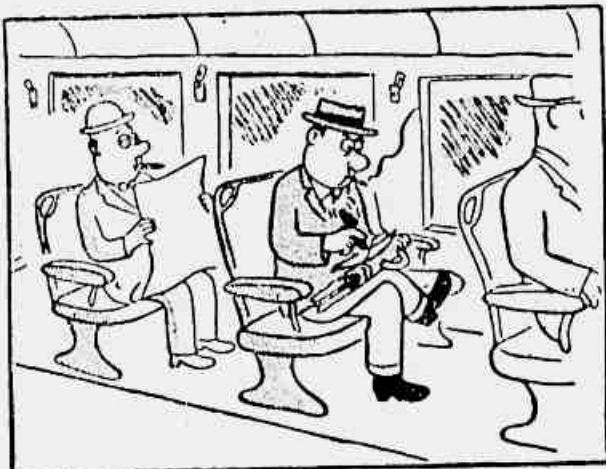
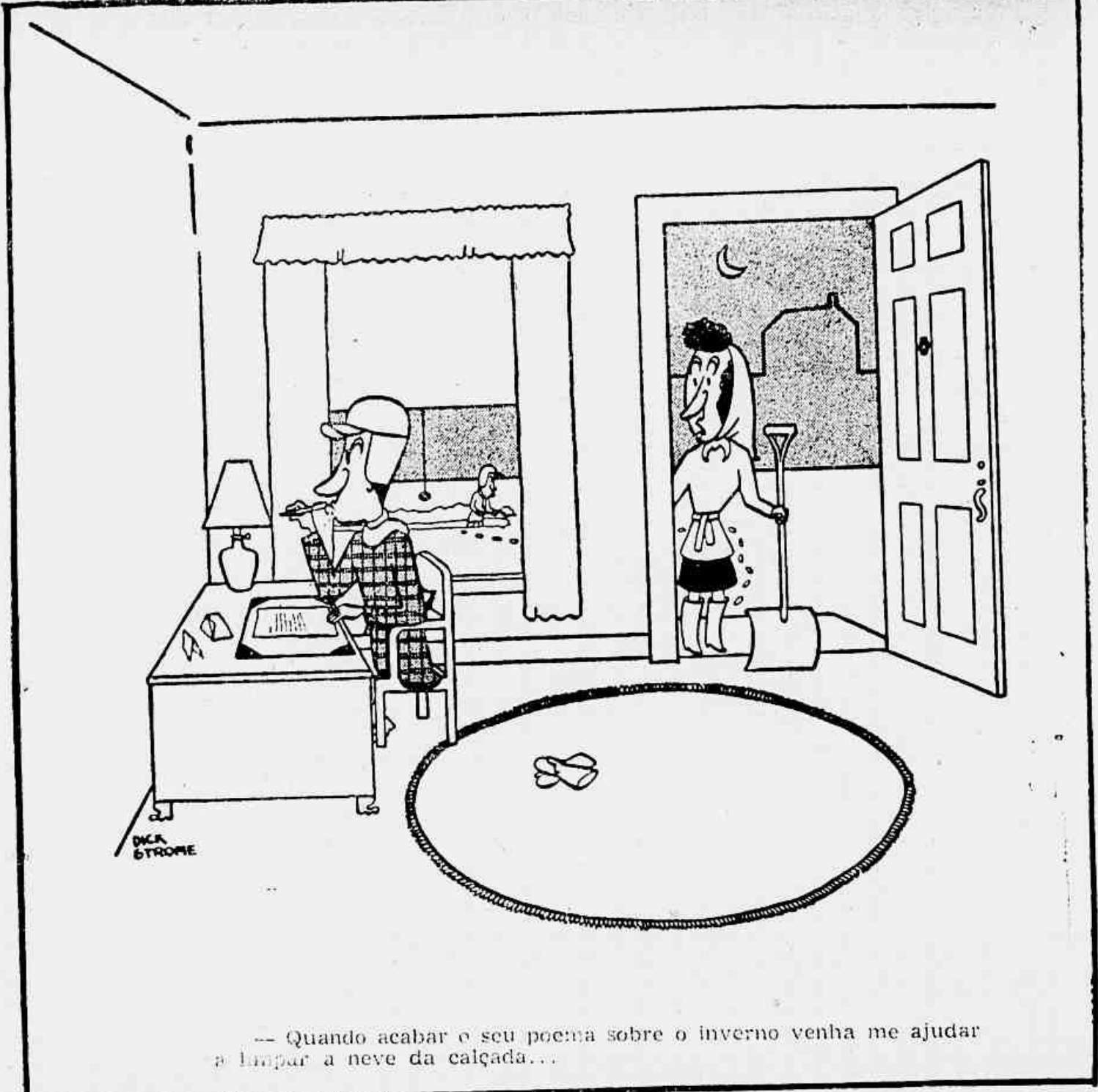
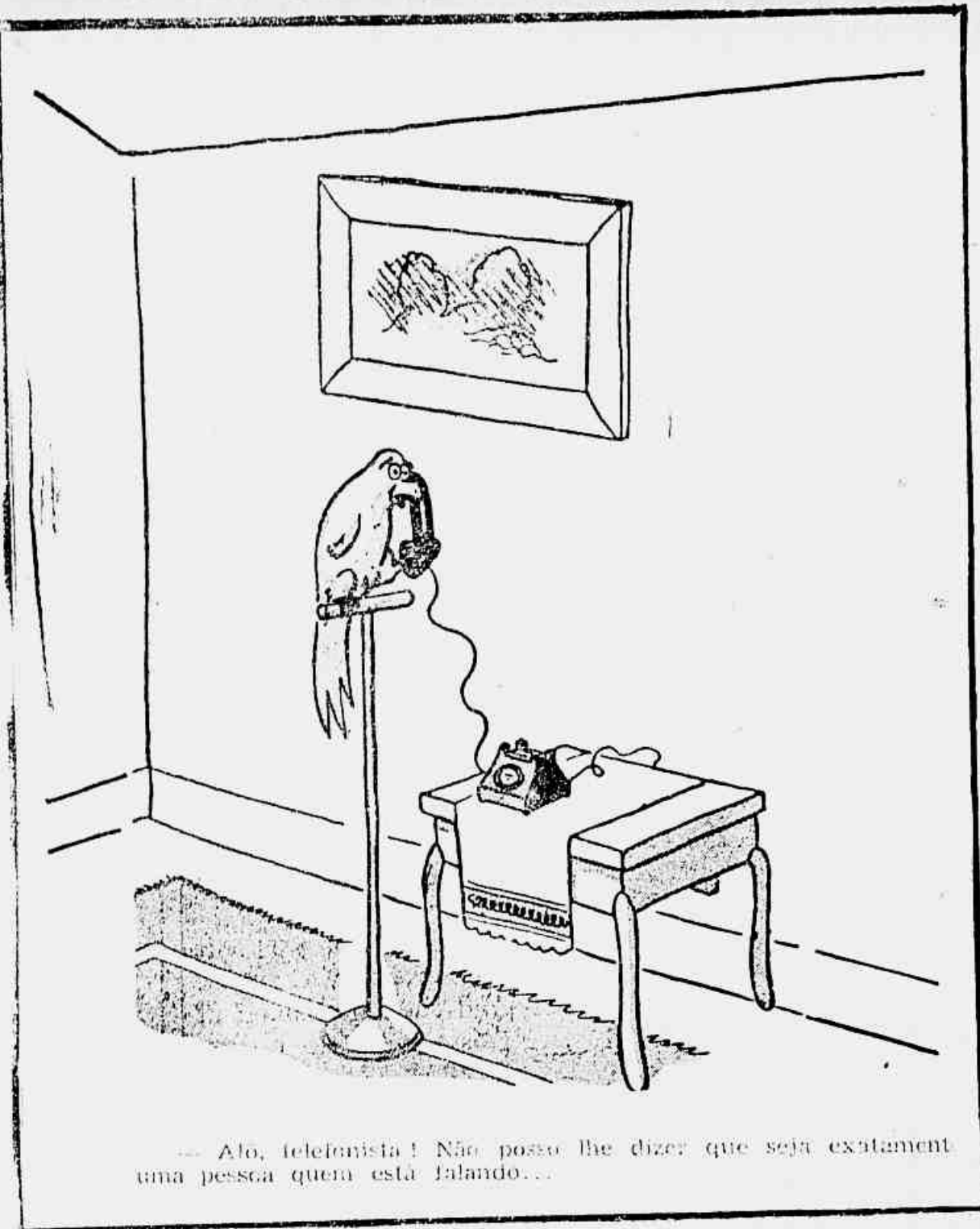
Em cima, Procópio Ferreira, o nosso maior ator cômico, em "Sua excelência, o criado", uma sátira política oportuníssima, ao lado de Susanna Negri, sua notável colaboradora em "Ciúmes" (peça que está sendo filmada com Bette Davis, Paul Henreid e Claude Rains); ao centro: Manuel Pera, Flora May e Henriette Risner Morineau, em uma cena de "Mademoiselle", o segundo êxito da companhia dos Artistas Unidos (na qual Luiza Barreto Leite tem, também, notável atuação); e, em baixo, o escritor radiofônico e teatral Berliet Junior, que se revelou um ator naturalíssimo, numa cena da peça que escreveu com Celestino Silveira, "O que matou por amor", contracenando com a encantadora e jovem atriz Lourdinna Bittencourt.



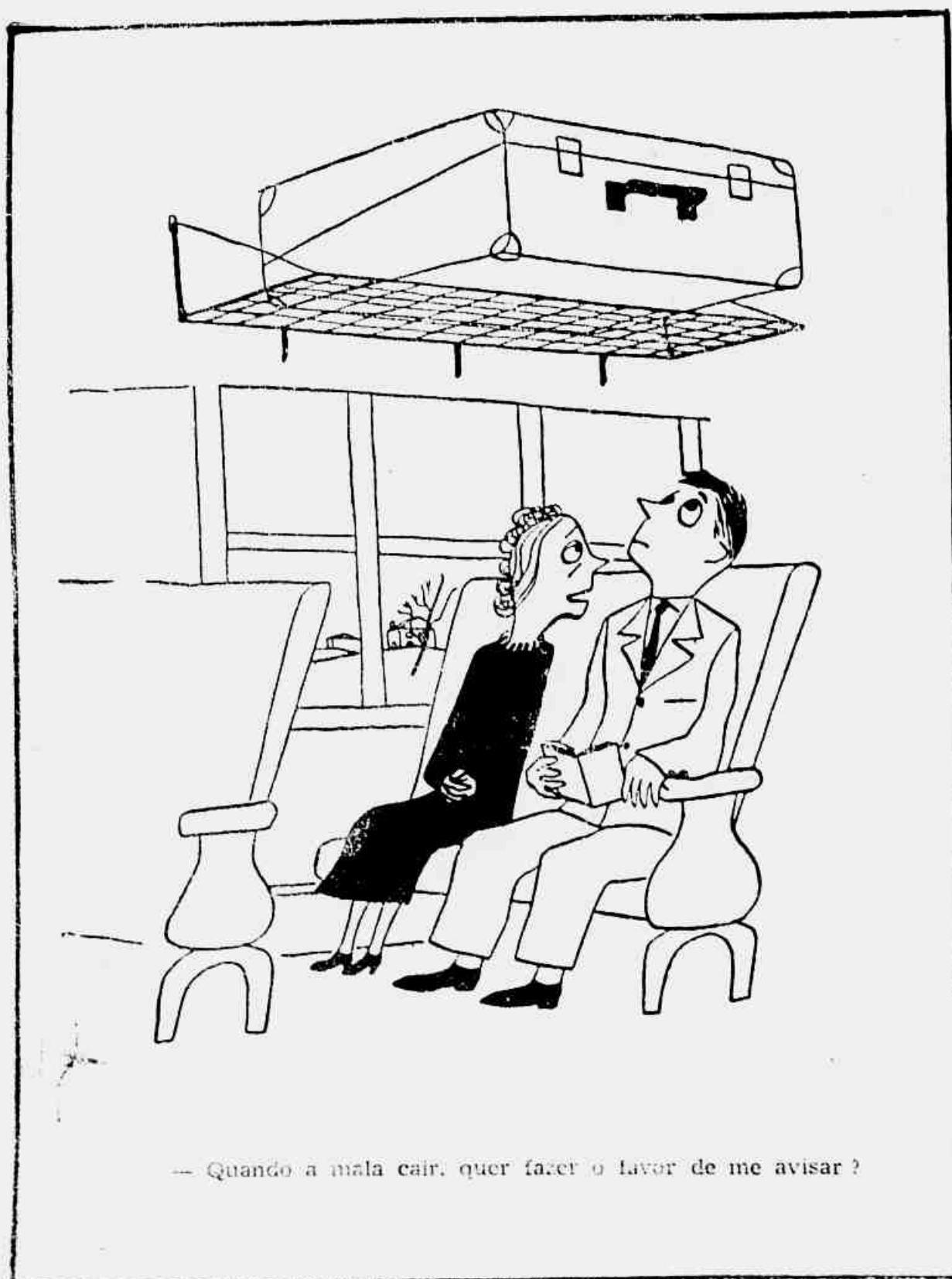


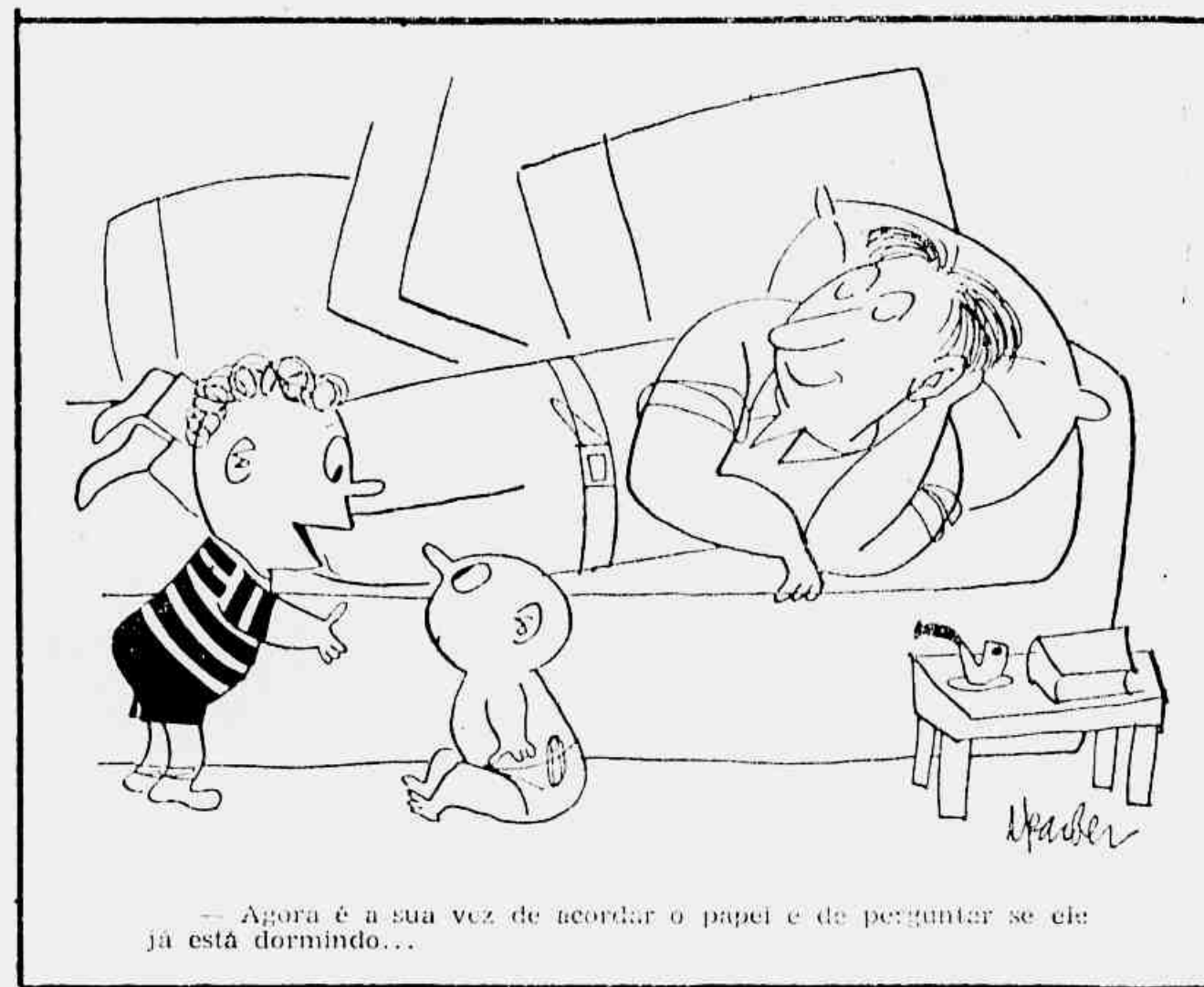
Em cima: Mesquitinha, cujo reaparecimento na Cinelandia marcou um acontecimento significativo no início do ano teatral, com uma peça divertidíssima, "O gargon do casamento"; e Olga Navarro e Sandro Polônio, a dupla central de "Desejo", a grande obra dramática de Eugene O'Neill, sem dúvida um dos êxitos mais significativos do alto teatro no Brasil nos últimos anos. Em baixo, uma cena de "Quero ser feliz", com Alma Flora, Vina de Souza, Edmundo Lopes, Sali de Carvalho e Arnaldo Coutinho, dada no início de janeiro no Fenix, em seguida fechado, por ter decidido a companhia esperar melhor época para o seu reaparecimento, sem chuva, sem calor e sem comícios...





B O M H U M O R







ESCOLA SUPERIOR DE COMERCIO

Em brilhante solenidade, foi realizada, a 18 de janeiro último, no Teatro Municipal, a colação de grau dos novos contadores e técnicos de administração da Escola Superior de Comércio. 203 contadores e 13 novos especialistas em serviços administrativos receberam seus diplomas numa das mais bonitas cerimônias para tal fim já efetuadas no Rio, e que mais avultou de significação pela homenagem prestada ao grande estadista Franklin Roosevelt, feito patrono da turma de diplomandos. Grande assistência enchia totalmente a nossa primeira casa de espetáculos. A mesa estava formada pelos senhores dr. Orestes T. Xavier de Brito, diretor da Escola, representante do Embaixador dos EE. UU., representante da Faculdade de Ciências Econômicas do Rio de Janeiro, dr. Spínosa Rothier, paraninfo da turma, João Martins, secretário da Escola, professores Radamés Moreira, Firmo Pereira da Silva, Diógenes A. do Nascimento, Jean Achar, Carlos de Azevedo, Heleno Santiago, Luiz Vitoria, Augusto Boa Morte. Após o ato solene do juramento e a entrega dos diplomas, foi lido o discurso do orador da turma, contadorando Maurício Amorim de Magalhães, seguindo-se com a palavra o dr. Spínosa Rothier, paraninfo, que proferiu uma bela oração alusiva ao ato.

Nesta página damos quatro aspectos da linda festa, o primeiro, ao alto, do palco do Teatro, vendo-se a mesa ricamente ornada de flores naturais e seus ocupantes, os dois seguintes à esquerda, dos diplomados, e em baixo, do dr. Spínosa Rothier quando discursava.





Olga San Juan, a jovem artista de "Romance inacabado", falando a Luis Serrano, correspondente especial de REVISTA DA SEMANA em Hollywood.

INFLUENCIAS BRASILEIRAS NA CARREIRA DE OLGA SAN JUAN

DEVÔ muito do meu sucesso e da minha carreira às influências propícias do Brasil, — disse-me Olga San Juan, a jovem, brilhante e versátil cantora, dançarina e intérprete fiel de canções espanholas, brasileiras e latino-americanas, "descoberto" pelos agentes da Paramount quando atuava no famoso "night club" Copacabana, de Nova York.

E para demonstrar o que dizia, Olga San Juan foi contando a história de sua carreira.

Essa nova "estrela" de Hollywood é filha dos portorriquenhos Luis e Mercedes San Juan, tendo nascido, porém, em Nova York, no dia 16 de março de 1927. Quando tinha apenas a idade de três anos, a família passou a residir em Santurce, em Porto Rico. Mas, quando a pequenina Olga completou seus cinco anos de idade, seus pais voltaram para Nova York. Nesta grande cidade Olga San Juan frequentou o Spanish Neighborhood School. Mais tarde, com a doença de seu pai, ela se viu obrigada a abandonar os seus estudos e procurar trabalho para a manutenção da família. E como tinha apenas pendoros artísticos procurou, naturalmente, o palco e o rádio para desenvolver suas atividades profissionais. Em companhia de um amigo, Esteban Roig, Olga San Juan se dedicou ao estudo de música popular, dedicando-se de corpo e alma ao bolero e outros ritmos de músicas latinas. Foi então que iniciou uma série de representações dominicais no El Marocco.

Nascida em Nova York, a bomba atômica da Paramount foi criada em Porto Rico — Aprendeu o samba com Fernando Alvarez — Do "show" do Copacabana aos estúdios de Hollywood.



Por LUIS SERRANO

(Correspondente especial de REVISTA DA SEMANA em Hollywood).

Mais tarde, por intermédio de outro amigo, o Dr. Roquez, homem de grande influência nos círculos artísticos de Porto Rico, que já havia patrocinado muitos outros espetáculos com inúmeros artistas, Olga San Juan teve a oportunidade de apresentar um "show" no Hotel Astor, em Nova York, durante o qual fez representar boleros e números cômicos. E, diga-se de passagem, foi durante esse espetáculo que ela assinou um contrato com o "night-club" Copacabana. Mais tarde, Fernando Alvarez, o popular cantor que trabalhou longo tempo no Copacabana,

fez camaradagem com ela, tendo Olga San Juan a oportunidade de aprender com ele algumas noções de português e várias canções brasileiras.

Graças a isso é que ela as interpreta hoje fluentemente. E queremos salientar aqui nesta ligeira biografia de Olga San Juan que foi durante um "show" no Copacabana, no qual interpretou canções brasileiras, que os "descobridores" de talentos artísticos da Paramount tiveram a sua atenção despertada pelos seus dotes artísticos.

Uma nota bastante trágica, assinalou-se, porém, logo no início da carreira artística de Olga San Juan. Seu pai falecera. Na noite do fatídico acontecimento ela estava apresentando um espetáculo. E a prova de que leva a sua profissão muito a sério é que só deixou para chorar a perda de seu progenitor e enlutar a alma pelo desaparecimento desse ente querido, depois de haver apresentado o último número daquela noite...

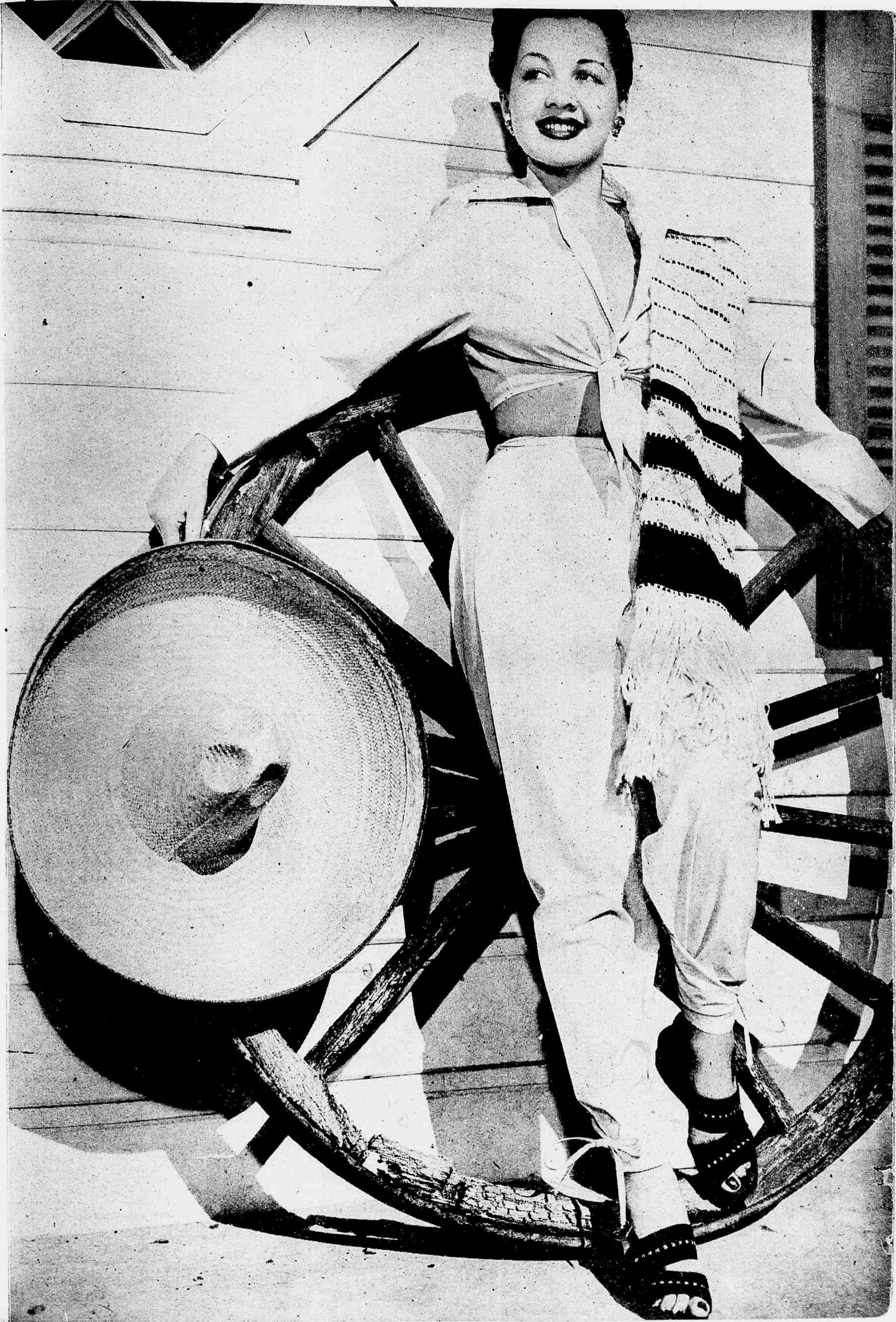
No repertório dessa dançarina e cantora popular podemos ressaltar as canções afro-cubanas, danças típicas e sambas brasileiros. Muitos desses seus sucessos musicais foram por ela interpretados em Hollywood e "night clubs" famosos dos Estados Unidos, bem como em programas radiofônicos, muitos dos quais foram irradiados para toda a América Latina. Eu já a ouvi e confesso que me pareceu excelente a sua interpretação.

(Continua na pág. 54)



Aqui está, nestas duas páginas, em várias atitudes, a pequena latina de Nova York, cuja carreira artística tem sensíveis influências no Brasil. Olga San Juan, que é uma verdadeira bomba anatómica, mostrou-se estusiasmada quando eu lhe disse que suas roupas, nestas fotos, bem poderiam ser copiadas pelas foliãs cariocas para o próximo carnaval...







Em cima, à esquerda, a chegada da primeira urna eleitoral ao Instituto de Educação, local da apuração do pleito carioca; o juiz Hugo Auler, recebendo uma urna, do presidente de uma das mesas que mais rapidamente terminaram seus trabalhos; à direita, o primeiro magistrado da Nação, general Eurico Gaspar Dutra, saindo da cabine indevassável; em baixo, o ex-ditador e hoje senador Getúlio (Voto Não Enche Barriga) Vargas, quando deixava a sua assinatura na mesa eleitoral em que votou...

AS ELEIÇÕES DE 19 DE JANEIRO

Num pleito livre, cercado de todas as garantias, cumpriu-se uma nova etapa da redemocratização do país

TODOS os louvores serão poucos para exprimir com justiça o muito que ficamos a dever ao presidente da República, general Eurico Gaspar Dutra, pelo belo testemunho de isenção que ofereceu ao país, presidindo à realização do pleito mais livre e mais honesto da nossa história republicana. Assumindo o papel de um verdadeiro magistrado, o presidente da República teve apenas uma preocupação, — a de zelar pela lisura do pleito, cercado-o de todas as garantias e evitando quaisquer atos de coação. Depois de um prolongado período, em que ora era suprimida a manifestação das urnas, ora havia ostensiva intervenção do governo nos pleitos, — e foi bem isso o que aconteceu no reinado do Sr. Getúlio Vargas, — tivemos agora um pleito na verdade edificante, com a manifestação livre do eleitorado, para a complementação da vida constitucional do país. Do extremo Norte ao extremo Sul do país, as eleições decorreram em ambiente de absoluta calma e normalidade, registrando-se apenas um ou outro incidente de escassa significação, o que de nenhum modo pôde ser levado em conta, em face do ambiente geral de tranquilidade e ausência de compressão. Figuras nesta página ao lado deste registro necessário, porque justo, vários flagrantes tomados quando votavam, no Rio de Janeiro, algumas figuras de grande destaque do cenário político e social do país.





Em cima, à esquerda: o ex-presidente da República e atual presidente do Supremo Tribunal e do Superior Tribunal Eleitoral, Sr. José Linhares, quando votava; à direita, o tenente brigadeiro Eduardo Gomes, o herói da memorável campanha de libertação, cumprindo o seu dever de eleitor; ao centro, o ministro da Guerra, general Canrobert Pereira da Costa, dando o seu voto; em baixo, à esquerda, o almirante Silvio de Noronha e, à direita, Sua Eminência, o cardinal-arcebispo D. Jayme de Barros Camara, votando para senador e vereadores do Distrito Federal.



EM 1871 estreava em S. Luis do Maranhão mais um poeta na terra de tantos bons poetas presididos pela grande musa de Gonçalves Dias. Chamava-se o estreante Arthur Azevedo. Lançava à publicidade livro de versos intitulado "Carapuças".

Tal título nada tinha a ver com o barrete de forma cônica que durante tempos e tempos muita gente enfiou na cabeça, preparando-se para dormir a sono solto ou interrompido.

A carapuça, no seu sentido satírico, ninguém a quer enfiar, repelida logo pelos que temem não vá a carapuça estar na justa medida da cabeça.

Sendo da espécie para alguns, as "Carapuças" talhadas em 1871 por Arthur Azevedo acabaram causando-lhe desgostos e vinditas. Em parte contribuíram para a sua resolução de sair da terra natal em busca de meio maior e mais tolerante.

Quanto sucedeu ao poeta sucederia a seu irmão Aluisio, o prosador, ao publicar no Maranhão o seu romance "O Mulato", de páginas picando suscetibilidades.

O poeta e o prosador entenderam fraternalmente buscar vida extra-provinciana na qual irritabilidades não estivessem tão a flor das vaidades feridas.

Eis Arthur Azevedo no Rio de Janeiro do após guerra do Paraguai, que afligiu o Brasil sem arruiná-lo as guerras de sorvedouro financeiro.

No alegre Rio de Janeiro de 1875, o talento literário de Arthur Azevedo encontrou logo dois campos de ação, o jornalismo e o teatro, a cidade carioca rica de gazetas e palcos.

A princípio aparecendo na imprensa sob pseudônimo, a meia máscara literária, Arthur Azevedo usando nome próprio tornou-se em breve popular por meio do teatro e de um atozinho subido à cena na "Phenix Dramática".

Chamava-se a peça "Uma Véspera de Reis", montada com pouca despesa pelo empresário Heller, que morreu pobre e digno, tendo ganho rios de dinheiro. Isto prova que tais rios seguem a sorte das correntes fluviais, vão águas abaixo.

Agradando em cheio ao público da "Phenix", a "Véspera de Reis" popularizou o seu autor. Era peça de costumes, pouco antes apresentada no "Teatro São João" da cidade do Salvador, peça nova porém para o carioca sempre morrendo por novidades para apreço ou troça, mais disposto debicativamente a rir que a chorar.

Embora já menos tradicionalista que as províncias do Brasil, a capital do Império gostava de ser brasileira. As primeiras infiltrações do cosmopolitismo ora tão avassalador do Rio de Janeiro não ameaçavam o cerne nacional.

Sabe-se quanto o êxito das obras teatrais depende da qualidade de intérpretes e da cotação destes junto do público.

Arthur Azevedo encontrou no Rio de Janeiro o protagonista desejável para "Uma Véspera de Reis" na "Phenix Dramática" e tendo música de Colás.

Era Xisto Bahia, ator inteiramente metido na pele de Bermudas, o fazendeiro de Camamu, Xisto a viver as cenas da peça tendo-as desde de infância vivido na terra natal bahiana.

A vida literária em 1875 podia render dinheiro a editores ou empresários, a autores e teatrólogos, não. Arthur Azevedo buscou pois um ponto de apoio para a vida de dia a dia. Teve-o em função burocrática de amanuense na mais literária das Secretarias de Estado, a da Agricultura, o seu corpo de funcionários reunindo não poucos literatos consagrados.

No jornalismo carioca multiplicou-se Arthur Azevedo em produções de vária espécie, na crônica, no conto, uma vez por outra na polêmica, e mais, utilizando-se de vários pseudônimos. O rol de trabalho de pena de Arthur Azevedo caiba a bibliografista da constância de um Simões dos Reis.

Tratemos apenas de relembrar Arthur Azevedo, o amigo que nos quis e que em santidade nos é caro.

Dizer dele quanto a palco é força a reconhecer que poucos se lhe igualam no interesse pelo teatro entre nós, não faltando quem o acusasse de pervertê-lo, por meios de suas produções.

Arthur Azevedo apresentou produções dos mais diversos gêneros, peças originais, peças em colaboração, operetas burlescas ou não, óperas cômicas originais ou traduzidas,

Arthur Azevedo — (S. Luis do Maranhão 1855 — Rio de Janeiro 1908)



ARTHUR AZEVEDO

ESCRAGNOLLE DORIA

peças cômico-líricas, operetas de costumes, comédias em verso, não faltando à enumeração o drama "O Escravocrata" em colaboração com Urbano Duarte. Tal drama foi declarado por seus autores "o pequenino impulso de suas penas para o desmoronamento da fortaleza negra da escravidão".

Por conta própria ou associado a Moreira Sampaio, Artur Azevedo acostumou o público do Rio de Janeiro a esperar pela revista de ano, esta a repassar sucessos ou a focalizar tipos conhecidos daquele público. Indo mal 31 de dezembro encerrava Ano Velho, fresca a memória da população quanto àqueles sucessos ou àqueles tipos característicos ou ridículos.

Para o público carioca as revistas de ano constituíam tal ou qual sabatina sem discussão, abrangendo todas as semanas do ano anterior.

Em janeiro de 1884, o teatro "Príncipe Imperial", ora "Teatro São José", levava a palco a revista cômica "O Mandarin" chamada fluminense pelos seus co-autores, Arthur Azevedo e Moreira Sampaio. O título da revista recordava a passagem de um mandarim autêntico pelo Rio de Janeiro de 1883.

Na época a cidade fora também visitada por nada menos de cinco prestimanos, um deles, Compars Hermann, o rei dos prestidigitadores e o prestidigitador dos reis, estes bastante o condecorando.

Uma das mais aplaudidas cenas de "O Mandarin" reunia cinco prestidigitadores Hermann figurado por um cômico de excelente ordem, o ator Peixoto.

Hermann — Peixoto dirigia-se ao Mandarin perguntando-lhe se desejava amostra de talento prestimanos. E acrescentava: "Vou fazer uma sorte que tem causado assombro em todas as partes do mundo e por causa da qual fui condecorado um sem número de vezes!" Era a sorte dos nós, nos lenços, explicada pelos rivais de Hermann, exclamando isto: Que deslealdade, que falta de espírito de classe?

Interpretado por bons cômicos bem caracterizados, diante de um público que concorrera aos espetáculos de Hermann, Mottini, Bosco, Jap of Japs e do conde Patrício de Castiglione a cena hilariava a valer.

E como estas quantas outras cenas nas revistas de ano do fim do Império e do início da República. Quem souber Rio Antigo poderá por aquelas revistas estudar muita coisa da capital brasileira.

Revista de 1891, numa só palavra "O Tribofe", lembrava a época do "Encilhamento", a orgia financeira dos primeiros dias da República. Na revista de 1894, "O Major", Arthur Azevedo recordava Floriano, popularmente tratado por aquele posto, por sua vez o autor da revista um florianista de convicção.

Mas não só na revista fotografou Arthur Azevedo o Rio de Janeiro, também no conto, alguns de seus contos sob aparência de singeleza de irônico alcance filosófico, de acordo com o temperamento do autor.

Expondo na imprensa fatos do dia, Arthur Azevedo, usando o pseudônimo de "Gavroche", resumia-os em quadrinhas esperadas por bastante curiosidade pública. Alguns exemplos.

Em 1899 falecia o visconde de Taunay, nascido no Rio de Janeiro, na rua do Rezende. Houve movimento a favor de passar a rua a ter o nome do epopeizador da "Retirada da Laguna". Neste sentido um projeto no Conselho Municipal concretizou a ideia popular. O projeto foi vetado pelo prefeito, alegando a inconveniência de mudar o nome de logradouros tradicionais. Agora...

Arthur Azevedo aplaudiu nesta quadrinha:

Vão dar à rua do Rezende
O nome ilustre de Taunay
Sim Sr. isto se compreende
Ninguém perguntará, quem é?

Do grande passado ao risonho outra quadrinha gavrochiana, comentando a resistência de Porto Arthur, o porto chinês sitiado pelos japoneses combatendo os russos.

Cai a neve nos telhados
Pelas noites hibernais
Cai piretro nos insetos
Só tu Porto Arthur não caís.

— Leste o que disse o Arthur? Assim muitos se interpelavam no dia da publicação da quadrinha de "Gavroche" nas colunas de "O Paiz".

Ao morrer um arcebispo de Toledo, surgiu esta quadrinha tracadilhista da musa gavrochista:

Chega o crítico momento,
Vem a morte de emboscada
E o cardeal Vives y Tuto
Passa a ser Morres e Nada.

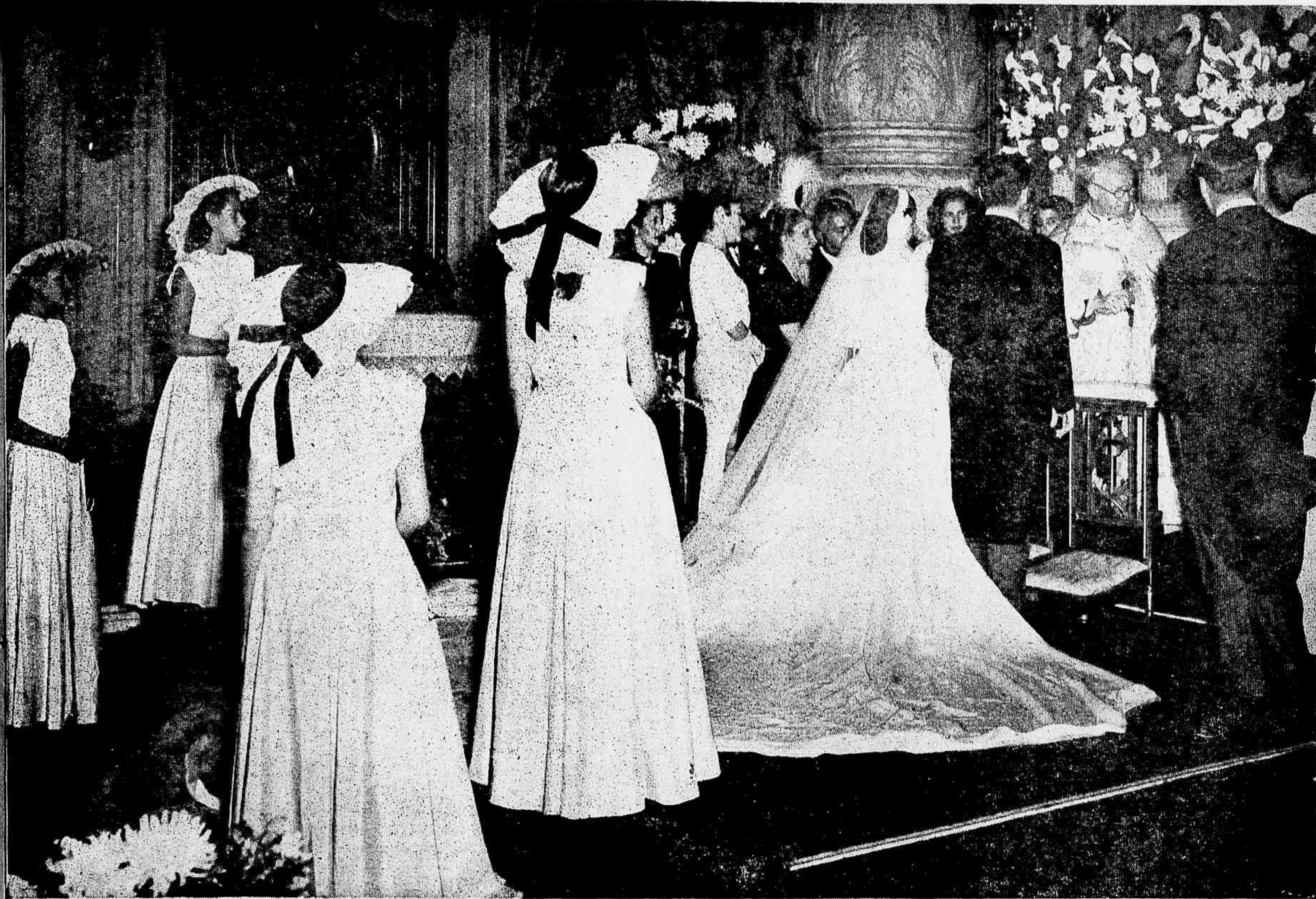
Quatro versos de forma faceta, mas de fundo filosófico, a lembrar a inanidade das cousas e sobretudo das grandezas terrenas tão de vir abaixo.

Que pretende o homem? Tudo. Que vale? Nada. Considere-se o bipede, mesmo agora a voar, e reconheça-se o que espera e aniquila o orgulho humano nos seus mais audaciosos cálculos.

Terra a terra, Arthur Azevedo era colecionador de objetos de artes. Quadros ornavam as paredes de sua casa, estampas e desenhos avolumavam pastas de seu gabinete de trabalho, descrito por um soneto de Valentim Magalhães.

Tivemos bastantes ensejos de ouvir Arthur Azevedo descretear sobre arte, alguns daqueles ensejos ao habitar o colecionador altos de um prédio da rua D. Manoel, nas vizinhanças do Pharoux. A casa tinha vista sobre o mar. "Estas águas, disse-nos Arthur Azevedo, estão sempre a lembrar-me as do meu Maranhão".

Já se fora o tempo agri-mordaz das "Carapuças", a memória e a saudade enternecidamente voltadas para a terra maranhense onde uma capital impregnada de História lembra um rei num santo caro à França de onde saíram conquistadores do Maranhão.



Ao alto : Os noivos perante o altar, cercados pelos seus padrinhos e pelas "demoiselles" da noiva. Em baixo, à esquerda, grupo feito após a benção nupcial, vendo-se o major Celso Magalhães e senhora, sr. Pedro Brando e senhora, os noivos, sra. Tercília de Figueiredo, cel. José de Lima Figueiredo, sra. e sr. Ivo Arruda. A direita : Flagrante da cerimônia religiosa.

ENLACE

ALBINO NOGUEIRA DE FARIA

DIVA DE LIMA FIGUEIREDO

No dia 16 de janeiro último realizou-se o enlace matrimonial da senhorita Diva de Lima Figueiredo com o dr. Albino Nogueira de Faria, elegante acontecimento que uniu duas ilustres famílias da sociedade brasileira. A noiva é filha do nosso confrade Coronel José de Lima Figueiredo, diretor da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, e de sua esposa, sra. Tercília de Figueiredo, e o noivo é filho do sr. Antonio Manhães de Faria, industrial, e de sua esposa, sra. Heloisa Nogueira de Faria. No ato civil, efetuado na residência do casal Lima Figueiredo, serviram de padrinhos, por parte da noiva, o deputado Jonas de Moraes Correia e senhora e o major Carlos Magalhães e senhora, e por parte do noivo, o dr. Paulo Miranda Carneiro e senhora e o pai da noiva. Testemunharam a cerimônia religiosa, oficiada na Matriz da Candelária, o dr. Ivo Arruda e senhora e os pais da noiva, pela noiva; e o senador José Carlos Pereira Pinto e o dr. Pedro Brando e senhora, pelo noivo. Após a solenidade, a família Lima Figueiredo ofereceu recepção, em sua residência, às pessoas de suas relações e amizade.



A VIDA DE GIACOMO PUCCINI

(1858 - 1924)

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com o Livraria do Globo, de Porto Alegre).

EM criança, Giacomo Puccini odiava a música. Como Bach, entretanto, nascera numa família de músicos. Como Bach, também, começou como aprendiz de organista, embora não demonstrasse interesse pelo ofício. O pai colocava moedas de ouro nas teclas, de sorte que quando o menino estendia os dedos para pegá-las, alcançava os tons que dele se exigiam. Destarte, desde a mais tenra idade, Puccini encontrou ouro ao alcance dos dedos. E no decurso de toda a vida, a música sempre se converteu em dinheiro para ele.

As suas horas de treino quando criança foram, entretanto, períodos de penosas recordações, pois sempre que tocava uma nota falsa recebia do professor tamanha canelada que mesmo mais tarde, ao ouvir o som de uma nota falsa, entravam em ação os seus reflexos e o pé lhe saltava para cima. Algumas das outras recordações de infância em sua aldeia natal de Lucca, eram de natureza mais agradável. Tocava, por exemplo, órgão na igreja local e furtava os tubos de estanho para comprar cigarros. No meio de um solene hino dominical improvisava uma trêfega melodia de dança e fazia valsar os corações da congregação. Cedo, porém, se cançou de tocar órgão. Um belo dia (em 1878) caminhou até Pisa para assistir a uma representação da "Aida", e decidiu deixar a igreja pela ópera. Tinha, a esse tempo, vinte anos.

★

Arrumou os seus trastes e partiu, em busca da fortuna, para Milão, a cidade de milhentas torres e um milhão de aspirações. Lá se reuniam moços de talento de todas as partes de Itália. Os cafés apresentavam vinhos e mulheres apetitosas. Os músicos devotavam-se à técnica da composição e à arte do amor. E toda a gente cantava — alegre e melodioso coral em honra da deusa da alegria.

Aí encetou Puccini os seus estudos sobre a ópera. Soavam-lhe aos ouvidos novas harmonias brilhantes que eram, para seu desprazer, harmonias "teatrais". "Se eu pudesse ser ao menos um autor puramente sinfônico", costumava dizer mais tarde. "Mas isso não foi feito para mim... Deus Todo-poderoso tocou-me com o seu dedo mínimo e disse: 'Escreva para o teatro — mas veja lá, só para o teatro!'"

Durante os seus dias de estudante em Milão viveu em círculos boêmios, nos quais o convencionalismo é ser-se destituído de convenções. Pobre, eram transitórios os seus hábitos. Um fogão preto e malcheiroso numa paupérrima água-furtada. As refeições consistiam em sopa e feijão. Tratava cavalheirescamente a pobreza, com a intrepidez dos moços. Havia ainda de escrever, algum dia, uma ópera a propósito dos famintos habitantes das águas-furtadas e transformaria os seus padecimentos e as queixas numa bela canção. A Canção da Cidade.

Nesse meio tempo ouviu uma voz dos bosques. Escreveu uma ópera ("Le Villi") a respeito dos campônios que habitam a Floresta Negra da Alemanha. Apresentou-a num concurso e não ganhou o prêmio.

Isso constituiu para ele amarga decepção. O seu desejo de granjear fama — já tinha vinte e seis anos nessa ocasião, e a mocidade é um período de impaciência — fora aqilado com maior intensidade ainda pelo êxito sensacional que alcançara o seu amigo e colega, Pietro Mascagni, homem com o qual partilhara os seus pensamentos mais íntimos e o seu melhor vinho. Uma das óperas de Mascagni obtivera o primeiro prêmio num certame semelhante. O nome da ópera era "Cavaleria Rusticana" e dela falava o continente inteiro. Puccini assistira à es-

treia e lágrimas de comoção tinham-lhe assaltado os olhos diante dos aplausos tumultuosos — lágrimas de felicidade pela boa fortuna do amigo, mas também lágrimas de dor e de inveja, pois ele ainda não obtivera distinção. Escreveu uma segunda ópera em torno de um libreto medíocre e ainda assim não encontrou, como prêmio dos seus esforços, senão a obscuridade.

E depois, de improviso, seguiu os passos de Mascagni em direção às estrelas.

★

Com a bem sucedida apresentação de "Manon Lescaut" a personalidade de Puccini como homem e como artista alcançara uma clara definição. Era comodista como homem e como artista. Não se supunha destinado a nenhuma nobre missão. Nada havia de santimonial em sua auto-estima. Aceitando com alegria os dons que recebera, tornou-se menos um sisudo professor que um mestre de entretenimentos. Derivava-lhe rápida, mas não profunda, a corrente do gênio. A sua melodia era uma espécie de clorofórmio que pallava os sentidos e fazia adormecer o intelecto. O narcótico de sua música destinava-se, todavia, a encantar o mundo.

Continuaram os seus triunfos com as sedutoras flores de loto de "La Bohème", "Tosca", "Madame Butterfly" e "La Fanciulla del West". Ele fizera-se autor em larga escala de canções populares. Era um Dom João elegante, de traços precisos e com a dose de gênio suficiente para torná-lo irresistível. Mulher alguma conseguia livrar-se dos seus encantos. Aliás, nenhuma delas desejava fazê-lo. Ele era o centro para onde convergiam os olhares distraídos de todas as mulheres casadas. Uma delas deixou permanentemente os braços do marido e viveu com Puccini durante dezoito anos. E depois, quando o marido desistiu dos seus direitos maritais, legalizou-se-lhe a união com o compositor. Tão apropriadamente, no entanto, procedeu Puccini nesse caso, apesar da impropriedade moral, que não houve por assim dizer escândalo em torno disso.

Embora amasse a sua Elvira, a mulher que tão prontamente se entregara a ele, nada o impedia de saborear as delícias de outros amores sempre que estes se lhe ofereciam. "Monsieur Butterfly" chamavam os amigos ao compositor de "Madame Butterfly". "Ele suga todas as flores e varia a cada momento". Ao que o mestre retrucava: "No dia em que eu não mais me apaixonar, poderão encomendar-me o enterro".

Não era ele o dono da própria moralidade. Tratava-se de um monopólio público pelo qual se interessava o mundo todo dos seus adoradores e do qual muitos dentre eles recebiam dividendos. A sua vida privada deu origem a uma série de anedotas divertidas. Uma bastará. Enquanto se hospedava num hotel elegante em Viena, no apogeu de sua fama, recebeu no quarto uma visita. Uma linda moça viera visitá-lo. Como estivesse de pijama, sentiu-se ele algum tanto embaraçado. A jovem, contudo, parecia perfeitamente à vontade. Entrou no quarto acompanhada de um rapaz que trazia um livro de música. Explicou ser admirador do compositor e disse que gostaria de ficar para conversar um pouquinho com ele, acrescentando que o mestre não precisava preocupar-se, pois o irmão estava a caminho da aula de música. Despediu, em seguida o rapaz e Puccini, desculpando-se, reconheceu ao quarto para se vestir. Quando voltou à sala de estar, completamente vestido, encontrou a jovem completamente nua. "Essa mulher é louca", pensou ele, pronto já para telefonar ao

gerente do hotel. Depois, pensando melhor, decidiu que era perigoso lutar contra a loucura — mormente quando se tratava de um espírito louco encerrado num corpo bonito.

Puccini vivia perseguido por essa espécie, aliás desejável, de lunatismo. O seu principal prazer, no entanto, era a solidão. Sentia-se felicíssimo quando lhe era possível retirar-se à sua vila entre os pinheiros de Viareggio. Lá, no vestibulo comprido e baixo, enquanto alguns amigos tagarelavam, num canto, à volta de uma mesa de bridge, sentava-se ele ao piano, o chapéu na cabeça, chupando vigorosamente um cigarro e tocando as suas notas à medida que o tema de uma nova canção lhe absorvia o espírito. A conversa dos amigos, a fumaça densa a subir para o teto e a música a sair-lhe borbulhante da ponta dos dedos — tal era a idéia que fazia da solidão, do céu na terra.

Para além do avarandado, estendia-se um lago de prata, contrastando com o firmamento noturno. Por sobre essas águas empuxara ele, por muitas e muitas léguas, o seu barco de motor. Percorrera as florestas com a sua espingarda, à procura de caça. E lá, ao piano, enquanto tecia os seus sonhos, a observar o lago e as florestas, sentia-se, ao mesmo tempo, criador e parte íntima de toda a criação.

Era uma noite de novembro, em 1895. Os amigos, como sempre, bebiavam e conversavam à mesa de bridge. Puccini estava ao piano. De onde em onde, quando a palestra esmorecia, Puccini erguia os olhos e pedia-lhes que continuassem a falar, pois o entediava o silêncio, e só quando lhes ouvia os remos tranquilizadores e as gargalhadas é que lhe era possível reencetar a composição. Tocou, finalmente, um acorde com decisão e levantou a vista. "Está pronto", observou, tranqüilo. Rodearam-no todos para ouvir a cena final da ópera que ele estava compondo — uma história de Paris, do bairro Latino e de boêmios. "Senhores, eu gosaria de apresentar-lhes Mimi. É uma pequenina 'grisette' que vende seu corpo para comprar roupas bonitas e uma

carruagem. Mas é imortal, porque ama com um coração que sabe sofrer. Tocarei agora a cena da morte, que acabei de completar". Ouvindo a música, sentiram os amigos que a comoção os subjugava. — Você também será imortal como Mimi, — observou um deles.

Puccini sorriu. — Talvez.

— E como se chama essa ópera?

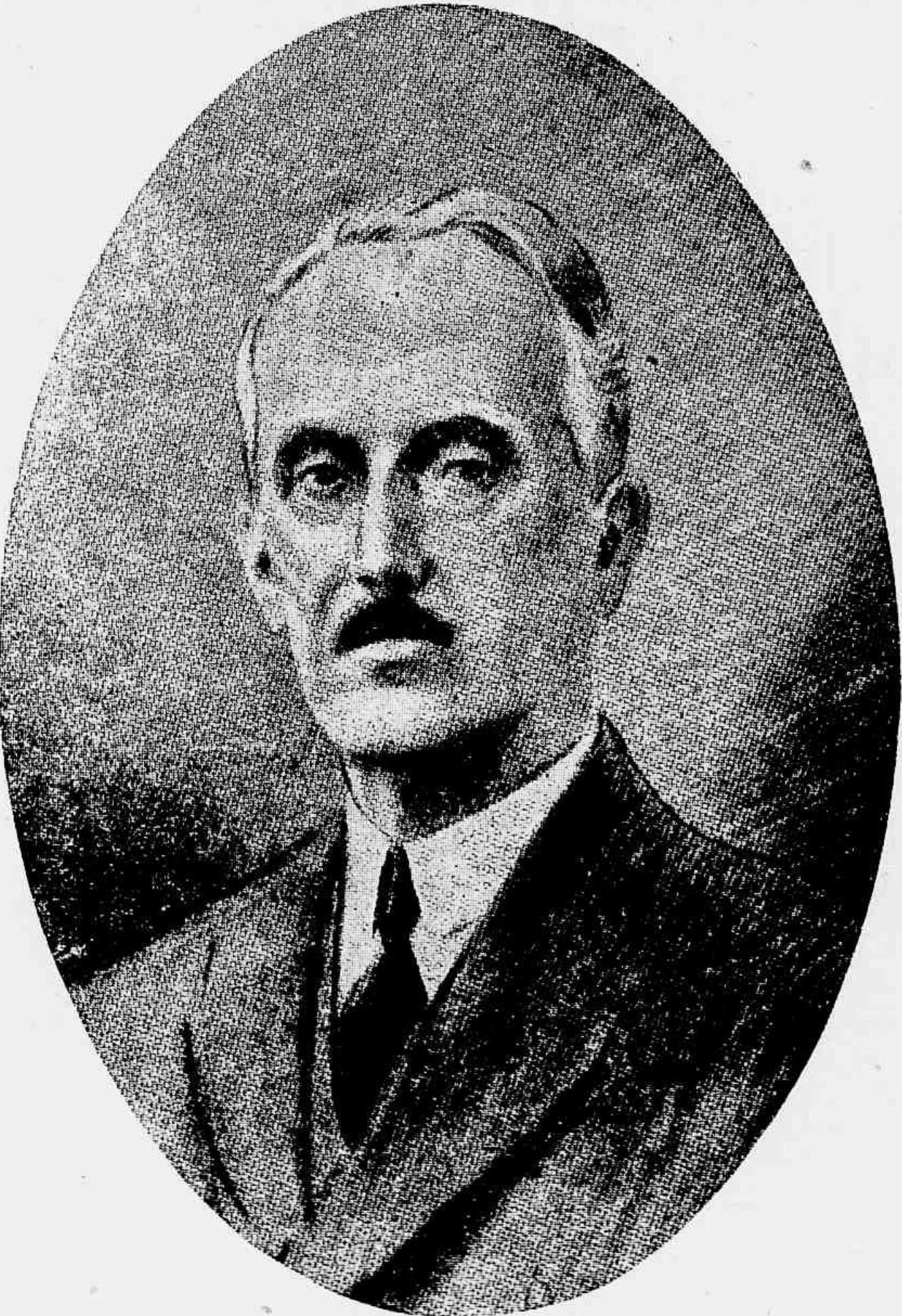
— Essa ópera chama-se — retorquiu Puccini — "La Bohème".

★

Por causa da estupenda popularidade das suas óperas e da natureza sensacional de sua música, foi Puccini comparado a um escritor de romances de capa e espada. Nunca se defendeu o compositor dessa acusação. Confessava ser apenas um instrumento secundário na orquestra da criação de óperas. Fascinava-o a rica plenitude do tom de Verdi. Wagner também o enfeitava — e o desesperava. Ao correr pelos olhos a partitura do "Tristão", exclamou com tristeza: "Essa música terrível reduz-me a zero... Sou apenas um tocador de bandurra..." Em sua música não havia força cósmica. Não falava a linguagem dos deuses senão a das criaturas humanas. — Não compreendo a música de Vótan, — dizia ele, — mas conheço a canção da pequena Mimi, que me trespassa o coração.

Estriba-se o libreto de "La Bohème" num romance escrito (em 1847) por Henry Murger. É a história dos jovens boêmios famintos do Bairro Latino de Paris. Puccini levava essa mesma espécie de vida, quando rapaz, em Milão. Há milhões de Bairros Latinos dentro das fronteiras da mocidade. A ópera de Puccini é simples e humana. Temos aqui um assunto humilde descrito por uma música nobre — contraparte musical da tendência democrática que se observa na arte e na literatura do século XIX. Uma ópera não precisa ser palco de uma façanha épica, pode ser também o cenário de um idílio; não há mister tratar de controvér-

(Continua na pág. 56)



Giacomo Puccini, o famoso autor da "Tosca" e de "Madame Butterfly"



A carreira artística de Helena de Carvalho Gusmão estendeu-se do rádio ao bailado, tendo logrado o título de "Rainha das Bailarinas", num dos mais renhidos concursos já realizados em nossa terra. Estreando como cantora na Rádio Transmissora Brasileira, logo se impôs como intérprete de nossas melodias. Daí se transferiu para a Rádio Sociedade Fluminense, onde a foi buscar um vantajoso contrato da Rádio Mayrink Veiga. Carioca de nascimento, dotada de uma plástica perfeita e de voz agradável, tornou-se cobiçada pelos cineastas nacionais, vindo a ser contratada pela Sonofilmes para trabalhar em "Laranja da China", em que apareceu ao lado de Grande Otelo. Este ano a Atlantida contratou-a para filmar em "O mundo é um pandeiro", colocando-a ao lado de Oscarito, Joel e Gaucho, Ciro Monteiro e Bob Nelson. Dedicando-se agora à dança, afastou-se temporariamente do microfone, para melhor desempenhar seus compromissos no campo da coreografia. Agora, porém, estuda duas propostas de importante emissoras cariocas, sendo possível seu breve retorno ao rádio. Apreciadora do cinema, Helena não perde um dos filmes de Paul Muni, Walter Pidgeon, Clark Gable, Errol Flynn, Greer Garson, Ingrid Bergman e Betty Grable. Não é supersticiosa nem acredita no azar. Prefere as cores claras e torce por todos os clubes cariocas, para não desgostar os seus "fans"... Gosta de ler biografias, principalmente de artistas célebres. Adora ainda as leituras do "Fantasma Voador" e não perde uma aventura do Brucutu. Embora dedicando-se de preferência à dança, às vezes, pratica a natação.

MARIA SAMPAIO nasceu em Lisboa. Filha de Adolfo Casqueiro de Sampaio e de dona Eduarda Augusta Mascarenhas de Andrade Sampaio, deve seu ingresso no mundo artístico a um fotógrafo. É que, sugestionados por umas poses suas, os diretores do filme "O condenado", resolveram convidá-la para fazer a protagonista. Desse filme, foi levada para o teatro, por intermédio de Joaquim Costa, afim de desempenhar um papel em "A Inimiga", de Dario Nicodemí. Faz parte da companhia Lucília Simões-Erico Braga, na qual permaneceu por oito anos. Trabalhou nas companhias de revista de José Loureiro e Antonio Macedo. Esteve no Brasil em 1928, com Lucília Simões. Voltou em 1932, com Amarante, substituindo Luíza Satanela. Em 1937 retornou ao Brasil, na companhia Beatriz Costa, e ficou... Em 1938, trabalhou na Companhia Raul Roulien, na peça "Malibu", de Henrique Pongetti. A 9 de abril de 1945, estreou com o "Teatro das Segundas-feiras", atendendo ao convite de R. Magalhães Junior e Nelson Vaz, aos quais se associou. A peça de estreia foi "Luz de gás", um êxito notável. Trabalhou depois com "Os Comediantes". Em 1946 organizou sua própria companhia, a qual obteve o maior sucesso. Se o teatro a conquistou, o rádio também a prendeu em suas malhas. Sua estreia radiofônica ocorreu na peça "As Mulheres", por Celestino Silveira para "Cine Rádio Teatro", então na Rádio Mayrink Veiga. Coube-lhe desempenhar o mesmo papel que Norma Shearer fez no filme, Salu-se a contento, passando a tomar parte em vários espetáculos de teatro cego da PRA-9, a cujo elenco desde então pertence. Este ano Maria Sampaio voltará a realizar nova temporada teatral, estrelando com "As três encarnações de Romeu e Julieta", grande peça de Ernani Fornari.

ARNO WERNER BRODA é o nome verdadeiro de Sergio de Oliveira, esse sóbrio e jovial locutor da Rádio Globo. Nascido a 11 de março de 1917, na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, somente aos vinte e seis anos veio a travar contacto com o microfone, atendendo ao convite de Nelson Lança, seu velho amigo e então diretor artístico da Rádio Difusora Porto Alegrense. No dia 21 de outubro de 1943, tendo sido aprovado depois de um rigoroso "test", estreitou como locutor, sob aquele pseudônimo, comandando os programas diurnos. Ai permaneceu pelo espaço de dois anos, quando resolveu tentar o rádio nesta capital, seduzido pelo que lhe diziam varios dos seus compatriotas sobre o meio carioca. Teve sorte, pois, uma vez no Rio, não lhe foi difícil ser contratado pela PRE-3, onde continua usufruindo vantajoso contrato. Com um metro e setenta de altura e noventa quilos de peso, Sergio de Oliveira já conseguiu aparecer em diversas novelas, como "Fascinação", onde fez o papel de "Marmelada": "Rendas e Mandilhões", em que bancou o professor Cocada: "Sacrificio", em que interpretou o Doutor Horacio e, atualmente, faz o papel de "Raul", na novela "Vingança", de Alvaro Augusto. Na sua terra natal trabalhou no comércio. Pratica o automobilismo, já tendo pago diversas multas... Torce pelo Fluminense, sem ser sócio do clube. Aprecia a literatura poética, de preferência a de Edgar Wallace. Gosta dos pratos nordestinos, sem todavia desdichar-se de preferências a de Edgar Wallace. Gosta dos pratos nordestinos, sem todavia desdichar-se de preferências a de Edgar Wallace. Gosta dos pratos nordestinos, sem todavia desdichar-se de preferências a de Edgar Wallace.

ALUISIO SILVA ARAUJO se tornou famoso no "broadcasting" nacional através da popularíssima "Cadeira de Barbeiro". Filho da cidade de Friburgo, Estado do Rio, onde nasceu a 13 de junho de 1909, interrompeu o curso de advocacia para se dedicar ao rádio, procurando fazer no mesmo, algo em proveito do povo. E na verdade a sua "Cadeira de Barbeiro" nasceu para combater a ditadura Vargas, por meio de uma conversa aparentemente inocente e anedótica. Aluisio Silva Araujo é um sujeito triste. "Radio-writer" completo, não só escreve seus programas, como ainda os interpreta, canta e faz imitações diversas. Tendo se casado cedo, é o orgulhoso pai de três filhos: Marcos, Fernando e Marta, os quais acham muita graça no "velho". Em matéria de religião, é espírita, possuindo no seu gabinete de trabalho um busto do índio que afirma ser o seu "protetor". No rádio, trabalhou por algum tempo com Manoel da Nóbrega, em São Paulo, na Tupi. Depois transferiu-se para a Tupi carioca, onde encontrou em Max Nunes um excelente colaborador. Dessa emissora passou-se para a Rádio Clube do Brasil, da qual saiu recentemente, após excursionar por vários Estados sulinos. No momento está disposto a voltar para São Paulo, uma vez que não foi muito feliz no rádio carioca. Além da "Cadeira de Barbeiro", criou "Folia na Tabo", um programa interessante e movimentado, de sentido alegre. Tem setenta quilos de peso, e um metro e setenta de altura. Sua esposa, dona Lúcia Araujo, aprecia-o muito, por que procura dividir seu tempo com a família, jogando bola com os garotos e contando histórias à filha.

Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
Por **ARMANDO MIGUEIS**



SOB o sol flamejante do meio dia, o bando do Justino, deixando a várzea larga, entrou pela picada. A estrada real corria agora, adiante, alvadia e poeirenta, riscando a mata cinzenta e desolada, como um golpe de folhe gigantesca. Uma grande calma pairava em tudo. Nenhuma viração passava em volta. No céu muito limpo e muito claro, de um azul imaculado de safira, de uma palpitância de véus, urubús vagarosos rondavam, leve, traçando longas espirais de vãos. Pela mata quieta errava um rescaldo de bochorno. Entre as folhas secas tombadas, estalidando-as de vez em vez, calangos e tejuassus fugiam céleres, à passagem dos cavaleiros. A frente do grupo armado, — os rifles sobre a sela, a faca longa à cinta de cada homem, — num jeito de caudilho rústico, pendido sobre a alimaria, forte e resoluto, o rapaz emudecera, o sentido longe, a reviver a cena feroz, dez anos antes.

Era também assim pelo verão, meio dia fulminco de fim das águas, claro sol de junho esplendendo, fulgurando no alto. O comboio de viveres, vinte e tantas montarias, burros possantes em maior número, demandava o sertão. Atrás, curvado molemente sobre a sela, a cachimbar com indolência, ia o tio, o Zé Balaio, chefe da turma, mulato mal encarado, de belcos grossos e venta esparramada,

que fazia o transporte de cargas entre o Aracati e Morada Nova. Alto, espadado, o casaco aberto sobre a camisa de riscado, o chapéu de couro desabado sobre a cara, as calças de mescla reviradas na bainha, os pés nas alpercatas rijas, a faca à cinta, e o par de esporas tinindo contra os flancos da cavalcadura, era bem o tipo dos comboieiros do sertão, rijos de corpo e de animo incorrupto. Uma serena energia conciente dava-lhe ao todo uma impassibilidade hierática de bonzo.

O rancho para o almoço estava perto, sob as olíticas de Bento Pereira, à entrada do povoado triste com as suas casas de taipa e palha, os muros de cemitério dos coléricos ruindo, cobertos de ervaçais.

No silêncio da hora ensolada, adquiria tonalidades acalentadoras de embalo o diling-diling dos chocalhos sacudidos; e uma arrastada trova de amor, que um dos homens galreava, insofrido pelo pouco próximo, incutia nos outros uma suave languidez, uma grande ternura amolentadora e feliz. Raro espoucava um grito áspero dos cargueiros, quando uma das bestas queria transviar-se. O relho de couro cru estalava, então, no lombo do animal, ao tempo em que o peão, de corrida, o atalhava aos berros: — "Descencosta, burro. Eh! Pachola! Arreda, Faceira!" — E a burrada seguia assim, desde a alvorada, quando, de repente, inesperadamente, uma égua alta e robus-

ta, a cujo lado ia o Justino, então rapazinho tímido, recuou suspicaz em frente a um garrancho negro que tombara exultante sobre a estrada, alarmou-se e, passando de raspão entre a ramagem e a mata, rompeu a carga contra uma ponta de frei-Jorge, aguda como uma lança, atirou-se a trote pelo caminho; e, do rasgão do saco, num jorro alvíssimo e compacto, estourou a farinha, alastrando pela vereda, como um tapete estranho, estendido por terra.

Dissipado o primeiro espanto, o rapaz que não pudera sustentar o animal, abalou no seu encaço, e, a muito custo, o reteve, lançando a mão ao cabresto. Mas, já atrás, rubro de cólera, chegava o Balaio, brandindo o relho de couro trançado; e, de seguida, num brutal assomo de fúria, como quem açoitava uma besta, descarregou três vergalhadas no sobrinho.

Justino torceu-se todo, desvalrado pela dor afrontosa, trincando os beiços para não gritar, enquanto lhe saltavam pela cara abaixo, duas a duas, grandes lágrimas escaldantes de ódio. E o outro largou a berrar desesperadamente, num formidável diapasão, ameaçando arrasar o rapazola: — Miserável! Miserável! Cachorro do diabo, não sei que diga! não sei onde estou, que não lhe arreberto esta cara senvergonha!

Em torno, os fretelros se agrupavam, consternados, lamentando o companhei-

ro, que todos bemqueriam. Justino ajel-tava a carga rompida, reprimindo os soluços que lhe sacudiam as costas largas de jovem Heracles rústico. E com pouco mais o comboio rompeu a marcha novamente.

No resto da viagem, ao passo que os camaradas iam cantarolando modinhas sertanejas, ou narrando anedotas e casos, o rapaz retraiu-se consigo, intratável, os olhos baixos, sanguíneos. Nas diversas paradas dos ranchos, ficou sempre afastado dos mais, furtando-se às palestras divertidas, calado e sombrio. Ao outro dia, pela tarde, chegaram à vila. E, apenas descarregaram os animais, quando a tropa foi solta no pasto vizinho, Justino, sem uma palavra, abandonara os outros, corra para casa. Diante do pai, contando o ocorrido, afiançou que nunca mais voltaria a trabalhar com o tio, jurou por Deus do céu que haveria de vingar-se dele. E, como o velho, irmão do Balaio, corresse para esbordoá-lo, fugiu de casa, nunca mais retornou. Datava daí sua perdição. Por largos meses, por anos, andara à gandaia pelos lugarejos vizinhos, agregado a patrões diversos, sem

ribe,
cedo
se to
Nas f
ele s
semp
Quer
um r
jovial
branc
estra
tanej
—
a ser
ningu
De d
te, q
lamp
bém.
os bi
E as
faça
dos,
dade
os d

Conto de HERMAN LIMA

Ilustração de ORLANDO MATTOS

poiso certo, sem jeito mais de trabalho, num só anseio de revindita feroz. A toda hora, sentia-se a recompor na mente a cena humilhante, por momentos acreditava ver ainda erguer-se sobre ele a cor-reia do flagelo, que imprimira na carne sulcos ardentes, como se o tivessem cingi-do com voltas de fogo, por toda a vida. Seu sangue forte bradava a todo instante por um desforço em regra, que ele fora adiando sempre, à falta de meios para agir. — Porque, deixassem, ele tinha o seu plano formado. Afinal, chegara àqui-lo. Acostumado à malta do Juca Dantas, cangaceiro famoso na ribeira do Jagua-

impunidade estadeada, em que os canga-ceiros riscavam livremente a pata de ca-valo e a ponta de faca o mapa desprote-gido do sertão. Por fim, com a morte do Juca Dantas, vira-se o Justino, embora sendo o mais moço, investido das fun-ções de chefe da tropa.

Chegara, pois, a hora da vingança. Ca-beça de um grupo de homens, decididos e leais, prontos a obedecer-lhe em tudo, só aguardava o momento oportuno, para uma reabilitação em regra. Assim, sa-bendo nesse dia que o Balaio estava de volta do Aracati, com um comboio de ce-reais, juntara os camaradas, calculando a

Justino ajei-
ndo os so-
s largas de
om pouco
marcha no-

so que os
modinhas
as e casos,
ratável, os
as diversas
pre afastas-
lestras di-
outro dia,
E, apenas
ndo a tropa
Justino, sem
outros, cor-
a, contando
a mais vol-
jurou por
e vingar-se
do Balaio,
u de casa,
a daí sua
por anos,
rejos vízi-
versos, sem

ribe, terror da serra do Apodi, ganhara cedo a confiança do chefe, com o tempo se tornara mesmo o seu braço direito. Nas incursões perigosas ninguém como ele se aventurava tanto, embora ficasse sempre no fim com o quinhão menor. Queria apenas ser livre, quase livre, como um rei, para ser necessário. Fanfarrão e jovial, dizia sempre, erguendo a voz, so-branceiro, nos ranchos, sob as árvores da estrada, nas alpendradas das vendas ser-tanejas:

— Minha casa é este sertão todo, desde a serra do Apodi ao serrote do Araré — ninguém teve nunca um palácio maior! De dia, o sol é o meu camarada, de noi-te, quando me deito, a lua é a minha lamparina, a lamparina de Deus tam-bém. As grotas fundas são a minha rede, os bichos do mato as minhas sentinelas! E assim correram os anos, cercados de façanhas e ousadias, assaltos aos povoa-dos, passeios impudentes pelas vilas e ci-dades quietas, escaramuças ligeiras com os destacamentos locais, anos largos de

viagem do outro, fora esperá-lo ao pé da vila, na altura das Pedras, sítio propício a toalias temerosas, no entrefechar das oiticeiras frondentes e bastas.

Súbito, ao escalar um outeiro, o rapaz divisou abaixo, na estrada, uma tropa car-regada, que subia, a cavallhada do tio, reconheceu-a logo.

Ao avistar o sobrinho, de longe, o Ba-laio estremeceu. Era a primeira vez que ambos se defrontavam assim, e tal en-contro fazia prever um embate rude, como o de duas forças antagonicas e iguais que se chocam, deflagrando. Havia muito o velho sabia que o rapaz o tinha "jurado"; e, se fosse verdade o que di-ziam, nunca o Justino encontraria melhor ocasião para uma desfeita, pois o Balaio tinha agora um carregamento inteiro a zelar.

O moço, entretanto, parara, confabu-lando um instante com os companheiros; e, de ímpeto, arrancando o punhal, no

(Continua na pág. 53)

Sertanejas

Antologia Brasileira do Conto

Escritor premiado por mais de uma vez pela Academia Brasileira de Letras, Herman Lima é, sem dúvida, uma das figuras mais ex-pressivas do nosso cenário inte-lectual. Nascido no sertão agreste do Ceará, guardando na memória cenas e paisagens que sabe retra-tar com grande fidelidade na sua prosa magnífica, Herman Lima se firmou, entre os nossos contistas regionais, com um relevo que nada fica a dever a Afonso Arinos, a Carvalho Ramos e a outros gran-des cultores do gênero. O conto que transcrevemos, "Sertanejas", faz parte do volume intitulado "Tigipió".





A esquerda, o Sr. Vicent Auriol, presidente constitucional da República da França. É um socialista, um seguidor dos ensinamentos de Jaurès, quem habita hoje na antiga residência de madame Pompadour. Em cima: o famoso palácio dos Campos Elíseos, no Faubourg de Saint Honore n. 55. — residência dos presidentes da França desde 1869. Em baixo: o grande salão de recepção do palácio dos Campos Elíseos, onde a França hospedou os soberanos estrangeiros durante a Exposição Universal de 1867. Entre outros, — Francisco José e Elizabeth, da Austria-Hungria...

O NOVO MORADOR DO PALÁCIO DOS CAMPOS ELÍSEOS

Vincent Auriol, o novo presidente da República Francesa, é um socialista que terá de habitar na antiga e luxuosa mansão de Madame Pompadour — O mobiliário do dormitório é escolhido de acordo com o gosto pessoal do novo locatário — Jean-Batiste Hanotaux, o homem que fica, enquanto os presidentes passam — Há vinte oito anos morando num palácio, com o título pomposo de "Premier concierge de France" e uma grande coleção de condecorações.

Por JEAN BATTY

Especial para REVISTA DA SEMANA — Fotos adquiridas à "France Presse", com exclusividade para o Brasil.

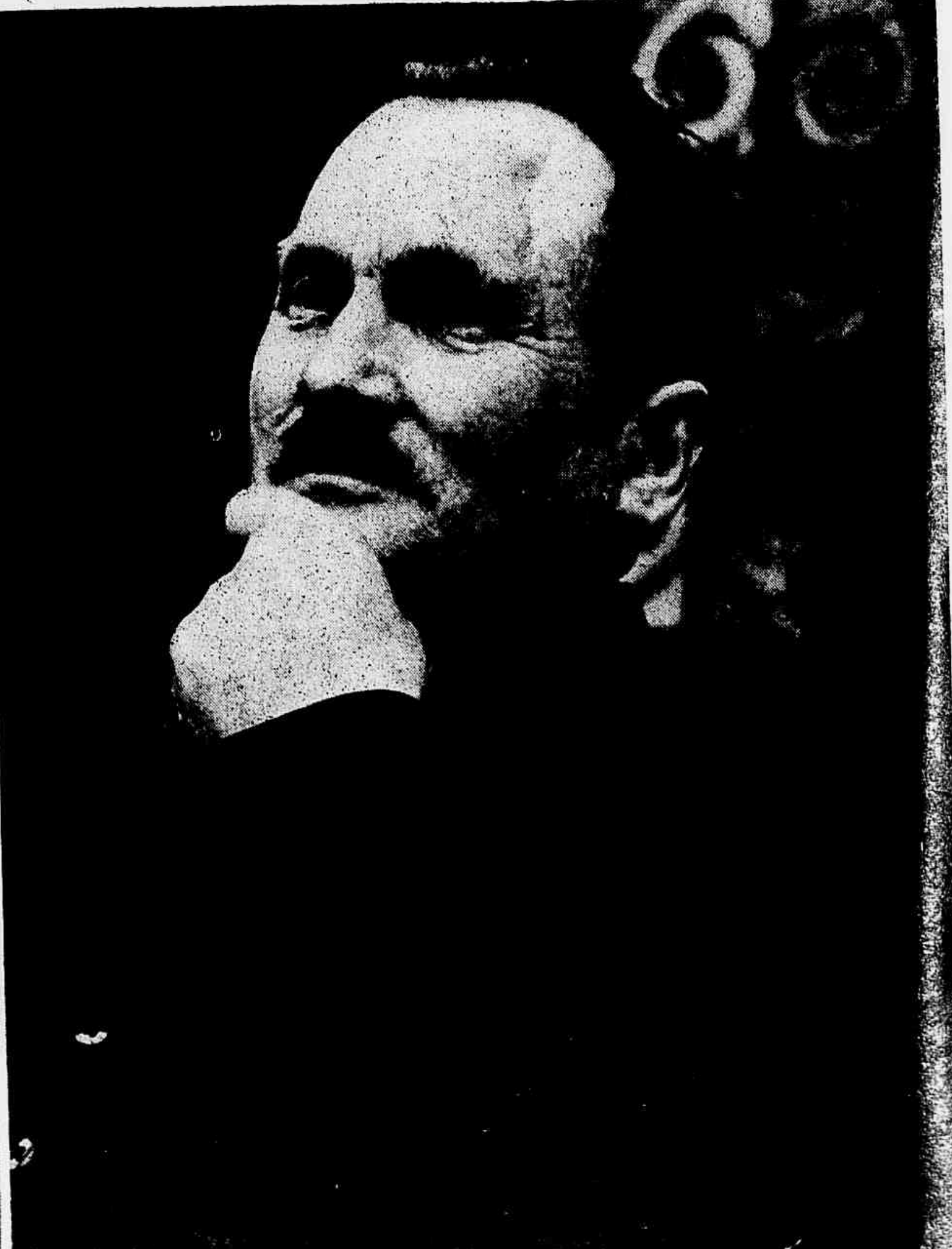
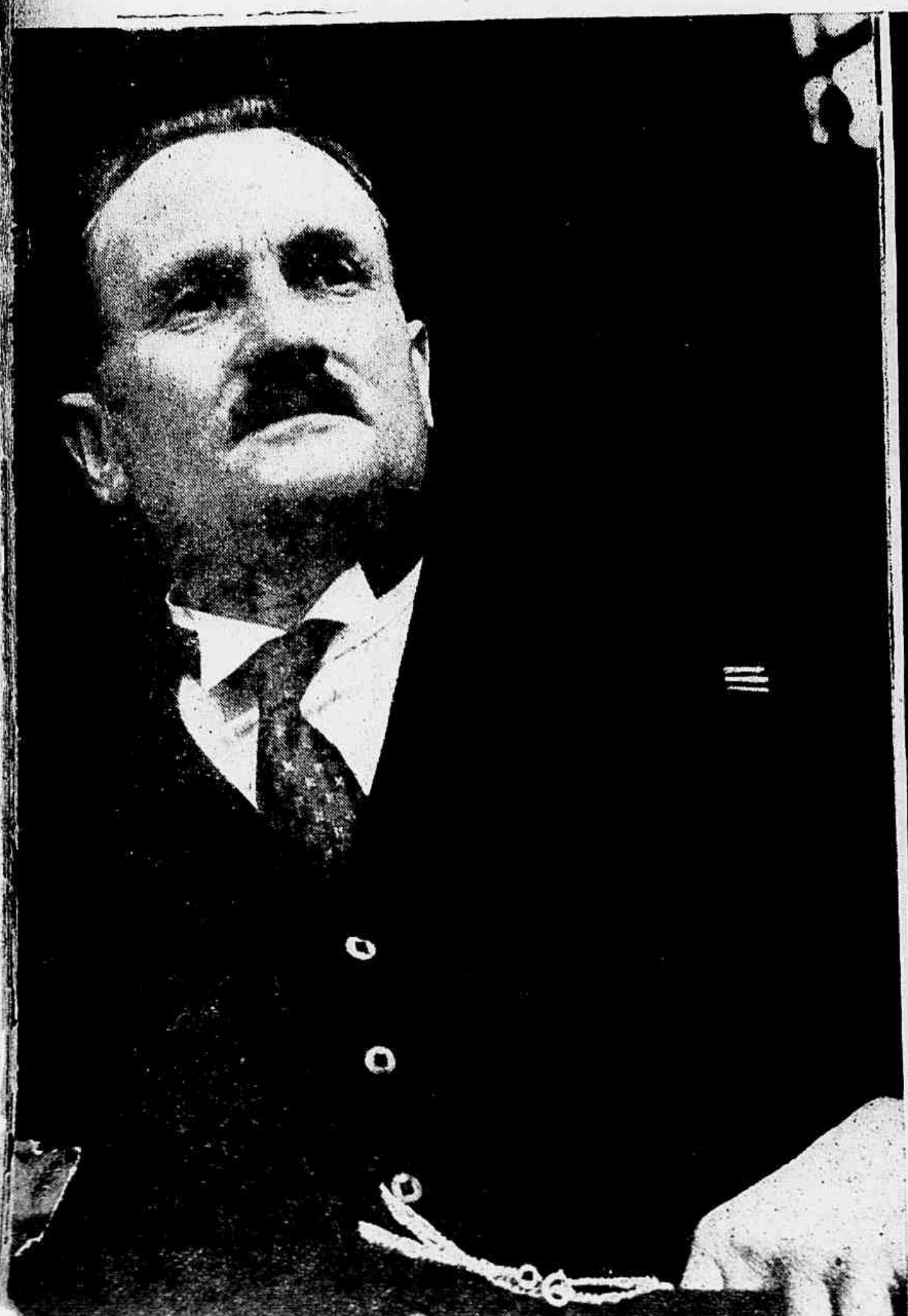
PARIS, janeiro — Por via aérea — Afinal, está eleito o presidente constitucional da República Francesa, o primeiro que temos, desde a queda do governo do Sr. Albert Lebrun, antes da invasão germânica, em 1940. Desde então a França teve chefes de Estado provisórios, dois deles altas potentes do Exército, — o marechal Pétain, que está hoje numa prisão do Estado, como traidor da França e da causa da democracia, e o general de brigada Charles De Gaulle

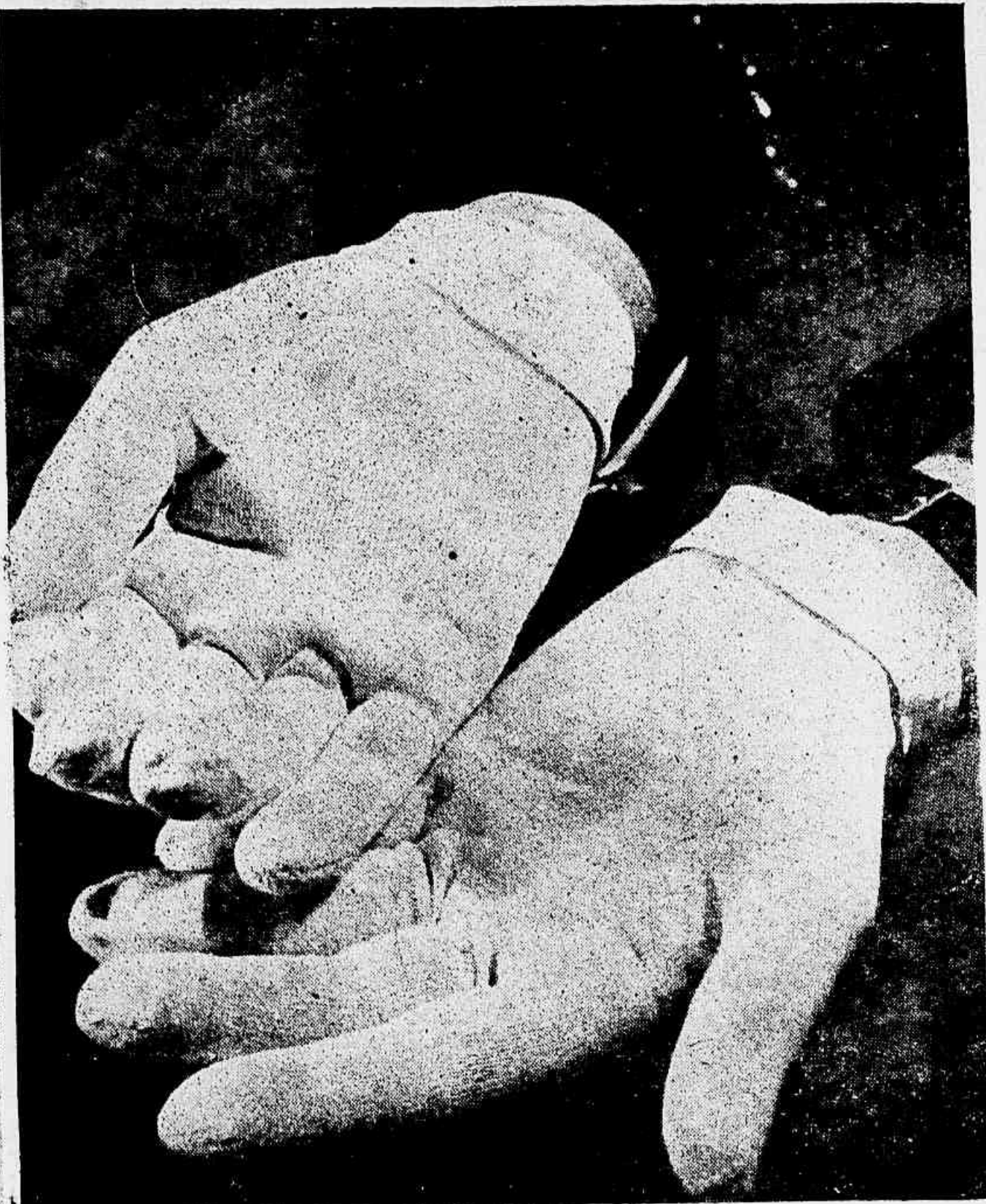
que vive hoje num digno ostracismo. Vincent Auriol é um socialista, cuja eleição para a suprema magistratura da França resultou da conjugação das forças de esquerda socialista e comunistas, para enfrentarem o M.R.P., obrigado a ceder ante uma força eleitoral mais ponderável. O Sr. Vincent Auriol, o novo presidente da República Francesa, nasceu a 27 de agosto de 1884, em Ravel, na Haute-Garonne, filho de uma família de agricultores. Fez estudos de direito e letras em





Jean-Baptiste Hanotaux, "premier concierge de France". Os presidentes passam e ele fica... O Sr. Vincent Auriol é o seu sétimo "inquilino". Lembra-se com saudade de Poincaré, sempre cofiando a sua barbicha; de Deschanel, elegante, nervoso, sorridente e apressado; de Millerand, que tinha um tique, o de jogar com a corrente do seu relógio; de Doumergue, que sempre parava para lhe dizer uma palavra amável; de Doumer, que não dispensava o uso de uma bengala; e de Lebrun, que gostava de passear sózinho, ao sol. Antes da eleição de Auriol ele disse: "Quem quer que seja eleito, gostarei de ver isto aqui outra vez habitado"...





Em cima, à esquerda, uma parte da baixela dos Campos Elíseos; à direita, as luvas do porteiro, que, em traje de gala, até parece um almirante... Estas luvas pertenceram ao presidente Millerand.

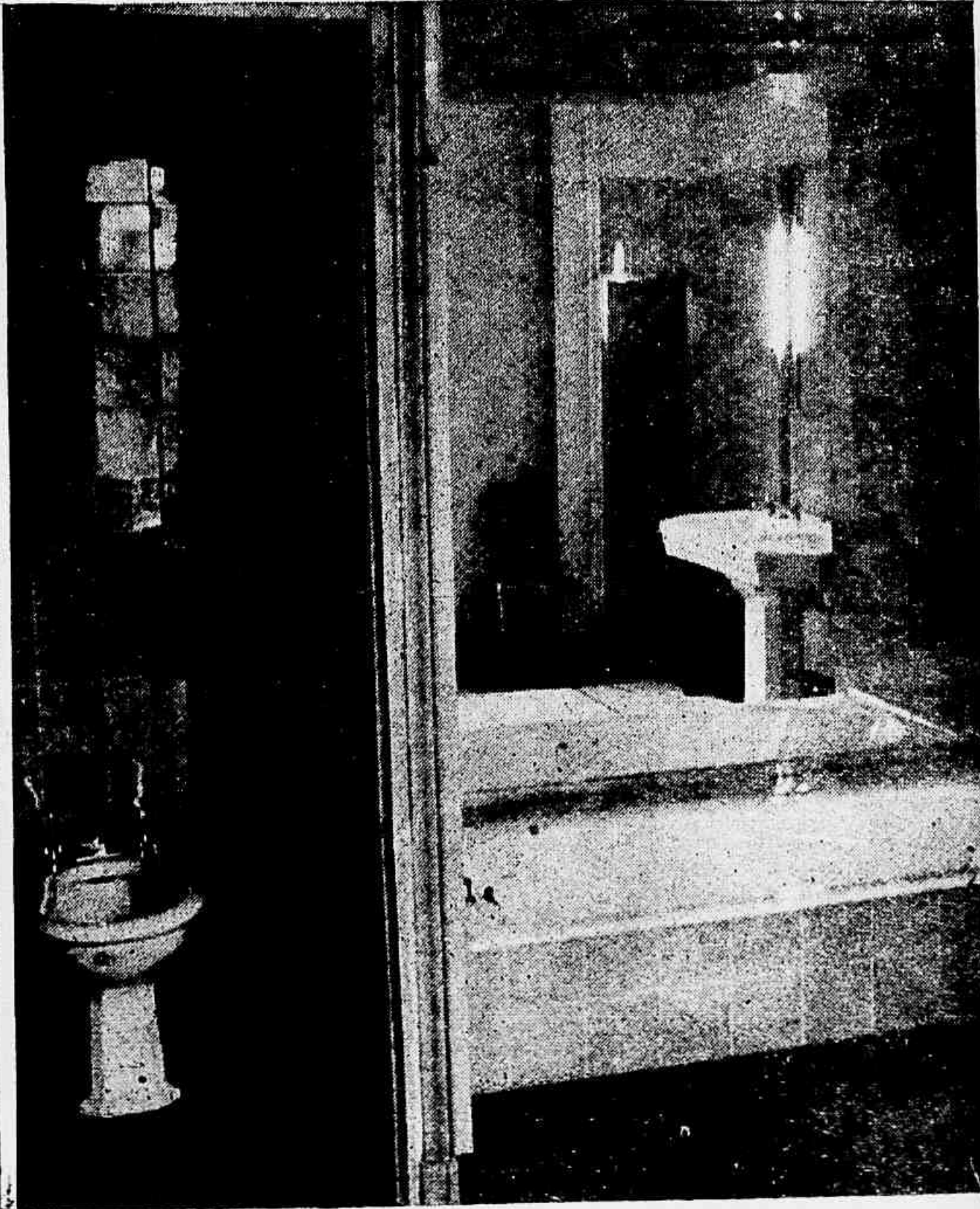
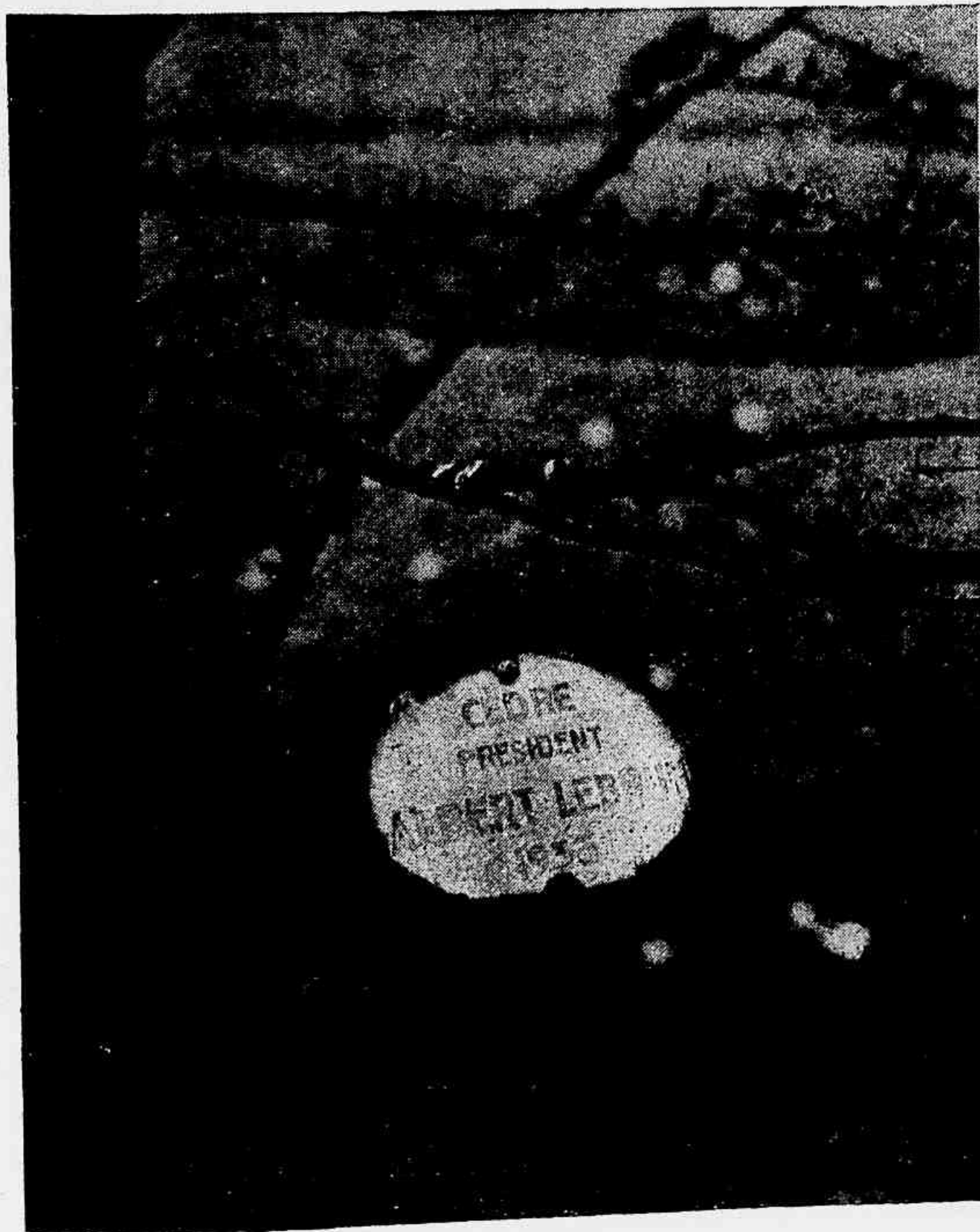
Toulouse, inscrevendo-se depois no Partido Socialista. Eleito em 1914 pelo distrito de Muret por onde, desde então, nunca deixou de ser reeleito. Especialista em assuntos financeiros, teve ocasião de expor por várias vezes no seio da Comissão de Finanças da Câmara a doutrina econômica de seu Partido. Logo após a pri-

meira guerra mundial, Vincent Auriol participou da Comissão de Paz e tratou da questão das reparações e dívidas. Fez com que fosse adotada uma política precisa e prática: limitação do crédito alemão e reparação das regiões devastadas, anulação de todas as dívidas interaliadas. Deve-se ainda a Vincent Auriol o con-

tra-projeto financeiro de 1933, compreendendo reforma fiscal, reforma dos impostos e da própria estrutura do orçamento, assim como início de reorganização administrativa. Participou da conferência das Dívidas, de 1925, em Washington, com o Ministro das Finanças, senhor Caillaux. Em 1928, não tendo sido reeleito o sr.

Léon Blum, por Paris, coube ao sr. Auriol liderar a bancada socialista e, enquanto se declarava partidário da estabilização legal, combateu a fórmula de Poincaré que, segundo o seu pensamento, não levava em conta o interesse econômico do país. Após sua eleição pela Aude, o senhor Léon Blum tornou-se "pre-

Em baixo: um cedro do Líbano, plantado no jardim pelo presidente Albert Lebrun; e uma visão do moderníssimo quarto de banho dos Campos Elíseos, com o qual nunca sonharia madame Pompadour...





mier" e o senhor Auriol foi o seu Secretário Geral da Bancada. Em junho de 1936, Léon Blum lhe confiou a pasta das finanças. Um ano depois era ministro da Justiça do gabinete Chautemps. No segundo gabinete Blum, em 1938, foi ministro da Coordenação dos serviços na Presidência do Conselho. O armistício de 1940 obrigaria o sr. Auriol a desaparecer da vida política. Votou contra os plenos poderes outorgados a Pétain. Preso e depois solto, viveu na clandestinidade na zona sul até outubro de 1943, época na qual conseguiu alcançar Londres. Passou em revista os acontecimentos "de Bordeaux a Vichy", num opúsculo escrito na clandestinidade de cujo título é "Ontem... amanhã". Teve assento na Assembleia Constituinte em Argel e depois em Paris, onde foi presidente da Comissão de Negócios Exteriores. Em novembro de 1945, foi eleito presidente da bancada socialista na Assembleia Constituinte e depois vice-presidente do Partido Socialista. A 21 de novembro de 1945, era ministro incumbido das relações com a Assembleia Constituinte. Foi delegado da Assembleia das Nações Unidas e membro do Conselho de Segurança da O.N.U. Foi presidente da primeira Assembleia Constituinte de janeiro de 1946 e conservou as mesmas funções na segunda. Viu-se reeleito a 10 de novembro de 1946, pelo Puy de Dome, para a Assembleia Nacional.

O Sr. Vincent Auriol, no momento ocupado com o grave problema da organização do seu gabinete, não tem, pelo menos, um problema a enfrentar, — problema que é sério e aflige hoje em dia uma grande parte da humanidade: o problema da moradia. Eleito presidente da França, esse homem modesto e de costumes morigerados, como em geral são os socialistas, encontrou-se de posse de um dos mais luxuosos palácios do mundo, de uma das mais ricas e magníficas residências existentes em toda a Europa. Como presidente da República Francesa, por menos que o Sr. Vincent Auriol goste do fausto e por mais que ame a existência sem galas de "faubourg" humilde, terá de viver no famoso palácio dos Campos Elíseos, — o famoso "l'Élysée".

Desde a queda da França, em 1940, o palácio magnífico estava desabitado. O presidente Albert Lebrun o deixara, quando se viu obrigado a transferir de Paris para o sul da França a chefia do go-

Em cima: o salão de bilhar do presidente da República Francesa (haverá mesmo tempo para isso quando se governa uma nação de tal importância?). Em baixo, à esquerda, o busto de madame Pompadour, que foi, outrora, a proprietária feliz do rico palácio e do amor de um rei; à direita: duas empregadas do palácio cuidando da "lingerie".



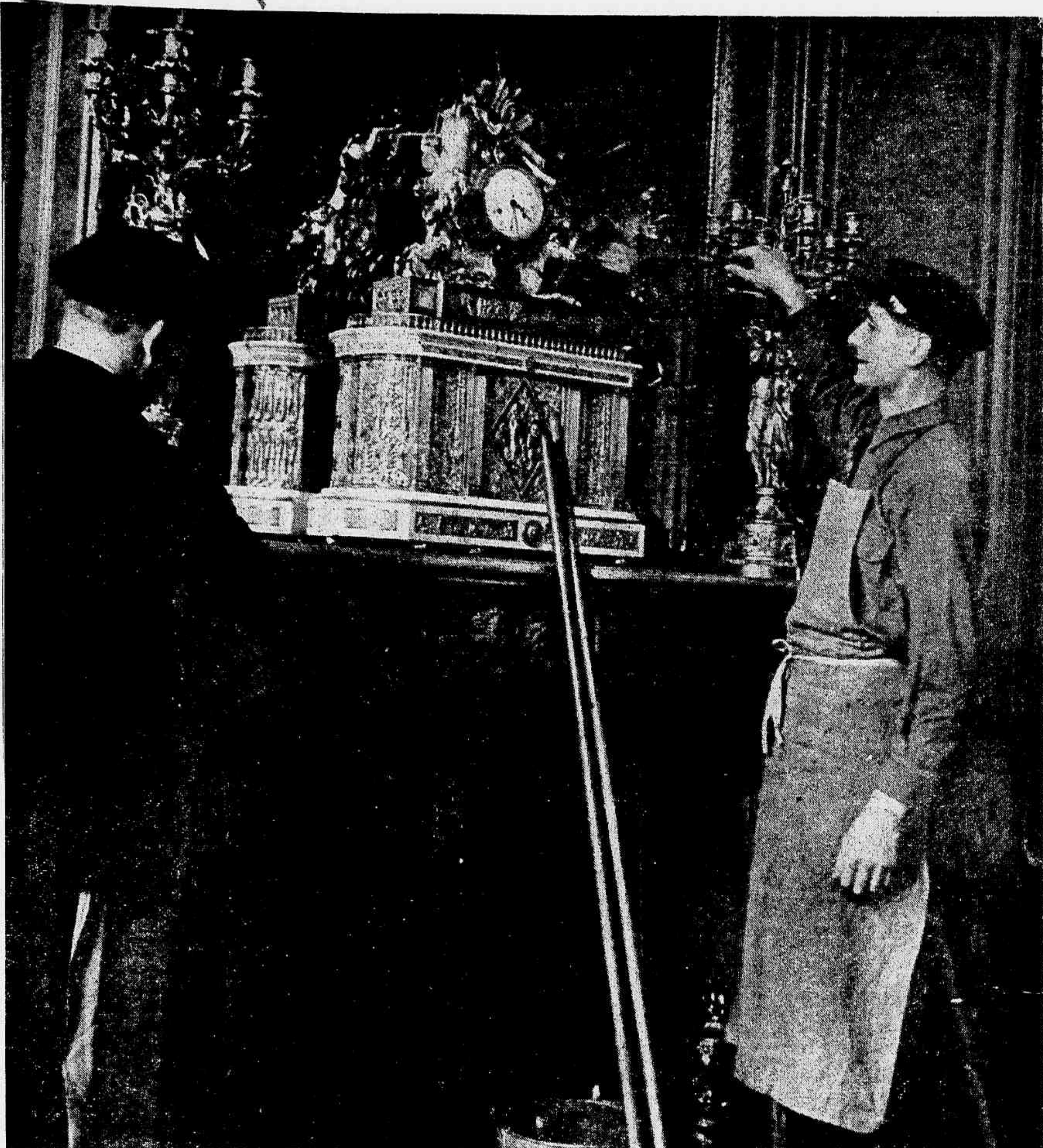
verno. O marechal Pétain preferira instalar-se em Vichy, fora da ocupação alemã, para tentar, desse modo, criar uma ficção de independência. Os alemães não ocuparam o luxuoso palácio, mas o seu fechamento durante seis anos representou um dano considerável para as suas instalações e para o seu mobiliário. Nessa ocasião, houve um episódio curioso, no qual teve parte o porteiro Jean-Baptiste Honotaux, que, há vinte e cinco anos, exerce as altas funções de "premier concierge de France", segundo declina com grande orgulho, exibindo o peito cheio de altas condecorações estrangeiras. O caso foi este: ao entrarem em Paris, os alemães foram ao palácio dos Campos Elíseos e hastearam sobre o mesmo a bandeira nazista, depois de terem arriado a bandeira francesa. Jean-Baptiste Honotaux, vestindo seu uniforme de gala e o seu chapéu de dois bicos, colocando todas as medalhas e balangandãs que possuía, foi decidida e corajosamente à Kommandantur, — sede das forças de ocupação germânicas, — e fez um protesto tão veemente que, dias depois, a bandeira swastika foi retirada.

— Cumpri apenas o meu dever, — diz-nos Jean-Baptiste Honotaux.

Ele não sabe bem porque foi atendido. Mas acredita que, com sua estupidez de sempre, os alemães se deixaram impressionar com o seu aspecto pomposo. Com certeza acharam que ele devia ser uma espécie de Herman Goering da França, com todas aquelas medalhas...

Esse homem é um personagem feliz. Ele fica nos Campos Elíseos enquanto os presidentes passam. Filho de uma família de camponeses da Alsácia, teve uma conduta heróica durante a primeira grande guerra mundial. Foi condecorado com a Legião de Honra, com a Medalha Militar e com a Cruz de Guerra, pelos seus atos de bravura sob o fogo inimigo. Gravemente ferido em 1917, foi levado para um hospital militar do Faubourg de Saint Honoré nº 45. A sorte o conduzia, assim, às vizinhanças do Palácio dos Campos Elíseos, que fica no número 55 da mesma rua. Quando ele aceitou aquele posto, que lhe foi oferecido em sinal de reconhecimento pelos seus méritos militares, não teve senão que andar alguns passos, do hospital militar ao famoso palácio, — trocando seu uniforme de "poilu" pelo espalhafatoso uniforme dos palácios nacionais. Nesses 28 anos,

(Continua na pág. 56)



Em cima: serviçais do palácio espanam um relógio histórico. Em baixo, à esquerda, um operário reajusta o grande lustre do salão de recepção, e, à direita, um dos guardas do palácio encara o busto simbólico de Marianne encarnação da França democrática e rediviva.



Parece normal...

Conto de ANA MARIA SUSSEKIND DE MENDONÇA
Ilustração de ARMANDO PACHECO

— ESTOU preocupada, Paulo.

— Com que?

— Irene. Está tão esquisita...

— Irene sempre foi esquisita.

— Bonito modo de falar de sua filha!

— Não foi você quem disse primeiro?

— O que eu quis dizer foi que ela anda esquisita agora. Eu sei que Irene sempre foi diferente das outras moças, mas não tanto quanto agora. Talvez esteja enganada, mas...

— Ora, você está é imaginando coisas. Só porque sua filha não vai a festas e não vive batendo calçadas como as outras tolinhas de sua idade, você se põe a resmungar e a arranjar pretextos para se amolar. Felizmente, eu conheço minha filha. Ouça o que lhe digo, Luiza. Irene é perfeitamente normal e si vive um pouco isolada é por simples questão de temperamento.

— E, com este temperamento, será ela feliz?

— Será? Por que será? Penso que não deve haver nenhuma dúvida a esse respeito. Creio que Irene tem tido sempre o que quer. Todos os meus mínimos desejos, mesmo os mais extravagantes, são imediatamente satisfeitos. Até o dia de hoje não tenho feito outra coisa a não ser me dedicar a ela. Que eu saiba, nada lhe tem faltado. Pelo menos, ela nunca se queixou. Que é mais preciso para uma pessoa ser feliz?

— Você tem razão. Irene tem tudo para ser feliz. Mas, mesmo assim, receio que não o seja como eu queria que fosse.

— Lá vem você de novo, demonstrando, mais uma vez, o quanto desconhece sua filha. Aposto que ela queria que ela vivesse saltando e galgando e bradando para todo o mundo o quanto se sente feliz. Não é assim que considera uma pessoa feliz? Irene nunca se manifestaria deste modo. Sua natureza tímida lhe impede de expandir seus sentimentos. Ela os guarda para si. Se quisermos descobri-los, perceberemos que eles se manifestam de maneira bem diferente. Ora através de um olhar vivo, ora por um gesto rápido. Irene nunca se abrirá em confidências com ninguém. E' preciso analisá-la sem o auxílio das palavras, se quisermos conhecê-la. E' isto que costumo fazer. E, para que você se tranquilize, minhas pesquisas revelam sempre que sua filha está perfeitamente satisfeita com tudo e com todos.

— Sinto contradizê-lo, Paulo. Mas você está errado, erradíssimo.

— Posso saber por que?

— Você pode dizer que eu não conheço minha filha. Não me importa, no momento, a que você pensa. Há dias que venho observando Irene. Garanto-lhe que ela tem alguma coisa.

— Mas, afinal de contas, que é que você viu de tão estranho no procedimento desta menina?

— Várias coisas. Irene quase não come. Não consegue concentrar-se em nada. Está sempre com o olhar vago...

— Irene sempre gostou de divagar. Isso é tão natural, Luiza. Nem parece que você já teve dezoito anos...

— Eu compreendo. Parece, no entanto, que agora ela se alheia mais do que de costume. Dorme pouco. Ouça-a andar pelo quarto até altas horas. Quando lhe pergunto o que é, sobressalta-se e responde, invariavelmente, que não é nada. Eu sei que há alguma coisa. Paulo, nós precisamos obrigá-la a falar. E' para o próprio bem dela. Eu...

— Espere um instante. Parece que ouvi alguém bater à porta. Irene deve ter vindo conversar...

Paulo não se enganara: Irene realmente ouvira o que eles falavam. Atordada com as conclusões da mãe, não aguentara até ao fim, resolvendo fechar a porta do seu quarto.

Que vontade de gritar para o pai que ele realmente estava errado! A mãe tinha razão. Infelizmente, ela não poderia dizer nada porque nem mesmo ela sabia o motivo que a modificara tanto ultimamente. Quem poderia ajudá-la? A quem recorreria ela? Irene não conseguia arranjar resposta para nenhuma destas perguntas. Sua mente estava confusa. Toda ela, aliás, se achava numa enorme confusão.

— Que estará me acontecendo? Nunca me senti tão fora de mim. Tão descontrolada. Mamãe tem reparado em tudo. E o pior é que tudo o que ela tem visto é verdadeiro. Não posso desmentir. E' verdade que não como, não durmo, não faço mais nada! Por outro lado Papai, também, tem razão. Eu devia ser feliz. Tenho tudo para ser feliz mas não sou. Antigamente os livros me davam um pra-

zer extraordinário. Agora, não consigo concentrar-me neles. Parece que não absorvi nada do que li. Do contrário, saberia explicar o que estou sentindo agora. Essa insatisfação constante. Esse permanente aborrecimento. Essa terrível ansiedade por qualquer coisa que ainda me é desconhecida. Que será tudo isso?

Erguendo-se, como que impelida por uma idéia brutal, Irene exclama:

— Não! Não pode ser isso. Não acredito que seja isso...

Instintivamente, uma imagem começa a se insinuar na mente de Irene. A princípio, parece incompreensível. E' uma carruagem puxada por dois cavalos. Um, de boa raça. O outro, impulsivo e selvagem. No alto da boléia, impiedosamente, o cocheiro vibra o chicote. Que significação secreta teria aquela imagem aos olhos de Irene? Agora, ela compreende. E' a comparação de Platão, da natureza complexa do homem a uma parolha de cavalos. O de raça representa os nobres ideais do homem. Quando estes dominam o homem, a carruagem é guiada por aquele cavalo. O outro, impulsivo e selvagem, simboliza o desejo carnal e outras baixas ambições. Este cavalo guia a carruagem quando o homem é dominado por essas espécies de desejo.

Irene fecha os olhos, tentando afugentar a imagem. Ela, no entanto, persiste nítida e cruel. Desesperada, corre para a janela, abrindo-a de par em par. A frescura da noite acalma-lhe os nervos excitados. Não podendo conter as lágrimas, que lhe pesam nos olhos, Irene chora. Este desabafo não é muito longo. Novamente lhe vem a inquietação. Sente-se atraída pela beleza do céu; anseia por gozar, também, da tranquilidade das estrelas...

★

Com os pés descalços e umedecidos pela areia molhada, os cabelos fustigando-lhe o rosto — Irene descansa. O espetáculo do mar, prateado pela lua, vindo lambê-lhe as pernas lânguida e acariciadoramente, entorpece-a.

A imagem de Platão ainda a persegue. O cocheiro, os dois cavalos... Si, ao me-

nos, pudesse pensar em qualquer coisa diferente! Era preciso interessar-se por alguma coisa, por alguém... Mas... como? Quem?

Um ruído estranho vem lhe interromper os pensamentos. Irene não consegue descobrir o que é. Depois de prestar mais atenção, parece-lhe ser alguém chorando. Intrigada, deixa-se guiar pelos soluços. Um pouco adiante, encontra um rapaz sentado, com a cabeça curvada e escondida entre as mãos. O espetáculo de um homem chorando é tão fora do comum que Irene fica parada, olhando-o como que fascinada. Sentindo-se observado, o rapaz ergue a cabeça:

— Não sabia que tinha companhia. Perdôe o meu estado.

— Não... Eu é que lhe devo pedir desculpas... por estar olhando...

— Ridículo um homem chorar, não é?

— Só tem um motivo para fazê-lo, que mal há?

— Não sou tão maluco para chorar sem razão.

Irene olha-o, com compaixão.

— Não quer saber qual é?

— Se acha que posso ajudá-lo, sabendo...

— Ajudar-me? Não. Não creio. Meu motivo é banal. Perdi o emprego. Milhões de pessoas perdem o emprego todos os dias.

— Eu sei, mas quando é o nosso que perdemos, a coisa é diferente...

— Já perdeu o seu alguma vez?

— Não, nunca tive nenhum.

— Que pergunta tola! Lógico que não. Basta olhar para você, para se ver que é uma granfina. Dessas que vivem a custa de boas mesadas. Por que está perdendo tempo comigo? Não tenho nenhuma baratinha para levá-la a passear. Ou será que prefere bisbilhotar a vida alheia?

— E' melhor eu ir andando. Quis apenas saber se podia ajudá-lo em alguma coisa. Vejo porém que está revoltado com tudo e com todos.

O rapaz passa as mãos pelos cabelos, num gesto de desânimo.

— Não se vá embora, por favor. Estou revoltado, é verdade. Por isso falei sem sentir. Fique mais um pouco. Se me deixar sozinho, sou capaz de cometer qualquer tolice. Sente-se aqui. Vamos conversar. Como é seu nome?

— Irene.

— Esquisito.

— Bem esquisito. Mamãe o tirou de

Premiado no Concurso Permanente da REVISTA DA SEMANA

Parece moela...

-ESTOU preocupada, Paulo.

— Com que?

— Irene. Está tão esquisita...

— Irene sempre foi esquisita.

— Bonito modo de falar de sua filha!

— Não foi você quem disse primeiro?

— O que eu quis dizer foi que ela anda esquisita agora. Eu sei que Irene sempre foi diferente das outras moças, mas não tanto quanto agora. Talvez esteja enganada, mas...

— Ora, você está é imaginando coisas. Só porque sua filha não vai a festas e não vive batendo calçadas como as outras tolinhas de sua idade, você se põe a resmungar e a arranjar pretextos para se amolar. Felizmente, eu conheço minha filha. Ouça o que lhe digo, Luiza. Irene é perfeitamente normal e si vive um pouco isolada é por simples questão de temperamento.

— E, com este temperamento, será ela feliz?

— Será? Por que será? Penso que não deve haver nenhuma dúvida a esse respeito. Creio que Irene tem tido sempre o que quer. Todos os meus mínimos desejos, mesmo os mais extravagantes, são imediatamente satisfeitos. Até o dia de hoje não tenho feito outra coisa a não ser me dedicar a ela. Que eu saiba, nada lhe tem faltado. Pelo menos, ela nunca se queixou. Que é mais preciso para uma pessoa ser feliz?

— Você tem razão, Irene tem tudo para ser feliz. Mas, mesmo assim, receio que não o seja como eu queria que fosse.

— Lá vem você de novo, demonstrando, mais uma vez, o quanto desconhece sua filha. Aposto como queria que ela vivesse soltando gargalhadas e bradando para todo o mundo o quanto se sente feliz. Não é assim que considera uma pessoa feliz? Irene nunca se manifestaria deste modo. Sua natureza tímida lhe impede de expandir seus sentimentos. Ela os guarda para si. Se quisermos descobri-los, perceberemos que eles se manifestam de maneira bem diferente. Ora através de um olhar vivo, ora por um gesto rápido. Irene nunca se abrirá em confidências com ninguém. E' preciso analisá-la sem o auxílio das palavras, se quisermos conhecê-la. E' isto que costumo fazer. E, para que você se tranquilize, minhas pesquisas revelam sempre que sua filha está perfeitamente satisfeita com tudo e com todos.

— Sinto contradizê-lo, Paulo. Mas você está errado, erradíssimo.

Conto de ANA MARIA SUSSEKIND DE MENDONÇA

Ilustração de ARMANDO PACHECO

— Posso saber por que?

— Você pode dizer que eu não conheço minha filha. Não me importa, no momento, a que você pensa. Há dias que venho observando Irene. Garanto-lhe que ela tem alguma coisa.

— Mas, afinal de contas, que é que você viu de tão estranho no procedimento desta menina?

— Várias coisas. Irene quase não come. Não consegue concentrar-se em nada. Está sempre com o olhar vago...

— Irene sempre gostou de divagar. Isso é tão natural, Luiza. Nem parece que você já teve dezolito anos...

— Eu compreendo. Parece, no entanto, que agora ela se alheia mais do que de costume. Dorme pouco. Ouço-a andar pelo quarto até altas horas. Quando lhe pergunto o que é, sobressalta-se e responde, invariavelmente, que não é nada. Eu sei que há alguma coisa. Paulo, nós precisamos obrigá-la a falar. E' para o próprio bem dela. Eu...

— Espere um instante. Parece que ouvi alguém bater à porta. Irene deve ter vindo conversar...

Paulo não se enganara: Irene realmente ouvira o que eles falavam. Atorreada com as conclusões da mãe, não aguentara até ao fim, resolvendo fechar a porta do seu quarto.

Que vontade de grilar para o pai que ele realmente estava errado! A mãe tinha razão. Infelizmente, ela não poderia lhe dizer nada porque nem mesmo ela sabia o motivo que a modificara tanto ultimamente. Quem poderia ajudá-la? A quem recorreria ela? Irene não conseguia arranjar resposta para nenhuma dessas perguntas. Sua mente estava confusa. Toda ela, aliás, se achava numa enorme confusão.

— Que estará me acontecendo? Nunca me senti tão fora de mim. Tão descontrolada. Mamãe tem reparado em tudo. E o pior é que tudo o que ela tem visto é verdadeiro. Não posso desmentir. E' verdade que não como, não durmo, não faço mais nada! Por outro lado Papai, também, tem razão. Eu devia ser feliz. Tenho tudo para ser feliz mas não sou. Antigamente, os livros me davam um pro-

zer extraordinário. Agora, não consigo concentrar-me neles. Parece que não absorvi nada do que li. Do contrário, saberia explicar o que estou sentindo agora. Essa insatisfação constante. Esse permanente aborrecimento. Essa terrível ansiedade por qualquer coisa que ainda me é desconhecida. Que será tudo isso?

Erguendo-se, como quem impelida por uma idéia brutal, Irene exclama:

— Não! Não pode ser isso. Não acredito que seja isso...

Instintivamente, uma imagem começa a se insinuar na mente de Irene. A princípio, parece incompreensível. E' uma carruagem puxada por dois cavalos. Um, de boa raça. O outro, impulsivo e selvagem. No alto da boléia, impiedosamente, o cocheiro vibra o chicote. Que significação secreta teria aquela imagem aos olhos de Irene? Agora, ela compreende. E' a comparação de Platão, da natureza complexa do homem a uma parelha de cavalos. O de raça representa os nobres ideais do homem. Quando estes dominam o homem, a carruagem é guiada por aquele cavalo. O outro, impulsivo e selvagem, simboliza o desejo carnal e outras baixas ambições. Este cavalo guia a carruagem quando o homem é dominado por essas espécies de desejo.

Irene fecha os olhos, tentando afugentar a imagem. Ela, no entanto, persiste nítida e cruel. Desesperada, corre para a janela, abrindo-a de par em par. A frescura da noite acalma-lhe os nervos excitados. Não podendo conter as lágrimas, que lhe pesam nos olhos, Irene chora. Este desabafo não é muito longo. Novamente lhe vem a inquietação. Sente-se atraída pela beleza do céu; anseia por gozar, também, da tranquilidade das estrelas...

★

Com os pés descalços e umedecidos pela areia molhada, os cabelos fustigando-lhe o rosto — Irene descansa. O espetáculo do mar, prateado pela lua, vindo lambê-la as pernas lânguida e acariciadoramente, entorpece-a.

A imagem de Platão ainda a persegue. O cocheiro, os dois cavalos... Si, ao me-

nos, pudesse pensar em qualquer coisa diferente! Era preciso interessar-se por alguma coisa, por alguém... Mas... como? Quem?

Um ruído estranho vem lhe interromper os pensamentos. Irene não consegue descobrir o que é. Depois de prestar mais atenção, parece-lhe ser alguém chorando. Intrigada, deixa-se guiar pelos soluços. Um pouco adiante, encontra um rapaz sentado, com a cabeça curvada e escondida entre as mãos. O espetáculo de um homem chorando é tão fora do comum que Irene fica parada, olhando-o como que fascinada. Sentindo-se observado, o rapaz ergue a cabeça:

— Não sabia que tinha companhia. Perdôe o meu estado.

— Não... Eu é que lhe devo pedir desculpas... por estar olhando...

— Ridículo um homem chorar, não é?

— Só tem um motivo para fazê-lo, que mal há?

— Não sou tão maluco para chorar sem razão.

Irene olha-o, com compaixão.

— Não quer saber qual é?

— Se acha que posso ajudá-lo, sabendo...

— Ajudar-me? Não. Não creio. Meu motivo é banal. Perdi o emprego. Milhões de pessoas perdem o emprego todos os dias.

— Eu sei, mas quando é o nosso que perdemos, a coisa é diferente...

— Já perdeu o seu alguma vez?

— Não, nunca tive nenhum.

— Que pergunta tola! Lógico que não. Basta olhar para você, para se ver que é uma granfina. Dessas que vivem a custa de boas mesadas. Por que está perdendo tempo comigo? Não tenho nenhuma baratinha para levá-la a passear. Ou será que prefere bisbilhotar a vida alheia?

— E' melhor eu ir andando. Quis apenas saber se podia ajudá-lo em alguma coisa. Vejo porém que está revoltado com tudo e com todos.

O rapaz passa as mãos pelos cabelos, num gesto de desânimo.

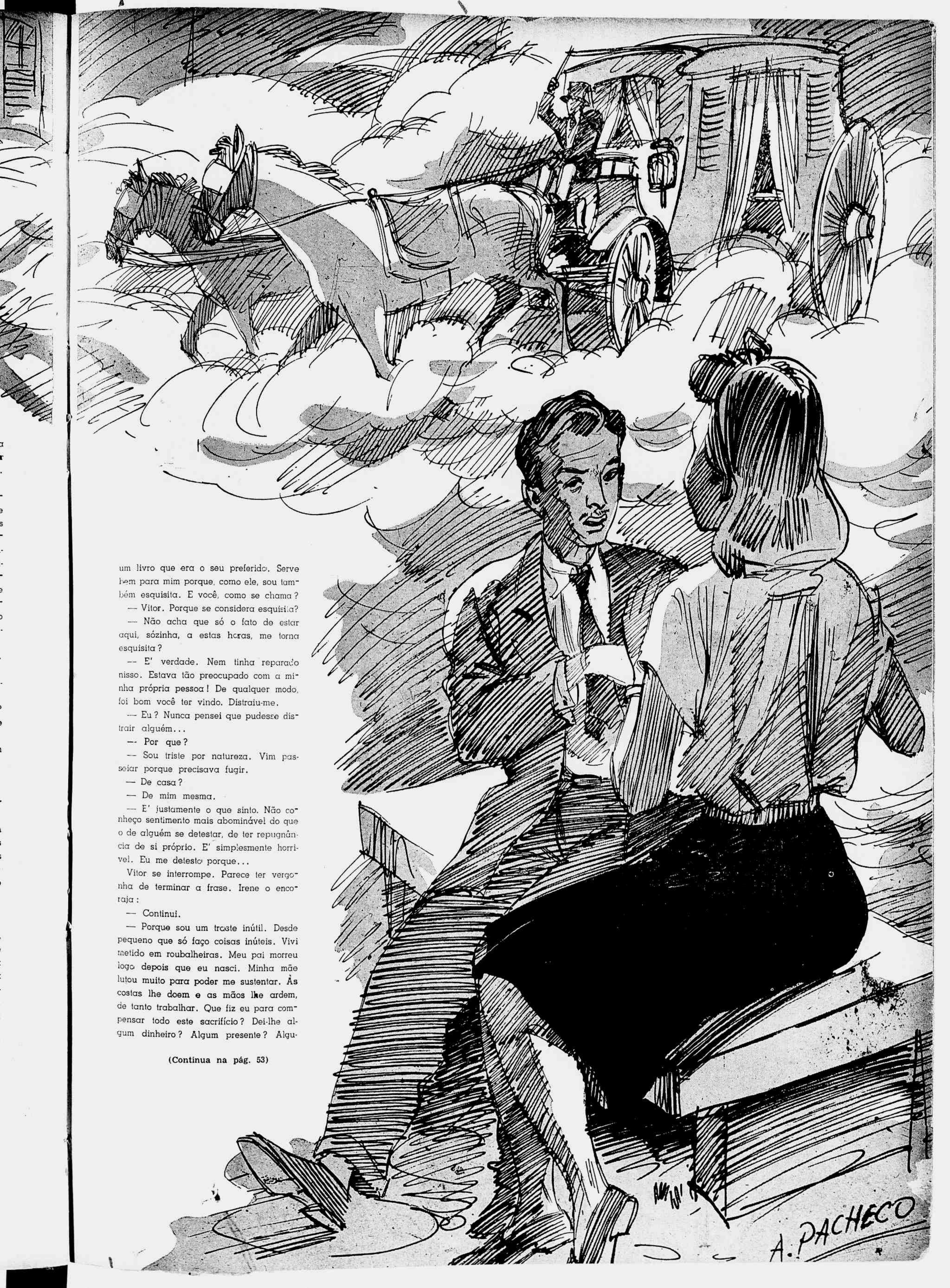
— Não se vá embora, por favor. Estou revoltado, é verdade. Por isso falei sem sentir. Fique mais um pouco. Se me deixar sozinho, sou capaz de cometer qualquer tolice. Sente-se aqui. Vamos conversar. Como é seu nome?

— Irene.

— Esquisito.

— Bem esquisito. Mamãe o tirou de

Premiado no Concurso Permanente da REVISTA DA SEMANA



um livro que era o seu preferido. Serve bem para mim porque, como ele, sou também esquisita. E você, como se chama?

— Vitor. Porque se considera esquisita?

— Não acha que só o fato de estar aqui, sózinha, a estas horas, me torna esquisita?

— É verdade. Nem tinha reparado nisso. Estava tão preocupado com a minha própria pessoa! De qualquer modo, foi bom você ter vindo. Distraiu-me.

— Eu? Nunca pensei que pudesse distrair alguém...

— Por que?

— Sou triste por natureza. Vim passear porque precisava fugir.

— De casa?

— De mim mesma.

— É justamente o que sinto. Não conheço sentimento mais abominável do que o de alguém se detestar, de ter repugnância de si próprio. É simplesmente horrível. Eu me detesto porque...

Vitor se interrompe. Parece ter vergonha de terminar a frase. Irene o encoraja:

— Continui.

— Porque sou um traste inútil. Desde pequeno que só faço coisas inúteis. Vivi metido em roubalheiras. Meu pai morreu logo depois que eu nasci. Minha mãe lutou muito para poder me sustentar. Às costas lhe doem e as mãos lhe ardem, de tanto trabalhar. Que fiz eu para compensar todo este sacrifício? Dei-lhe algum dinheiro? Algum presente? Algu-

(Continua na pág. 53)

A. PACHECO

Livros

NOVOS

Por JOÃO LUSO

CREPUSCULARES, versos de Alceste de Castro — Rio de Janeiro, 1946.

Ninguém julgue, por esta capa, que se trate de uma obra melancólica ou meio apagada. Apesar do conceito severo de Benville, os poetas continuam a prevalecer-se de inúmeras liberdades, inclusive a de dar aos livros títulos em desacordo com a feição dominante do conteúdo. Em muitos casos, e como temos tido ocasião de assinalar, deve ser o prestígio musical de certa palavra que os induz a adotá-la para batismo do volume inteiro. Tal o caso do Sr. Alceste de Castro, poeta de inspiração variada e em cuja técnica, ora imperam as regras clássicas e os modelos indubitavelmente imorredouros, ora se ostentam as rebeldias e os orgulhos de tantos pretensos versejadores que, com os vocábulos e as frases, chegam realmente a fazer tudo, menos versos. O autor aqui presente sabe, pode fazê-los escoreitos e formosos, quando queira. Não faltam por estas páginas além, exemplos dessa capacidade. E na índole das suas composições, muito mais que o desânimo ou a máguia dos crepúsculos, surgem as notas de são e forte entusiasmo, de louvor e agradecimento à vida.

Gesta, porém, de ficar triste de vez em quando; e, assim também, uma vez por outra, lhe apraz entregar-se à luta ou ao enlevo de criar cadências novas, tanto quanto possível originais, — como na longa poesia *Boêmias*, que assim começa:

*Vou correndo pelo Mundo como o velho D. Quixote!
Não ha moinho que me vença, nem Sansão que me derrote!
Cavaleiro medieval, menestrel de Reis antigos,
Sou também, como Camões, companheiro dos mendigos.
Nada tenho, nada faço, nada espero como prêmio,
Tudo o que eu ambicionava trago dentro de mim mesmo
Canto a vida e bebo vinho, sou poeta e sou boêmio,
Cavaleiro sem destino, corro os campos sempre a esmo.*

*As belezas do universo, como as sinto e como as amo!
Dos percalços do destino, nunca choro e nem reclamo,
Se esta vida me atormenta, eu me porto como um santo!
Amo as flores, beijo as aves, sonho muito e canto! Canto!
No sofrer como um herói sempre tive fidalguia,
Fome, frio, nunca ninguém vislumbrou-me um sofrimento!
Os meus cantos imortais são meu pão de cada dia
E manjares deliciosos toda a noite traz-me o vento.*

*Amo os astros, amo o Sol, o meu velho companheiro
Que me cobre com seus raios me aquecendo o dia inteiro!
Alta noite, também quando vou cismando pela rua
Vendo o céu enluarado, como um erento adoro a lua!
E se chega a Primavera, toda em flor, eu me desporto!
A minha alma de Poeta tem uma única Estação
Que a roseira da Poesia não floresce em tempo incerto
Quando falta o Sol da vida no jardim do coração.*

A BUSCA, novela de Maria Julieta Drummond de Andrade. Prefácio de Annibal A. Machado — Livraria José Olympio, Editora — Rio de Janeiro.

Não sabemos ao certo, nem sequer aproximadamente, o que um psiquiatra pensaria da protagonista desta história caseira.

E' uma espécie de menina — prodígio. Antes de entrar para o colégio experimenta emoções de pessoa já bem vivida e bem sofrida. Não raro os seus pensamentos parecem coisas adivinhadas. Positivamente, naquela idade não teve tempo de aprender as leis e as caprichos da vida, para tirar tais deduções, chegar a tais conclusões. Maria, "não Maria de Lourdes, Maria Luiza ou Ana Maria", mas apenas Maria, "Maria pura", vive em tudo e por tudo antecipadamente. E' temporária. A propósito disto e daquilo acodem-lhe versos de Verlaine e doutros poetas, menos lidos ou do tipo chamado modernista. Em contraposição, detesta José de Alencar. Já não suporta, ou, tão adiantada em outos sinais de inteligência e emotividade, ainda não compreende, não sente *Itacema*. Acha-a "cacetíssima". E só a está lendo porque a si mesma jurou ir até ao fim.

A tão ousadas disposições de espírito, que denunciam a mulher precoce, se opõem debilidades e terrores infantís. Maria sofre de pesadelos medonhos, às vezes até acordada. Um caso ligeiro de desayença familiar, um espectáculo de natureza trivial a faz sair da realidade ambiente, levando-a a angústias de febre alta, terrores de fantasmagoria. O aparecimento, lá em casa, da vendedora de guloseimas Maria Preta determina nesta outra Maria desvariações atrozes. Por mais que façam para a convencer da inofensividade da negra, com a sua cesta de broas e pasta de mandioca, corre a esconder-se debaixo da cama; pressente, oculta sob aquelas saias, a cauda demoníaca; está persuadida de que, daquelas vastas narinas, começará a escorrer, de um momento para o outro, um sangue fétido. E "essa angústia não tinha tempo nem medida. As gengivas (antes comparadas a carne sangrando no açougue) voltavam durante a noite, no escuro do quarto, mastigando bolinhos de fubá..."

Entre as sensações e vîzdes da menina e as da moça já feita, já, enamorada, não há às vezes, grande diferença. Maria, de entendimento agudo e nervos subtilíssimos, passa, a os nossos olhos, por uma desequilibrada. Mais do que isso: notamos-lhe incoerências, contradições que chegam a torná-la "impossível". Talvez, porém, seja ela que está certa e nós desorientados. E a verdade, a verdade incógnita e importante é que não precisamos de fazer juramento a nós mesmos, como fez Maria em relação à obra-prima de Alencar, para prosseguir nesta leitura até ao fim. A novela, para aceitarmos a classificação da autora, desperta real curiosidade. A figura principal, colhida da realidade — tantas vezes inverossímil — ou produto estremo da ficção, interessa-nos, leva-nos consigo. Embora bem pouco nos diga das próprias feições, podemos imaginá-la. Conseguimos vê-la. E a linguagem, ora requintada ora chã, e ainda modelada no falar das pessoas que não capricham ou não podem pensar em se exprimir corretamente — não raro nos surpreende com imagens e maneiras de impetuosa vivacidade. Há expressões tão penetrantes pelo intenso e o inesperado, que ficam. Assim quando Maria sente "uma urgência biológica de solidão", acorda, "naufrada em suor" aliviada de maus pensamentos", "embarca no sono"; ou, no infortúnio de lhe ter morrido o noivo "chora até o fim do mundo".

A autora é, ela própria, muito moça, pouco além de criança. Pode-se dizer que o livro lhe saiu hesitante ou incerto. Negar-se-lhe, porém, o valer como manifestação

de inteligência cintilante e peregrina emotividade seria, parece-nos, não propriamente uma injustiça mas, como indício de critério apreciativo, coisa ainda mais deplorável.

NOITE GRANDE, romance de Permínio Asfora, — Editora Minerva Ltda — Rio de Janeiro, 1947.

Neste novo romance do Sr. Permínio Asfora, as qualidades reveladas e já um tanto vitoriosas no primeiro: *Sapé*, voltam mais bem definidas, mais disciplinadas e em tudo superiores.

Em *Noite grande* existe realmente uma linha de acção, unida e segura. As figuras se aproximam se comunicam, com a lógica espontânea, a regra, natural e direta que — bem sabemos — a vida real nem sempre oferece, mas que a obra de ficção, para dar a impressão da realidade, ineludivelmente há de apresentar. Os episódios procedem uns dos outros, por uma lei de verossimilhança, que nos leva ao autêntico interesse: interesse de saber o que acontecerá; interesse pelo destino das criaturas; interesse que nos induziria, sendo coisa possível, a intervir para que certas ameaças da adversidade se não consumassem, este ou aquele bom êxito não encontrasse pelo caminho embaraços nem delongas excessivos.

O protagonista, jovem sírio vindo para o Brasil em cata de fortuna e na esperança da protecção de um tio já enriquecido no comércio, desde logo desperta a nossa simpatia. E' bom rapaz, amigo do trabalho, corajoso, possuído de uma dignidade que só deseja e reclama ser tratada com justiça. O tio, egoísta, despótico, ganancioso de se fazer notar mesmo entre os da sua espécie, e a tia, azeda, cheirona, resmungadora, tornam-lhe a permanência, quer na loja quer no lar, insuportável. Jorge vai trabalhar noutra terra, com um patrão brasileiro, e depois para si próprio. Prospera, casa, entrega-se à aventura da compra e exploração de uma "serra" de maniçoba. Tudo isto se passa no Piauí, numa localidade exígua, e num ambiente dominado pelo coronel Chico Pereira, cuja prepotência se baseia em numerosa capangada. O sírio, que já como negociante e homem amigo do justo, do direito, incorrera na má vontade de Chico Pereira; agora o tem por inimigo disposto a todas as hostilidades. O coronel resolve fazê-lo entregar as terras a um terceiro, como se este fosse o legítimo dono e portanto não tivesse a compra efectuada o menor valor legal. Solicitada a intervir, a justiça da comarca se mostra, ora intimidade ora velhaca, sempre burlesca. A questão tem que ser fatalmente resolvida pelas armas — de um lado os rifles dos sicários do coronel, do outro os distribuídos pelos trabalhadores, meio celerados também, do proprietário da "serra". Vence Jorge; e parece que, daí por diante, nada se oporá à sua tão merecida prosperidade. Mas sobrevém, no mercado, a crise da borracha. Não há colocação lucrativa para o produto; e por fim, não há colocação de espécie alguma. Jorge, agora com a responsabilidade de chefe de família, volta à extrema pobreza — estado de fortuna em que chegou ao Brasil. Não se dá, todavia, por vencido. O livro obedece à epígrafe liminar: "A esperança é a última que morre." O herói vai recomençar e, mais cedo ou mais tarde, triunfará definitivamente.

O estilo da obra segue o exemplo de alguns romancistas modernos, que adotam, não apenas nos diálogos mas nas descrições e narrativas próprias, o linguajar dos personagens mais ou menos sertanejos. Admitido isso como forma propriamente literária, o Sr. Permínio Asfora alcança a destreza, a desenvoltura a que, no caso, se pode chamar virtuosidade. E, admitindo também que, em localidade daquela zona, homens mulheres e crianças façam roda para presenciar, ou serenamente ou com brados de incitação um duelo de facinoras, a punhal, até ao momento em que o vencedor lambe, na folha da arma, o sangue do vencido — a cena em que os capangas Totó e Limeira se batem atinge uma eloquência em que há uma espécie de perfeição.

LAMENTAÇÃO FLORAL, "poemas" de Péricles Eugênio da Silva Ramos — Editora Assunção Limitada — São Paulo, 1946.

De "poemas" classifica o Sr. Péricles Eugênio da Silva Ramos os trabalhos contidos no presente volume. Não discutiremos hoje esse questão. Há bem pouco tempo nos ocupámos dela. Melhor será esperarmos algumas semanas, quando menos para não parecer que estamos sempre escrevendo a mesma coisa.

O autor da *Lamentação floral* procura maneiras bem modernas e tanto quanto possível originais de nos revelar as suas idéias ou comunicar as suas emoções. Para isso em certas páginas emprega varios metros poéticos como que reunidos ao acaso; outras vezes se serve de versos de verdade, embora brancos; outras ainda recorre a linhas sem regra certa nem ritmo definido. A sua linguagem assume, de quando em quando, extranha singularidade; não raro, porém, nela surgem pensamentos cativantes, imagens de beleza clara, ao alcance de todas as apreciações. Vejamos uma das composições em versos correctos e sem rima. E' a *canção cruel*:

*Uma lágrima nos olhos,
um soluço na garganta:
que importa, formosa minha,
— calhandra do sonho amargo —
que importa que os homens morram
cantando canções de guerra?
Que importa, camélia tonta,
que importa que a noite sangre,
se as trevas já se desfazem
numa chuva de esmeraldas?
Corra pois no futuro,
mas nem procures sorrir:
esquece, cascata em pranto,
esquece toda a alegria!...
Esquece, que a rosa de ouro
tem por preço de conquista
uma lágrima nos olhos,
um soluço na garganta...*





Interessante pijama, sugestão de Alexis Smith, da Warner Bros. As calças são de cetim preto, bastante largas e presas aos tornozelos. O corpete é de cetim listrado preto e branco, com grande decote redondo e mangas japonesas.

HÁ dias falamos sobre as precauções que toda dona de casa deve tomar, antes de partir para uma viagem de férias. Hoje, vamos falar sobre as precauções que devem ser tomadas por todas aquelas que prezam a sua beleza, elegância e o seu conforto.

- 1 — Arrume suas gavetas e armários deixando livres e limpos os locais das cousas que pretende levar.
- 2 — Mande reformar ou terminar os vestidos que pretende usar ao regressar.
- 3 — Reuna num só local todos os seus cremes e produtos de beleza. Deixe os potes limpos.
- 4 — Faça uma limpeza nas suas escovas e pentes.
- 5 — Mande lavar seus vestidos e "tailleurs" que irá usar ao regressar.

6 — Conserte ou mande consertar sua "lingerie", roupas de cama, etc.

7 — Ponha natalina nos seus agasalhos e nas suas peles.

8 — Cerre bem os frascos de perfume.

E agora, durante as férias:

9 — Dê um descanso à sua pele. Procure evitar o máximo possível o uso de "bases", cremes, "rouges", "pancakes", etc. Um creme nutritivo à noite, será suficiente.

10 — Dê também um descanso aos seus cabelos. Penteie-os de maneira bem simples, e proteja-os contra o sol e a poeira, usando sempre um lenço amarrado à cabeça.

11 — Também as suas unhas merecem um descanso. Remova inteiramente o verniz.

12 — Se quer dar nova forma às suas sobrancelhas, aproveite a oportunidade para deixá-las crescer.

13 — Use roupas simples, esportivas, e nada de jóias. Assim, quando você regressar sentirá novo prazer em vestir "toilettes" "habillés" e usar as suas jóias.

14 — Aproveite também para melhorar as suas condições físicas. Se precisa emagrecer, faça muito exercício, e, se pretende engordar, alimente-se bem e descanse sempre depois do almoço.

15 — Finalmente, dê férias também aos seus problemas e aborrecimentos. Procure esquecer de tudo nesses dias, porque assim você voltará com o espírito rejuvenescido e disposta a novas lutas.

K I T T Y

NOS BASTIDORES FEMININOS





AQUI estão algumas das famosas Goldwyn Girls, que brevemente visitarão o Brasil, oferecendo o que de mais novo há na moda "yankee". A esquerda, Mary Brewer, exibindo um grande chapéu de palha bege, ornado de fitas, bolsa em fina camurça marron. Ao alto temos, à esquerda, Diana Mumby com um chapéu em seda e flores. A direita, Karen X. Gaylord com um modelo em feltro preto com enfeite em pedrarias. Em baixo, novamente Diana Mumby desta vez exibindo um artístico penteado, e finalmente à direita Marta Montgomery também com um lindo penteado.

CHAPÉUS E PENTEADOS



MODELOS ELEGANTES

À esquerda, Lorraine De Rome com um interessante modelo em seda bege. Em baixo Martha Montgomery exibindo um original chapéu em veludo verde claro. A seguir Karen X. Gaylord num interessante vestido em cinza prateada, e finalmente, na página à direita, Martha Montgomery exibindo uma criação em veludo preto com motivos prateados.









A esquerda : Modelo de jersey de seda preto, com grande decote, com laços des lades. Saia bastante franzida. Creação de Andrélou. "Duas-peças" de seda verde e branca. Na jaqueta pregas estreitas, batidas, formando bolsos. "Rouche" ao redor do bolso e da gola. A direita : Bruyère e Marcelle Chaumont são os criadores destes modelos "duas-peças", "imprimés", de muita elegância. O primeiro é azul marinho, rosa e branco, com "vivo" no decote e ao redor da jaqueta. O segundo é marrom com "pois" e botões brancos.

"TAILLEURS" E VESTIDOS



GARDEN-PARTY

CATHERINE PAREL, creou este admirável modelo em tafetá de listras largas e estreitas, corpete justo, sem ombros. Na altura do cotovelo, punhos "godet" à guisa de mangas. Saia amplíssima. Sombrinha do mesmo tecido.



DE PARIS, chegam-nos estas máscaras originalíssimas e de luxo que tanto podem ser usadas com fantasias como com vestidos de noite, que são aqui reproduzidas e cujo sucesso antecipadamente garantimos. Em cima: Máscara de penas de galo, combinada com duas grandes asas. Em baixo, à esquerda: Máscara formada com pássaros... Enfeite na cabeça de plumas negras. À direita: Interessantíssima esta máscara de penas pretas...

MASCARAS



Nem se pergunta*



só uso Kolynos!
diz

Constance Moore

famosa estrela da REPUBLIC PRODUCTIONS que aparece em
"EARL CARROLL SKETCHBOOK."

Como todo mundo! É que Kolynos limpa profundamente os dentes, revelando a beleza natural do sorriso; Kolynos refresca a boca com sua abundante, suave e agradável espuma e deixa uma incomparável sensação de limpeza e saúde. Convença-se de que Kolynos:

limpa mais... agrada mais... rende mais!



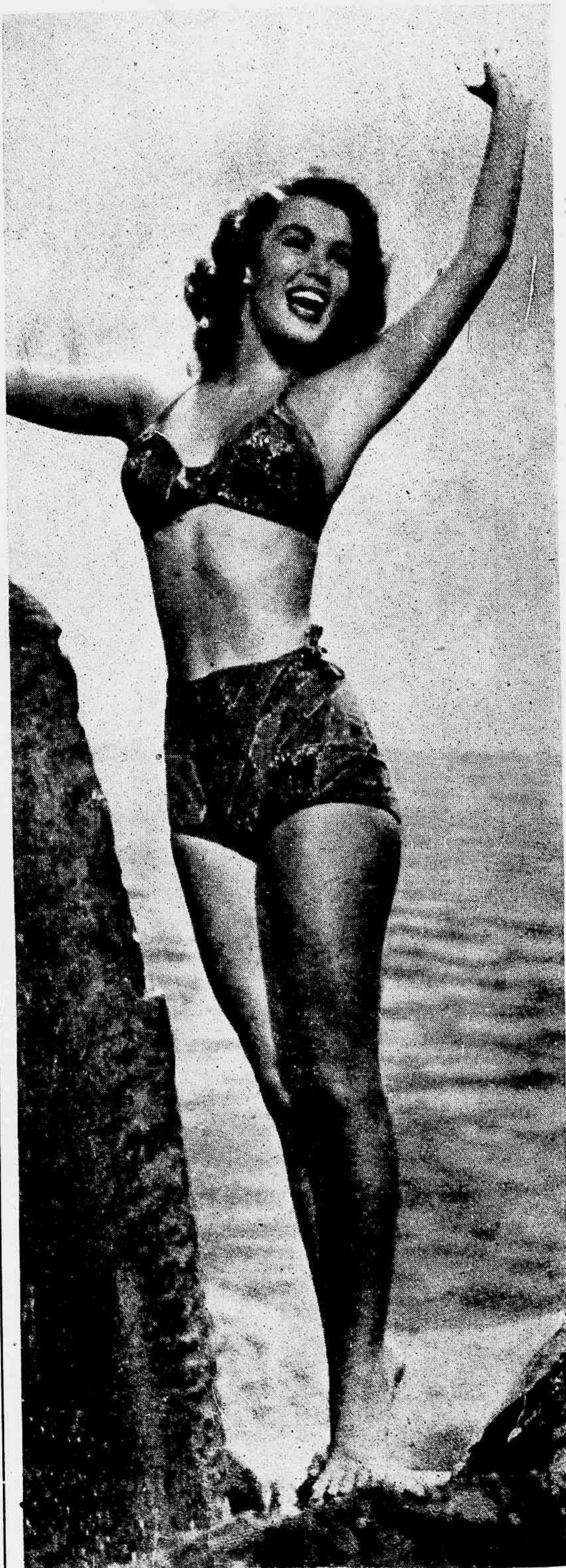
Para sorrir como artista,
mostrando dentes divinos.
não se esqueça do dentista,
nem se esqueça de Kolynos!



* Faça como eu:
Use Kolynos duas vezes por dia

K. 411 PH

McCann



MAILLOTS MODERNOS



À esquerda, uma beldade da MGM, Linda Christians, com reduzidíssimo "maillot" estampado. À direita, Ellen Ross, também da MGM... Merece bem um assovio... O seu "maillot" é de listras verdes e brancas, com franzidos atrás. Na frente as listras são colocadas em sentido contrário.



**GRIPE /
RESFRIADOS /
NEURALGIAS**



TRANSPIROL

A QUEDA



Conto de J. F. DE LUNA * Ilust. de A. MOURA

Premiado no Concurso Permanente da
REVISTA DA SEMANA

clamei para mim mesmo, com a boca muito aberta, de espanto... Instintivamente olhei para as minhas canelas sujas... Nunca as lavara senão com um pedacinho de sabão barato. E fiquei imaginando como devia ser cheiroso o corpo daquela princesa. E, quando voltei para casa, sobraçando um corte de tecido de dois e quatrocentos, via com os olhos da imaginação um corpo muito alvo e moço, todo salpicado de espuma cheirosa, embaixo do chuveiro... E daí por diante, nunca mais esqueci aquele incidente tão sem importancia para qualquer outra pessoa. Talvez mesmo fosse influência da minha própria situação. Porque todas as tardes, roubando-me ao inocente futebol de bola-de-mela, mamãe chegava à porta e exclamava num misto de ternura e impaciência: "— Deixa essa bola, dormente! Vem lavar os pés, que já é de noite!" E quando eu entrava de cabeça baixa, sujo e esbaforido: "— Virgem Maria, que pernas pretas! Esfregue bem essas canelas, até largar todo o 'grude'! Você hoje não tira mais os tamanhos..." Nesses momentos, invariavelmente, voltava-me à lembrança o sabonete de seis mil réis. Quando eu teria possibilidade de usá-lo também?!

Assim rolou o tempo. Anos depois da morte de meu pai, vim para a capital, deixando na vila pobre a moça que me acordara os primeiros sentimentos de homem.

Ela continuava inatingível e indiferente ao desfile dos operários desiludidos... Quando voltei lá mais tarde, em visita à minha família, soube que dona Lenita tinha se casado um mês antes. "— Gente de fora?", perguntei, admirado pela notícia. "— Não — responderam-me — Foi com o Marcelo, contra-mestre da Tecelagem..." Fiquei assimbrado, confesso. Então a princesa casara com aquele rapaz farrista, irresponsável e sem futura?! Com franqueza, a fidalga era pouco exigente, apesar das aparências em contrário. Ah, se eu tivesse adivinhado?...

Sim, eu já ia esquecendo de dizer que, com o primeiro ordenado que recebi aqui à custa de trabalhos puxados, procurei comprar um sabonete de seis mil réis... Foi uma beleza e uma novidade, mas ficou apenas nesse, pois o salário dava mal para pagar a minha pensão de estudante, na casa de dona Maroquinha... Uma besteira, não acham? Mas, é isso mesmo: mais vale um gosto que seis mil réis...

Bem, o relógio do tempo não parava, e alguns anos depois foi colhido por uma grande tristeza. Morreu minha mãe, lá na vila pobre. E' verdade que a minha situação agora era bem melhor, porém com esse golpe voltaram-me a lembrança e a saudade dos meus tempos de criança hu-

vavam já a condenação duma família numerosa. Dona Lenita tinha muito orgulho, ou pelo menos parecia ter. Suas amizades com as outras moças eram restritas e transitórias. Por isso ela me pareceu sempre uma princesa caída por descuido, dentro duma vila operária. Mas o meio não exercia influências sobre ela, não. Trajava bem e bancava ricaça durante os raríssimos passeios. Houve até um pequeno incidente que nunca me saiu da memória. Foi um incidente besta, mas vale a pena contar. Na minha santa humildade de menino pobre, sem brinquedos comprados ou desejos satisfeitos, dividia o meu tempo com os livros, a bola-de-mela e a agradável função de moço-de-recados lá de casa. Pois um dia fui à loja de "seu" Inácio comprar certo tecido de dois cruzados o metro, quando me deparei com a figura impressionante de dona Lenita, que também entrara para adquirir alguma coisa. Olhei-a de soslaio, maravilhado com a sua beleza. E' bem verdade que eu não gostava de comprar nada na casa de "seu" Inácio porque ele era medonho para dar gritos na gente. Não dispensava mesmo nada. Se a pessoa que enriquece fica bruto assim (pensava comigo), Deus me livre de ficar rico... Também era um horror. A gente não podia nem pedir delicadamente para trocar nada, e o velho ascendia os olhos vermelhos atrás dos vidros grossos dos óculos, tremia todo, e pegava a dizer palavrões na frente dos outros, chamando a gente de "bestalhão" e outras vergonhas. Por isso, quando vi a moça, fiquei logo com um medo danado de ser repreendido na frente dela. Mas felizmente nada aconteceu. Assim que dona Lenita entrou toda posuda, o patrão e os empregados deram um "bom-dia" risonho e foram todos duma vez atendê-la. "— Hoje é somente um sabonete", disse a moça com uma voz e um riso que davam até uma agonia dentro da gente. "— Pois não, senhorita... Que marca prefere? Narciso verde?..." "— Não. Quero um mais caro..." Eu estava com os olhos compridos para ela, e ouvia tudo. Que pernas danadas de bonitas! Ali sim é que era corpo bem feito! "— Veja este... E' o melhor que temos, e custa apenas seis mil réis..."

Seis mil réis! Santa Maria, que sabonete caro! — ex-

VOCES bem podem dizer que isto é uma história vulgar. Pouco me importa. A gente às vezes, assim em palestra, tem o capricho de contar fatos antigos, e ninguém é capaz de nos convencer do contrário. Chega a vontade no meio da conversa, e a gente, perdendo a conveniência, conta, conta até as pessoas em redor abrirem a boca, de enfado... Quase nunca o narrador se aborrece com a opinião dos circunstantes. Também isso é pouco aconselhável. Quem atenta muito para os pontos de vista alheios fica atrapalhado e não faz nada na vida. E' melhor agir por si mesmo, não acham? Mas, vamos à história...

Ela se chamava Lenita. Lenita Malheiros, parece. Quando a conheci, garoto ainda, ela ostentava a beleza massiça duma mocidade sadia e fascinante. Parece que é aos doze anos que a gente começa a achar as mulheres encantadoras ou antipáticas. Pois achei-a linda, arrasadoramente linda. Porém dona Lenita (como eu a chamaria se chegasse a falar-lhe) talvez nunca tenha dado pela minha presença naquela vilazinha operária. Também passeava pouco, a princesa. Levava os dias metida em casa de seus tios, segundo me disseram depois. E todas as tardes, invariavelmente, lá estava debruçada à janela, irradiando uma mocidade inatingível e indiferente ao desfile dos operários róticos e famintos. Naturalmente ela só casaria com um doutor, pensava eu, e os doutores eram bem raros naquela terra de trabalhos intensos e humilhações terríveis. E um ou dois "graduados" que iam morar ali, le-

(Continua na pág. 54)

A ZINKA MILANOV que nos apareceu na temporada passada no Teatro Municipal não era, certamente, o mesmo soprano que, apesar de "absoluto", tinha demonstrado ser muito incerto, em temporadas anteriores. Raramente é dado ao público observar modificações tão importantes numa cantora.

A simpática diva iugoslava quando aqui estivera anteriormente, confirmando o julgamento de visitas anteriores, provou ser dona de uma bela voz extensa e ductil, porém inspirou sérias dúvidas quanto às possibilidades dadas ao seu talento, uma vez que desde logo ficou patente que pouco cuidado tinha na maneira de empregá-la. Uma emissão defeituosa prejudicava o belo timbre e os agudos — nossa senhora — eram verdadeiros gritos.

Ainda além de tudo isso, ela aparecia em cena com o maior desleixo, sem se preocupar com a parte dramática, esta vez mais importante no teatro lírico contemporâneo.

Se a impressão que guardamos daquele contacto não se tivesse transformado radicalmente, muito nos surpreenderia encontrá-la, agora, doutrinando a respeito da grandza e decadência da ópera. Eis aí um tema que tem preocupado quantos se aplicam ao estudo dos problemas musicais. As duas soluções, os dois principais motivos citados são: a voz e a época. Argumentam uns que o tempo da ópera já passou, que este gênero constituiu característica de outras condições que se reuniam para o desenvolvimento da arte. Não falta quem atribua por outro lado, esse fato, à falta de cantores capazes de arcar com a tremenda responsabilidade de alguns papéis. Assim, diz-se que poucos são os sopranos que conseguem cantar, com facilidade, o papel da Rainha da Noite, no Flauta Mágica, para citar somente um dos mais difíceis.

Zinka Milanov agora nos propõe uma tese completamente diversa. Desmente os rumores da decadência da ópera sugerindo que esta continua tão viva quanto no século passado, que é a época em que se fixa habitualmente no tempo, seu período áureo.

Mas tratemos, antes, da metamorfose que tanto nos mente, no tempo, seu período áureo.

"RAZÕES DO CORAÇÃO..."

Depois de comparecer a várias temporadas nas condições que descrevemos, Zinka Milanov deixou, certo ano, de cumprir um contrato já assinado. Mandou dos Estados Unidos um atestado médico, à maneira de uma outra ingrata, Biju Sayão, que no mesmo ano alegara motivos de saúde para não vir ao Brasil.

O maestro Piergilli, daqui, disse tudo quanto pensava a respeito da cantora, e em tom veemente. "Afinal de contas", argumentava ele, "é uma descensuração". Quem o encontrou logo às vésperas da estréia da temporada, com o elenco reduzido inesperadamente, certamente ouviu as suas queixas a respeito das dificuldades de reunir cantores para que a guerra não interrompesse os espetáculos.

Mais tarde, vhegava ao Rio uma colega da cantora que nos disse, confidencialmente:

— Bem, Zinka não veio este ano por razões do coração...

— E o atestado médico?

— Pois se é o médico quem está interessado em que ela não saia dos Estados Unidos...

E assim foi que passamos dois anos sem ver Zinka Milanov. Ano passado, ela reapareceu. A voz, mantidas as qualidades, ganhara, por outro lado, uma nova segurança. Já os defeitos na emissão eram muito menores e sobretudo notava-se, nela uma compenetração maior, uma tentativa de "encarnar" de fato, os personagens e dar um desempenho cênico que correspondesse à parte vocal, desempenho sempre adequado, sóbrio, às vezes brilhante.

A PRIMADONA E O "FAZ TUDO"

Falando a respeito da ópera no mundo contemporâneo sobretudo nos Estados Unidos, a cantora enfileitou argumentos em apoio à sua tese.

— Quando o público fala em Idade Aurea da ópera, refere-se aos primeiros tempos do Metropolitan até a morte de Caruso, em 1921. Ora, esse mesmo público certamente nunca ouviu Christine Nilsson, que cantou o Fausto na inauguração do teatro americano. Mas o passado adquire,



ZINKA MILANOV

A PRIMADONA E O "FAZ TUDO"

Uma época em que os agudos eram marcados a cronômetro — Já passou o tempo do "voz, voz e voz" — O regime alimentar de uma Diva e a ópera contemporânea — Razões do coração.

desde logo um ar de sugestiva poesia, que lhe permite sem mais delongas, afirmar, categoricamente, que essa cantora faz parte de uma tradição que não está sendo mantida, que sua voz tinha alguma especial qualidade que, hoje em dia, nos falta.

E, prosseguindo:

— Na realidade, as vozes, agora não são piores nem melhores do que eram naquela época, se as considerarmos em conjunto. O que é preciso lembrar é que os padrões de julgamento são muito mais severos. Tomemos o caso da Flauta Mágica. A tessitura aguda, no tempo em que Mozart compôs a ópera, era muito menos. Somente mais tarde é que essa ária começou a apresentar dificuldades quase insuperáveis. O que eu quero salientar é que é preciso desde logo considerar a ópera dentro das

condições históricas em que surgiu. Outra coisa que, frequentemente, não se leva à consideração: as orquestras mudaram bastante. Além disso, falando em padrões de julgamento mais difíceis eu me refiro aos diferentes estilos que uma primadona de hoje deve dominar. Antigamente, uma cantora estudava para cantar no estilo operístico e nada mais. Mesmo quando dava concertos usava o mesmo repertório, as árias que lhe tinham dado fama. A Alemanha tinha os cantores de lieder, mas se dedicavam especialmente a esta espécie de canto. A Itália, principalmente operática, produzia canções que eram verdadeiras árias...

Com um suspiro, a diva foi acrescentando:

— A prima dona hoje, é pior do que o faz tudo. Não
(Continua na pág. 54)



TRABALHOS MANUAIS

SACOLA DE TRABALHO (2080)

Material necessário:

LINHA MERCER CROCHET MARCA
"CORRENTE" Nº 40.

9 novelos de 20 gramas de uma cor es-
calhada.

1 pedaço de papelão.

1 agulha de aço para crochet nº 2 1/2
marca Milward.

(Usar três fios de linha).

Tensão — 4 carreiras — 2,5 cm.

Abreviações — ch — trancinha; dc —
ponto de crochet duplo; ss — meio ponto

de crochet; tr — ponto fechado; sp —
espaço.

★

FUNDO — Começar com 8 ch, unir com
ss para formar uma alça.

1ª carreira — dentro da alça fazer 12
dc, 1 ss no 1º dc.

2ª carreira — 3 ch, 2 tr no mesmo lu-
gar como o último ss, X 1 tr no dc se-
guinte, 3 tr no dc seguinte, repetir do X
mais 4 vezes, 1 tr no dc seguinte, 1 ss
na 3ª das 3 ch.

3ª carreira — 3 ch, X 3 tr no tr seguin-
te, 1 tr em cada um dos 3 tr seguintes;
repetir do X terminando com 3 tr no tr
seguinte, 1 tr em cada um dos 2 tr se-
guintes, 1 ss na 3ª das 3 ch.

Repetir a 3ª carreira mais 12 vezes
tendo 3 tr no tr central de cada grupo de
3 tr e mais 2 tr entre os grupos. Arre-
matar. Fazer outra parte de fundo da
mesma maneira.

SACOLA — Começar com 180ch, unir
com ss para formar uma alça.

1ª carreira — 3 ch, 1 tr em cada ch,
1 ss na 3ª das 3 ch.

2ª carreira — 3 ch, 1 tr no mesmo lu-
gar como o último ss, X 1 tr no tr se-
guinte, 2 tr no tr seguinte, repetir do X
terminado com 1 tr no tr seguinte, 1 ss
na 3ª das 3 ch.

3ª carreira — 3 ch, 1 tr em cada tr, 1
ss na 3ª das 3 ch, repetir a 3ª carreira
mais 28 vezes.

32ª carreira — 3 ch, 1 tr em cada uma
das 18 tr seguintes, X 1 ch, omitir 1 tr,
1 tr em cada um dos 17 tr seguintes, re-
petir do X terminando com 1 ch, 1 ss na
3ª das 3 ch.

33ª carreira — 3 ch, 1 tr em cada um
das 18 tr seguintes, X 1 tr dentro de 1
ch sp, 1 tr em cada uma das 17 tr se-
guintes, repetir do X terminando com 1
tr no último 1 ch sp, 1 ss na 3ª das 3 ch.

34ª carreira — Igual a 3ª carreira.

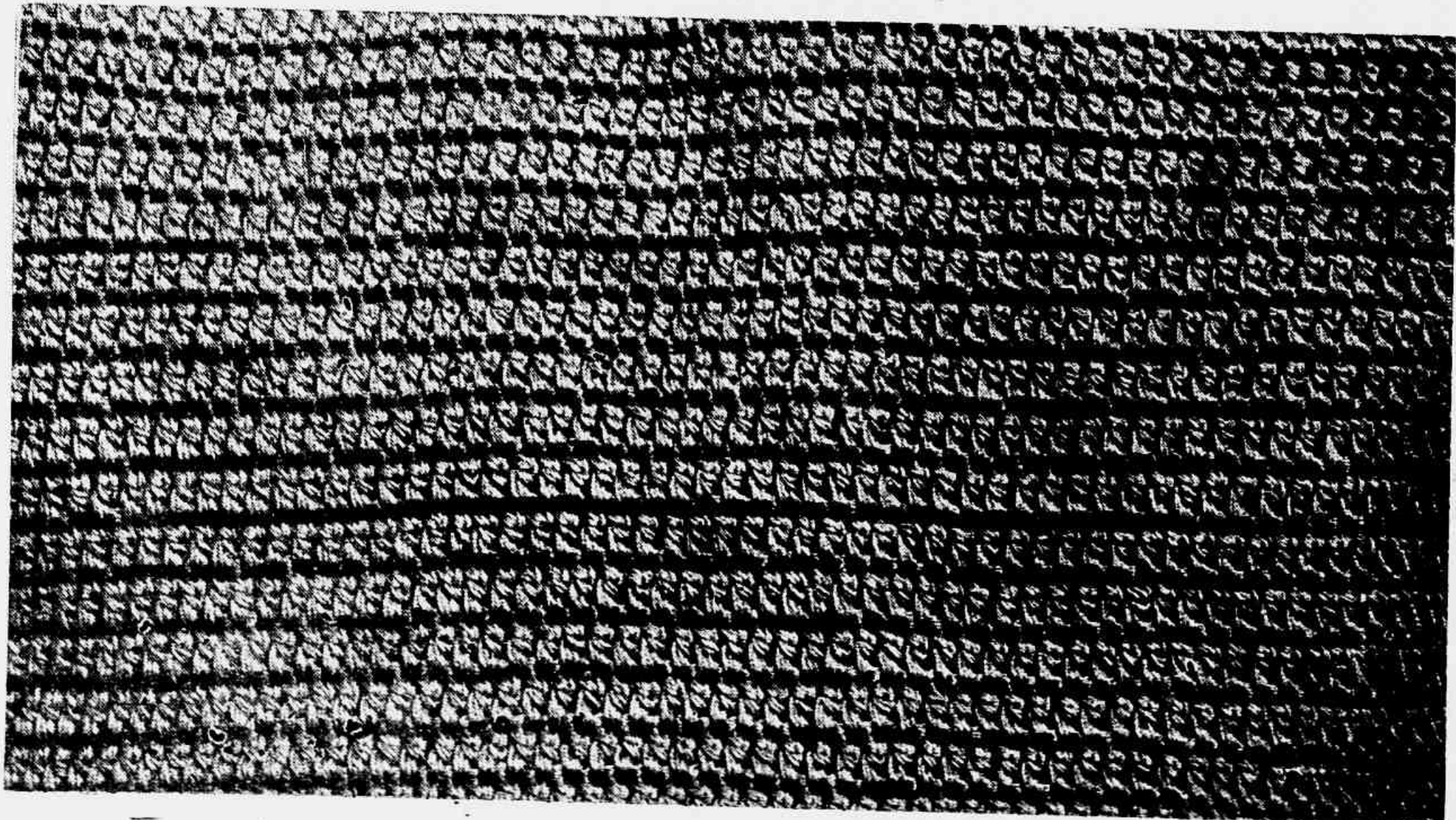
35ª carreira — 1 ch, 1 dc no mesmo
lugar como o último ss, X omitir 2 tr, 3 tr
3 ch 3 tr no tr seguinte, omitir 2 tr, 1 dc no
tr seguinte, repetir do X omitindo 1 dc
no fim da última repetição, 1 ss no pri-
meiro dc.

36ª carreira — 1 ss em cada um dos 3
tr seguinte, 1 ss no ch seguinte 1 dc no
3 ch sp, X 8 ch 1 dc no 3 ch sp seguinte,
repetir do X omitindo 1 dc no fim da úl-
tima repetição, 1 ss no 1º dc.

37ª carreira — 10 dc em cada 8 ch
sp, 1 ss no 1º dc. Arrematar. Emendar
a linha no 1º ch da base da sacola e
fazer 1 dc dentro da outra metade de
cada ch da base. Arrematar.

Colecar as 2 partes do fundo da sacola
juntas com o papelão entre as mesmas e
prender as partes juntas sobre o dc do
arremate.

Fazer um cordão torcido enlaçando-o
através dos orifícios na 32ª carreira do
alto da sacola.



Em 1.º lugar, pela 6.ª vez consecutiva, o INSTITUTO GUANABARA



Numa esplêndida demonstração da alta eficiência dos seus métodos de ensino, o Instituto Guanabara, acreditado estabelecimento da rua Mariz e Barros, obteve para uma de suas alunas o primeiro lugar no concurso de admissão ao Instituto de Educação, e isto pela sexta vez consecutiva. Desta feita, coube a honrosa classificação à candidata Maria Lúcia Cozzolino, que vemos, na fotografia à esquerda, recebendo das mãos da senhora Carmen Landim, o prêmio que lhe ofertou o Instituto Guanabara, tendo à sua esquerda o sr. Antonio Moreira, ambos diretores dessa casa de ensino. Além dessa conquista, 33 entre as primeiras sessenta candidatas que colheram melhores médias, cursaram o Guanabara, que conseguiu, no total de aprovações, a contribuição de 50%, resultados assim excepcionais, qualitativa como quantitativamente, portanto. Para festejar mais esse grande êxito, a diretoria e o corpo docente do Instituto Guanabara reuniram numa festa íntima suas alunas e respectivas famílias, comemorando com o maior júbilo o auspicioso resultado de mais uma brilhante jornada. Na foto acima está reunida parte das alunas aprovadas.

SERTANEJOS

(Continuação da pág. 29)

que os outros o imitaram, arrancou com toda a tropa, aos berros, aos galões das alimarias acirradas, contra a turma do parente.

Desnorteados pelo imprevisível do assalto, os fretelros do Balaio estacaram, deram de rédeas aos animais. Num relâmpago, porém, os outros os envolveram, aprisionaram-nos no caminho estreito; e, às estocadas selvagens, num formidável tumulto, num restrugir bárbaro de brados guerreiros, puseram-se a esfaquear os sacos de víveres; — ondas de arroz, café e farinha rebentaram dos fardos rotos, espalharam-se no solo. Passado o primeiro momento de estupor, os tropeiros procuraram repelir a investida, sacaram também as parralbas afiadas e lampejantes; e, já agora, quando uma lâmpa tombava sobre um costal ainda intacto, encontrava outra lâmina que a rechacava; e, em vez dos golpes nos fardos fofos, de que irrompiam os cereais, a ponta aguda das facas ia de encontro a uma carne estuante, em que afundava, espadanando sangue. Por vezes, um dos animais, estarrecido, erguido nos jarretes, arremetia para a frente, derrubando o que encontrava. E, às upas, aos galões, empinando, as ventas em fogo, a crina hispida e a cauda desfraldada, — vibrando os cascos como manoplas, forçava a passagem, disparava pela encosta abaixo, em turbilhão, deixando atrás, despedaçados, os arreios e a carga. E a peleja continuava, recrudescia. Os punhais mergulhavam no peito sofregado das éguas, jorros de sangue fumegante esparrimavam sobre os homens, iam formar uma papa ascorosa contra os montes brancos da farinha esparsa.

Por fim, não restou mais um animal carregado. Rotos os sacos, esvoaçando ao vento, os surrões rompidos a golpes largos, — uma somente com os arreios, outras inteiramente em pêlo, as montarias do Zé Balaio debandaram pela estrada, acabaram por deixar livre o campo da refrega. No chão esfuracado, em-

sopado de lama e sangueira, parecendo revolvido pela passagem de um exército com peças de artilharia, jaziam três animais moribundos; e um cabra do Justino torcia-se acutilado no ventre. Um camarada ergueu-o, pô-lo atravessado na sela — enquanto os adversários procuravam alcançar as bestas desgarradas, ou se achegavam compungidos ao chefe derrotado. Então, de repente, no mesmo tropel abrutalhado em que haviam investido, como uma hoste bárbara, os cangaceiros galoparam vencedores pelo caminho aberto, até uma eminência fronteiriça. Sómente o rapaz ficou, dirigindo-se ao velho, que contemplava a desordem do sítio, num estarrecimento de angústia. Só o Balaio não tomara parte na luta, indo de um canto a outro, empurrando, esbordoando, louco, as mãos na cabeça, um jeito de demente, na dor de uma onça ferida a que dizimasse a ninhada. Vendo o sobrinho sair-lhe agora ao encontro, nem soube o que pensar. Iria o miserável matá-lo, após arruinar-lhe o resto da vida com o desastre horrível? Nesse momento, fariam dele o que quisessem, não saberia reagir com um gesto, seria capaz de abrir os braços, oferecendo o peito ao golpe inimigo.

Mas o rapaz não parecia animado por idéias funestas. Adiantou-se, risonho e zombeteiro, muito calmo, desabotoando a camisa, despiu-a. Súbito, saltando abaixo da montaria, expôs o torso nu, bronzeado e magnífico, reluzente de suor e empolado de músculos latejantes; e, numa grande risada sarcástica, que foi ao coração do velho como a folha duma espada, apresentou-lhe as costas curvadas, humildemente, numa ironia formidável:

— Pronto, meu tio. Agora pode me açoitar...

PARECE NOVELA...

(Continuação da pág. 37)

ma satisfação? Nada. Nunca esqueci lugar num emprego. Enjeava no fim da primeira semana. Sou um fracassado. Não dou para nada.

— Infelizmente, não posso estimulá-lo com palavras. Mas, quem sabe, algum dia você encontrará uma oportunidade para vencer?

— Não acredito em milagros.

— As vezes, os fracassos servem de bons exemplos, quando se sabe enfrentá-los.

— E' assim que você costuma fazer?

— Sim, transformo os obstáculos em estímulos.

— Grande te ria, quando se lida com probleminhas de menina rica.

— Não deixam de ser problemas.

— Como devem ser suaves! Até me dá vontade de rir.

— Não são tão suaves assim. Você exagera demais as coisas. E' verdade que tenho tudo para ser feliz. Mas, nem por isso, a sou. Tenho pais que me adoram, casa, comida e dinheiro. Que me falta? Não lho posso dizer, porque não sei. Tenho certeza de que alguma coisa me falta. E de que ela me é imprescindível. Sem ela, não poderei nunca ser feliz. Ai está o pior dos meus problemas.

Irône encara o rapaz, esperando que

(Continua na pág. 56)

V.S. montará este maravilhoso Rádio de 8 válvulas.

Receberá um instrumento para medir resistências, condensadores, etc.

E também um jogo completo de ferramentas.

FAÇA SUA FORTUNA ESTUDANDO RADIO

APRENDA EM SUA CASA nas horas de folga para ser um RÁDIO-TÉCNICO COMPETENTE

Com o novo e aperfeiçoado método prático de nosso INSTITUTO V.S. aprenderá todos os trabalhos manuais de um modo eficiente para montar e concertar RÁDIOS de qualquer marca, amplificadores, transmissores, equipamentos de Televisão, Line Sonoro etc. Poderá V.S. ganhar mais dinheiro do que o custo de seus estudos, logo após de iniciá-los. Duração dos estudos, 25 semanas. Mensalidades suavísimas. Não é preciso ter conhecimento nem preparação especial. **MANDE HOJE MESMO O COUPON ABAIXO DEVIDAMENTE PREENCHIDO.**

INSTITUTO RÁDIO-TÉCNICO MONITOR
RUA AURORA, 1021 - SÃO PAULO

Sr. Diretor: Peço enviar-me GRÁTIS o folheto com as instruções como ganhar dinheiro no Rádio

NOME

RUA N.º

CIDADE

ESTADO

152



Senhora Adhemar Viana de Azevedo e sua filhinha Margarida.

A QUEDA

(Continuação da página 50)

milde. Tinha havido grandes transformações entre as pessoas que eu conhecera naqueles dias longínquos. O implicante "seu" Inácio da loja arruinara-se completamente, e vivia agora quase da caridade pública. Perambulava pelas ruas, sem casa e sem família. Ao saber disso, lembrei-me sem querer do tempo em que ele me chamava de "bestalhão" e fiquei bastante apreensivo... Todavia, o que pareceu muito pior para mim foi o destino de dona Lenita. O marido a abandonara inesperadamente, deixando-a com três filhos sambudos e numa miséria calamitosa! E vivia agora como mulher à-tôa!... Tornei-me então descrente do mundo e da humanidade. Era inacreditável o que tinha acontecido... — Dias depois, para minha desolação, encontrei-a aqui na esquina de certa rua suspeita, pintada que nem uma máscara carnavalesca. Quando a olhava, assombrado de reconhecê-la naquela situação, dona Lenita abriu-se num riso desajustado e hipócrita, convidando-me ao pecado. Repudiei-a com nódo e tristeza. Como achava vergonhosa a realidade duma queda social! Era, como vêm, o primeiro riso que eu ganhava da antiga princesa... E rememorei, num instante, todos os incidentes infantis, e vi-a novamente debruçada à janela de sua casa, inatingível e indiferente ao desfile dos operários humildes...

Soube ante-ontem que dona Lenita acha-se internada num hospital de indigente, em virtude de terrível moléstia que conseguiu na sua descida vertiginosa para a lama... De sua arrogância de fidalga, restava apenas a carcaça repudiada duma mendiga sem moral. Dizem que os filhos foram socorridos por outras famílias pobres do bairro. Tenho para mim que dona Lenita já não se lem-

bra de sabonetes caros... Que misteriosos pensamentos rondam agora o seu cérebro de enferma?!... Quem poderia adivinhar o que vai pelo seu íntimo?!... Talvez apenas uma dolorosa desilusão do mundo... Talvez a retardada certeza de que a Vida é um rosário de situações imprevisíveis e imutáveis...

Felizes dos que sabem e podem conservar-se humildes! Não acham que tenho razão? Pois é.

Influência brasileira na carreira de Olga San Juan

(Continuação da pág. 21)

Olga San Juan tem cinco pés e duas polegadas de altura. Seus olhos são pardos e seu cabelo negro. Costuma usar vestidos ou inteiramente brancos ou totalmente pretos. Fez a sua estréia no cinema em "A favorita dos deuses" (Rainbow Island), tendo em seguida aparecido em "Do outro mundo" (Out of this world) e outros filmes mais. Apareceu também no "short" colorido intitulado "Bombalera".

Seu último filme, no qual tem um papel de certo relevo é "Romance inacabado" (Blue skies), no qual poderá ser vista ao lado de Bing Crosby, Fred Astaire e Joan Caulfield. E por falar em Fred Astaire, devemos acrescentar que Olga San Juan tornara-se ultimamente um dos pares favoritos do grande dançarino da tela, antes que ele resolvesse abandonar o cinema.

Os esportes prediletos que Olga San Juan pratica são o "tennis", a natação e o ciclismo. Ultimamente fixou sua residência em Hollywood, onde passou a viver em companhia de sua mãe e de sua irmãzinha de doze anos de idade, cujo nome é Auro Nilda San Juan. E logo que firmou contratos sérios com o estúdio em que trabalha atualmente, os quais garante financeiramente o futuro de sua família, ela mandou chamar sua avó Marla Lopez Arcaya, que residia em Porto Rico, para morar em sua companhia. Sua avó chegou a Hollywood em março de 1945. Assim, Olga San Juan reuniu sob o mesmo teto todos os membros da família San Juan... Olga San Juan está muito satisfeita com a idéia de falar à REVISTA DA SEMANA e me declarou:

— Quando o meu retrato sair na sua revista, espero que os brasileiros me queiram bem... Porque eu já quero muito bem ao Brasil e aos brasileiros, através das suas canções e dos amigos que já possuo, entre os filhos desse belo país. Esta entrevista para mim vale muito, porque é mais um elo que me liga ao Brasil...

A primadona e o "Faz tudo"

(Continuação da página 51)

conhece essas lojas que se encarregam de toda a espécie de serviços, desde o remendo de sapatos até o concerto de automóveis? Pois eis aí a primadona moderna.

E explicou:

— Nos Estados Unidos, imediatamente após o sucesso no Metropolitan, a cantora deve ter em mente que não se faz carreira puramente operística. Há concertos a preparar e nesses recitais, o programa deve ser escolhido especialmente. Ela terá ainda que tomar parte em concertos sinfônicos como solista na Nona Sinfonia de Beethoven, por exemplo.

NÃO É MAIS "VOZ, VOZ, VOZ"...

Quando pergutaram a Verdi quais as três qualidades indispensáveis para a grandeza de um cantor ele respondeu: voz, voz e voz. Esse ponto de vista já não prevalece, numa época em que se dá tanta importância, por exemplo, à parte estética, exigindo-se que as primadonas não sejam tão tremendamente gordas...

Zinka Milanov, que passou as privações de muitos regimes alimentares, pode bem falar a respeito.

— Em resumo, você sabe o que era a época áurea da ópera?



Paulo Virgilio, filho do Prof. Dr. Ricardo Pereira e sua esposa senhora Irvine Pereira.

Sem esperar resposta, Zinka Milanov conclui:

— Era a época dos agudos sustentados durante minutos marcados a cronômetro. Acha que isso é, realmente "arte"?

Depois acrescenta:

— Mas eu não quero ser injusta. Aquele grupo das Tetrizzini, das Grisi e Melba tinham, de fato, alguma coisa de excepcional. Tudo isso deve ser encarado, entretanto, dentro do tempo em que elas viveram.

O que todas as mulheres devem saber

Famosos e acatados ginecologistas afirmam que grande parte das moléstias que afligem a mulher têm como causa principal o mau funcionamento de seus órgãos genitais. Muitas vezes a mulher parece sofrer do fígado, estômago, intestinos, coração, rins, etc., mas o mal está no útero e nos ovários. Observe a mulher as suas regras: elas são o espelho de sua saúde. As regras são poucas? São muitas? Regularize-as usando Regulador Xavier — o N.º 1 ou o N.º 2. O N.º 1 só se aplica nos casos de regras abundantes, prolongadas, repetidas, hemorragias e suas consequências. O N.º 2 só se aplica nos casos de falta de regras, regras diminuídas, atrasadas, suspensas e suas consequências. O Regulador Xavier tem em cada número a sua aplicação diferente, distinta. Não é um regulador só que pretende tratar todas as moléstias da mulher ao mesmo tempo, não! São dois Reguladores em duas fórmulas separadas, diferentes e científicas.

SOFRE DO FIGADO?
TOME
BIO-HEPAX
produto do laboratório da GUARAMIDINA

GABRIEL ANGEL FONE 23-4714
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 53 — 2.º 1.º

FEMININAS...

Está em grande voga o permanente a frio. E' a última importação americana e até Paris já aderiu... De fato, é menos prejudicial ao cabelo e arma melhor o penteado.

★

E' bastante distinto usar-se sobre os cabelos um véu de "tulle" de seda, para sair à noite. Ponha com graça, arrematando atrás com um laço.

★

Os óculos escuros são necessários para os dias de sol, mas, por favor, não os use tão grandes como faróis e tão escuros como a entrada de um túnel.

★

Os grande decotes são ainda a sensação desta temporada. Redondos, quadrados, ou qualquer que seja o feitiço, ele é grande, atrevidamente grande, tanto nos trajes esportivos como nos "habillé".

★

Volta a ser usadas as flores. Nos chapéus, nos vestidos ou nos "tailleurs"; enfeitando cabeças, golas, decotes cinturas ou saias, elas dão uma nota alegre à mulher que as usam.

CULINÁRIA

SANDWICHES DIVERSOS

Os sandwiches ocupam, na culinária moderna, papel importantíssimo, pois são indispensáveis nas festas, nos chás e nos "cock-tails". Aí vão algumas receitas deliciosas:

Sandwich de camarão com molho de mayonaise — Cozinhase os camarões que depois são passados na máquina. Juntase "pickles" reduzidos à pasta, adicionandose em seguida o molho de mayonaise. Misture-se tudo e passa-se no pão.

★

Sandwiches de queijo — Corta-se pão para sandwiches, pincelando-se com leite a fim de que se torne mais macio. Ralam-se queijos de Minas, Gruyère e queijo holandês picante, juntam-se-lhes uma boa quantidade de manteiga e bastante leite, até que se forme uma massa bem

molhada. Passar no pão e enrolar em guardanapo húmido até servir.

★

Sandwiches de tomate e pepinos — Cortam-se rodela bem finas de tomates e pepinos, colocando-se no pão já com bastante manteiga.

★

Sandwich de sardinha com ovo cozido — Amassam-se sardinhas de lata até formar pasta, em seguida passa-se no pão já com manteiga e sobre a pasta de sardinha colocam-se rodela de ovos cozidos.

Creações de Molyneux

Numa coleção elegante, adaptável às circunstâncias da moda atual, Molyneux apresenta para a primavera, modelos esportivos e juvenis; linhas perfeitas e equilibradas; casacos confortáveis, grandes bolsos, saias pregueadas ou plissadas, vestidos de noite de grande distinção, com efeitos para alongamento da linha, decotes em diagonal, etc. As cores favoritas são o bege, o preto, o cinzento e o marinho.

Os modelos de Pierre Balmain

Pierre Balmain, o famoso costureiro francês, não é grande adepto dos trajes esportivos, preferindo dar mulher uma linha mais frágil e feminina.

Vestidos com ombros arredondados e

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

drapés nos quadris, ajustando-se do joelho para baixo, com longa abertura para facilitar o andar, completados com capas e casacos leves; "tailleurs" cintados, abotoados com um só botão e mostrando o colete listrado, recordando a elegância de 1910; cores suaves guarnições de surcin de "pois" de listras, de "renards", flores à lapela, drapeados dos lados, bordados nas saias, são preciosos detalhes de uma coleção "chic" e feminina.



...e "veja" os olhos de seus filhos!

Eles se iluminarão de alegria... E, assim, a senhora encontra a forma mais agradável de enriquecer a alimentação de seus filhos. Está comprovado! Vale a pena fazer bolos! E se pode ser a todo o momento, por que deixar somente para as grandes datas o prazer de proporcionar mais alegria aos seus filhinhos? Para garantia do êxito, utilize sempre o "Livro de Receitas Royal", usando o produto de confiança, famoso há quase 80 anos — Fermento Royal!

FERMENTO ROYAL

a chave de mil e um pratos deliciosos!

PRODUTO DA STANDARD BRANDS OF BRAZIL, INC.
RIO DE JANEIRO



Peça hoje mesmo ao seu fornecedor um "Cartão-Royal", que apresenta todas as instruções indicando como fazer para receber o famoso "Livro de Receitas Royal". Se não encontrar o cartão, escreva para: Caixa Postal 3215, Rio de Janeiro.

PÓ DE ARROZ
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
FINO, ADERENTE E INVISÍVEL
A VENDA EM TODA PARTE



UM DISPOSITIVO INCONSTITUCIONAL

HA, no Decreto Nº 20.493, de 24 de janeiro de 1946, que aprovou o Regulamento do Serviço de Censura de Diversões Públicas do Departamento Federal de Segurança Pública, um dispositivo deveras singular. Referimo-nos ao parágrafo 2º do art. 105, diz: "A transferência de associados de uma sociedade para outra deverá preceder prova de desligamento, com a necessária audiência da entidade pela qual o autor se registrará". O assunto diz respeito às sociedades de autores e, ao que parece, a inclusão de tal dispositivo visou conceder um monopólio à S.B.A.T. e à U.B.C., as duas únicas entidades de autores teatrais e compositores de música que estavam em funcionamento por ocasião da assinatura dessa lei, no governo Linhares. Tanto isso é verdade que, depois da recente fundação de uma outra sociedade — a S.B.A.C.E.M. — nenhuma daquelas duas mais antigas desejam abrir mão dos associados que de ambas se desligaram para ingressar nessa última. Ora, depois que o país reingressou na sua vida constitucional, não sabemos porque motivo os autores prejudicados ainda não pleitearam a quem de direito a revogação integral desse dispositivo antipático, que os nivelou a simples jogadores de futebol. Para isso, basta invocar o que prescreve o parágrafo 12º do art. 141, da nossa novíssima Constituição, mediante o qual está garantido a todos os brasileiros a liberdade de associação. Como a lei Linhares é anterior à Constituição e fere de rijo esse direito, tudo nos leva a crer que tal dispositivo é francamente inconstitucional.

F.C.S.

[S M I L E S]

Fox de J. Will Callahan e Lee S. Roberts.

(Do filme "Paixão em Jogo", da Metro)

There are smiles that make us happy,
There are smiles that make us blue,
There are smiles that steal away the
teardrops,
As the sunbeams steal away the dew.
There are smiles that have a tender
meaning,
That the eyes of love alone may see,
And the smiles that fill my life
With sunshine,
Are the smiles that you give to me.

"E" UM HORROR

Marcha de Haroldo Lobo e Milton de Oliveira

(A vida sem bebida e sem amor
(ôôôô ôôôô é um horror
BIS (Sem um ventilador neste calor
(ôôôô ôôôô é um horror

Sem carnaval, ai
nem quero pensar
pois já é te amargar
esse nosso viver,
o ano inteiro
De janeiro a janeiro
trabalhando e o dinheiro
nada de aparecer.

CANÇÃO DO OSWALDINHO

Marcha de Nestor de Holanda e Braga Filho

Ha muita coisa
que eu não posso explicar
Como foi que o Oswaldinho
Arranjou "gaita" pra gastar
Esse Oswaldinho
Sempre foi inteligente
Era pobre, pobre, pobre,
Ficou rico de repente.

Não tirou prêmio
Na loteria
Não recebeu
Nenhuma herança
Como é que ele
Leva vida de granfino
Bancando o falso
Cavaleiro da Esperança.

ESTA NOCHE DE LUNA

Tango de Héctor Marín, José García y Graciano M. L. Gómez

Acércate a mí
Y oírás mi corazón
Contento latir como un brujo reloj...
La noche es azul,
Convida a sonar...
Ya el cielo ha encendido su faro mejor.
Si un beso te doy...
Pecado no ha de ser...
Culpable es la noche que incita a que-
rer...
Me tienta el amor!
Acércate ya...
Que el credo de un sueño nos redimirá...
Corre corre barcarola por mi río de
ilusión
Que en el canto de las olas surgirá mi
confesión...

II

Soy... una estrella en el mar!
Que hoy detiene su andar
Para hundirse en tus ojos...
Y en el embrujo
De tus labios muy rojos
Por llegar a tu alma:
Mi destino daré!
Soy... una estrella en el mar!
Que hoy se pierde al azar
Sin amor ni fortuna!
Y en los abismos
De esta "Noche de Luna"
Sólo quiero vivir
De rodilla a tus pies
Para amarte y morir!

I (BIS)

Acércate a mí
Y oírás a mi corazón.
Contento latir como un brujo reloj...
Mi vos te dirá
Palabras de mile
Que haran de tu pecho su fuego en-
cender...
El canto del mar
Repite en su rumor
Que Noche de Luna!
Que noche de amor...
Dichoso de aquel
Que pueda decir,
Yo tengo un carino, que dulce es vivir!...
Corre corre barcarola que la luna se
escondio
Un amor llena la noche y ese amor lo
siento yo!

Parece novela...

(Continuação da pág. 53)

ele lhe dê uma solução. A terrível imagem de Platão surge novamente diante de seus olhos. Ela sabia o que lhe estava faltando. Amor. Sim, o amor de um homem... E, se Vitor descobrisse?

Sobressaltada, levanta-se. Uma mão forte a retém. Sente que o rosto do rapaz se aproxima do seu. Cada vez vai ficando maior. As feições vão se confundindo, tão próximas estão dos seus olhos. Finalmente não vê mais nada. Seus lábios frios são fortemente comprimidos por outros, quentes. Atordoados, Irene empurra o rapaz e se levanta. Não consegue, no entanto, se afastar dali.

— Não vai me esbofeteiar?

— Era o que devia fazer.

— Por que não o faz, então? Não é essa a reação de todas as mocinhas ricas? Esbofeteiam e saem correndo. Que é que está esperando? Por que não se retira logo?

— Você me pediu que ficasse, lembra-se?

— Não tem medo de mim?

— Tenho pena de você, e quero ajudá-lo. Antes, eu não sabia como. Agora, já sei. Você se sente tão forte, querendo me amedrontar. No íntimo, você se considerava um fracassado, um inútil. Eu, na minha fraqueza, sou mais forte do que você.

— A sua fortaleza é passageira.

— Não, absolutamente. Graças a você, descobri uma coisa importantíssima. Ninguém pode viver para si mesmo, isolado do mundo. Até hoje, só tive, como companheiros, livros. Nunca conversei. Nunca troquei idéias. Meus pais não queriam que eu me misturasse com os outros. Todos eram inferiores a mim, na opinião deles. E eu lá vivendo, miseravelmente. Hoje, tive o meu primeiro contacto com a vida. Quando o vi chorando, compreendi que havia alguém mais infeliz do que eu. Deixe-me ajudá-lo Vitor. Deixando-me ajudá-lo, você também está me ajudando...

— Por que haveria você de me ajudar?

— Quero lhe proporcionar uma oportunidade.

— Como?

— Arranjando-lhe um emprego.

— Por que vai fazer isto? Por compaixão?

— Não. Por gratidão. Quero ajudá-lo, para ser feliz. Deixe-me tentar.

— Você seria capaz de gostar de mim, Irene?

— Digo-lhe que não é compaixão o que sinto por você. Não me atrevo a declarar que seja amor. Talvez amizade.

— Você é bem franca.

— É a minha única qualidade.

— Como vai você me arranjar um emprego?

— Não sou eu, mas meu pai. Ele tem várias firmas. Você poderá trabalhar numa delas. Falarei com ele e lhe trarei resposta amanhã.

— Tudo está muito romântico demais para ser verdade. Um rapaz pobre, sem emprego e desesperado, encontra uma moça rica, numa praça, ao luar... É novela de rádio!

— Não, Vitor. É a vida...

O novo morador...

(Continuação da pág. 35)

Jean-Baptiste Hanotiaux nunca desertou o seu posto, servindo com seis diferentes locatários: Raymond Poincaré, Paul Deschanel, Millerand, Doumergue, Paul Doumer (que foi assassinado) e Lebrun. O Sr. Vincent Auriol é o seu sétimo "inquilino". Sim, porque de algum modo, ele se sente proprietário. Seu lugar é vitalício, ao passo que o dos "outros" não o é... Vivendo durante estes anos, na sua casa de porteiro, foi com grande orgulho que Jean-Baptiste Hanotiaux abriu outro dia, as portas do palácio dos Campos Elíseos, para que começasse a ser feita a limpeza dos aposentos e o arranjo interno, afim de receber o novo presidente da França que, na ocasião, não se sabia ainda quem fosse...

Muitos dos tesouros de arte do palácio dos Campos Elíseos haviam sido escondidos, durante a guerra, afim de evitar que caíssem em poder dos alemães. Depois da libertação da França, esses tesouros começaram a ser trazidos de volta. Finíssimas tapeçarias gobelins de preço inestimável, foram trazidos dos seus esconderijos para o suntuoso palácio onde viverá durante sete anos o Sr. Vincent Auriol. Algumas modificações importantes foram introduzidas ultimamente nos Campos Elíseos. Por exemplo: existe ali, hoje, um quarto de banho moderno, de instalação recentíssima assim como uma cozinha também ultra-moderna. O palácio, construído em 1718 por Molet para o conde d'Évreux, foi pela primeira vez habitado quando ali se instalou madame Pompadour, a amante de Luís XV. Permaneceu como propriedade particular até que Napoleão III resolveu se instalar nele em 1849. Mas foi somente em 1870 que, durante a presidência do general Mac Mahon que se transformou em residência oficial dos presidentes franceses. O palácio dos Campos Elíseos dispõe de uma criadagem particular de quinze pessoas e mais de um contingente de sessenta guardas.

A vida de Giacomo Puccini

(Continuação da pág. 26)

stias cósmicas, mas simples e despretensiosamente de coisas cotidianas. "A música das óperas de Puccini não há de ser cantada apenas com a garganta, mas também com o coração".

A grande ópera é um estranho fenômeno em Itália. Faz parte da dieta dos Italianos como o azeite de oliva e o macarrão, e os Italianos consideram a sua música como consideram a sua comida. É um elemento vital de sua cotidiana existência. Uma ópera má é um veneno para ele se sua maneira de tratar um compositor subordina-se a esse princípio. Durante a representação de uma ópera, alguns críticos entusiastas bombardearam a platéia e mataram alguns espectadores. Não é, por consequência, muito para admirar que Puccini, nas vésperas de assistir à estréia da suas músicas, dissesse sentir-se como um criminoso que devesse presenciar a própria execução. Pouco antes da representação da "Tosca" — ópera que se seguiu a "La Bohème" — pediu providências à polícia e esta lhe aconselhou que mandasse executar o hino nacional assim que principiasse qualquer distúrbio. O público italiano, diversamente dos públicos alemães de Bayreuth, nunca tratavam a ópera como um drama contínuo. A qualquer momento, no meio da ação, podia o autor, em seus trajes de passeio, ser chamado dos bastidores para cumprimentar a assistência ao lado dos artistas a caráter — principalmente ao cabo de uma ária popular. E se um regente de orquestra se recusava a bisar uma cena de morte que houvesse dado no grito da assistência, era muito provável que esta o mimoseasse com um

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

ROUGE LÍQUIDO
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA PARTE
DA AS FACES UM ROSADO
INCOMPARÁVEL
RAINHA DA HUNGRIA

CUTIS

CANSADA



e sem viço

As pérfidias rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pessoa, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

CREME
RUGOL

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379-S. Paulo



bombardeio de frutas podres. Não raro a audiência inconstante chamava à cena os atores trinta ou quarenta vezes com aplausos ensurdecedores e regressava depois a casa para dizer que a ópera era "uma droga". "La Bohème" granjeava, em sua estréia, um sucesso apenas moderado, conquanto o auditório tivesse arrancado os atores aos seus camarins e os tivesse obrigado a representar de novo a cena da morte de Mimi, de peruca e roupas de passeio. Arturo Toscanini regressa a ópera nessa ocasião tendo, mais tarde, lidado por chamar para ela a atenção do mundo. — "Quando uma partitura cai nas mãos desse sujeito — dizia, a respeito dele, Puccini, — ele a penetra como um mineiro a fim de explorar-lhe todos os recantos".

Momentos havia, contudo, em que as críticas feitas por Puccini a propósito dos seus colegas músicos demonstravam menor discernimento. Durante um dos ensaios de "La Bohème" contou a um amigo que era obrigado, contra a vontade, a ouvir um tenor que cantava muito mal a parte de Rodolfo. — Como se chama? — perguntou o amigo. — Enrico Caruso, — replicou Puccini.

Tratava-se, claro está, de um juízo precipitado, pois Caruso, mais tarde, foi não só o maior dos Rodolfos mas ainda o mais notável cantor de todas as óperas de Puccini. E os dois se tornaram íntimos amigos.

★

Em 1902 principiou Puccini a composição de "Madame Butterfly", cuja história se baseia numa peça de John Luther Long e David Belasco. Os libretistas eram amigos de Puccini, Illica e Giacosa, os homens que com ele se haviam prévia-

mente associado na "Tosca" e em "La Bohème". "Madame Butterfly" é, talvez, a mais popular das óperas de Puccini. Essa história, "cuja tecitura é feita de raios musicais de luar", refere o destino infeliz da jovem gueixa japonesa que se casara com um sem-cerimonioso oficial de marinha americano. Não se sabe onde termina a comédia e onde a tragédia principia na vida da patética criaturinha condenada desde o início pela sua frescura de moça e pela sua inocência. No mais ligeiro dos seus estados de espírito musicais ouve-se a voz abafada e sombria da ruína iminente.

"Madame Butterfly", porventura a melhor das óperas de Puccini, foi pateada, por ocasião de sua estréia, pela inconstante platéia de Milão. Os espectadores viajavam e assobiavam. Os apupos atrovavam a sala. Puccini quedou-se, em postura de desafio nos bastidores. — "Espêndido! Mais alto, animais! — dizia entredentes. — Berrem, gritem, esrar-

neçam de mim!" Ele dissera sempre aos amigos que era aquela a sua melhor obra. — "Sou eu quem tem razão, eu! Vocês verão! Esta é a maior ópera que jamais escrevi!" Os críticos chamaram-lhe "o fiasco de Puccini". O compositor, porém, manteve-se firme. Após alguma revisão e novos ensaios tornou a apresentá-la. E o eco de uma nova obra-prima espalhou-se pelo mundo.

★

Nos vinte anos que se seguiram à composição de "Madame Butterfly" Puccini escreveu diversas outras óperas, mas uma única obra-prima — "La Fanciulla del West". O outono de sua vida passou-se quente e sereno, mas falto de eventos importantes. A melhor colheita de sua música já fora recolhida. O compositor de melodramas levava uma existência que era tudo, menos melodramática.

Ao termo de sua vida, entretanto, sur-

tiu uma nota dramática. Ele compunha, aos sessenta e sete anos, a sua ópera "Turandot", cuja atmosfera chinesa deveria contrastar com a atmosfera japonesa de "Madame Butterfly". Interrompeu-lhe o trabalho leve indisposição de garganta — repetição de antiga irritação de que viera a sofrer ao engolir um osso de ganso num banquete. Chamados para examinar-lhe a garganta, descobriram nela os médicos um tumor maligno. Puccini foi colocado sob os cuidados de um dos principais especialistas de garganta de Europa. Fizeram-se aplicações de rádio com excelentes resultados. Já o compositor convalescia do cancer — quando morreu, inopinadamente, de um ataque do coração.

O destino — mestre da surpresa pondo termo ao drama da vida humana.

(Do livro "Vidas de grandes compositores").

Quina Petroleo ORIENTAL, finamente perfumada, fixa o penteado, evita o embranquecimento prematuro, extingue a caspa e combate todos os parasitas capilares.



Quina Petroleo
ORIENTAL

A VIDA DO CABELO!

À VENDA EM TODO O BRASIL

P. Ferraz



Senhoras!
Se a
Natureza Falha

MENAGOL

REGULA!



Nos laboratórios LEITE DE COLONIA

Estes flagrantes foram tomados em 31 de Dezembro último nos laboratórios da firma Studart & Cia., fabricantes do Leite de Colônia. O senhor dr. Artur Studart saudou em brilhante improviso os seus auxiliares, agradecendo-lhes a cooperação prestada em 46 e prometendo-lhes novos benefícios e prêmios em 47. Todos foram contemplados com valiosos presentes. Foi uma linda festa de amizade que deixou a melhor impressão entre quantos tiveram a fortuna de assistí-la.



A ARTE DE ENVELHECER

(Continuação da página 11)

glandulares corresponderam às esperanças neles depositadas.

Em nossos dias prosseguem as experiências. Alexandre Bogomolets, cientista russo, encontrou no tecido conjuntivo, revestimento elástico dos órgãos internos, o centro da energia da vida. Os seus estudos deram ao mundo um novo sôro: o "A.S.C.", destinado a operar um completo revigoramento no organismo humano. Mas Bogomolets, que atribuiu à vida humana a duração média de cem anos, faleceu há poucos meses, apenas com sessenta e dois anos de idade...

A desintegração do átomo acarretou a descoberta de um novo filtro de rejuvenescimento: a água pesada. E o mais recente dos inventos foi realizado por um negro americano, Percy S. Julian, que preparou o "pregnotone", uma substância mágica que elimina a fadiga e, consequentemente, compensa os desgastes de vitalidade.

O problema do rejuvenescimento não preocupou apenas os cientistas. Desde o "Diálogo sobre a Velhice", de Cícero, que a literatura adejou em torno desse tema fascinante. Balzac escreveu um conto macabro "L'elixir de longue vie", cujo enredo emoldurado pelos mármore de um palácio de Ferrara, envolve parricídio e sacrilégios. Oscar Wilde, no "Retrato de Dorian Gray", serviu-se de um meio original para poupar seu herói ao desencanto da velhice, transferindo para a tela de um retrato todas as rugas e todas as marcas que os anos e os vícios lhe traziam.

A "Ela" de Rider Haggard, encontrou, não na água, como as deusas antigas, mas nas chamas purificadoras do fogo, o segredo do rejuvenescimento. Pierre Benoit, na "Atlantide", inventou uma mulher fatal, cuja beleza, inalterada, transpôs séculos e séculos. Outra figura impressionante da literatura de ficção é a "Amanit", de Lucie Delarue Mardrus, sacerdotiza amaldiçoada pelos deuses egípcios, que carregava consigo, como um castigo, a sua eterna mocidade. Aldous Huxley pôs em "...Também os cisnes morrem", um dos tipos mais curiosos já concebidos por seu espírito sarcástico: o doutor Obispo, especialista em longevidade, e o mais cinico dos cientistas. Impressionado com a duração das carpas, que atingem mais de duzentos anos, ele acaba descobrindo o segredo da imunidade à velhice... E, falando em prolongamento da mocidade, não posso deixar de referir-me ao livro de Pitkin, que se tornou famoso principalmente pelo título: "A vida começa aos quarenta". É um aceno animador a todos aqueles que amadurecem. Entretanto, quem conhece a biografia do fundador da homeopatia, Hahneman, sabe que a vida pode começar, não aos quarenta, mas aos oitenta anos. Tinha ele essa adiantada idade, um temperamento azedo e nenhum dinheiro, quando foi visitado, na cidadezinha em que morava, por uma jovem francesa. Três meses depois, estavam casados. Foram para Paris, onde Hahneman abriu consultório, tornou-se médico da moda, frequentou a Ópera, colecionou preciosidades e morreu rico e feliz — aos oitenta e oito anos. Vejam vocês se, depois disso, pode alguém desanimar...

Reconcillemo-nos com a velhice. Ela faz parte do ciclo da vida, é a tarde do nosso dia mais ou menos ensolarado. Pensando nela, cuidemos da nossa saúde, economizemos nossas energias, enriqueçamos a nossa personalidade. Uma velhice sadia e ativa não significa decadência. É sabido que a nossa capacida-

A Beleza é Obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvim & Freitas.

de mental só atinge o apogeu aos sessenta anos. Muitas das grandes realizações humanas foram frutos da mais alta maturidade. Lembremo-nos de que Ticiano pintou obras primas com noventa anos. Goethe só terminou a segunda parte do Fausto aos oitenta e dois. Haendel e Rossini compuseram peças lindíssimas com avançada idade. Esses são, apenas, uma parte mínima, dos exemplos que eu poderia citar. Há um encorajamento na velhice verde de Bernard Shaw ou na do rei Gustavo da Suécia. Não esqueçamos as velhices fecundas, mais generosas que a mocidade. Envelheçamos gloriosamente, como as árvores fortes, que Olavo Bilac cantou:

"Na glória da alegria e da bondade,
"Agasalhando os pássaros nos ramos,
"Dando sombra e consolo aos que pa-
decem!

Mais suave, porém, seria envelhecer a dois, carinhosamente, como sugerem os lindos versos de Rosemonde Gérard:

"Lorsque tu seras vieux et que Je serai
[vieille,
"Lorsque nos cheveux blancs seront des
[cheveux blancs,
"Par un jour de Mai, dans le Jardin que
[s'ensoleille
"Nous irons réchauffer nos vieux mem-
[bres tremblants".

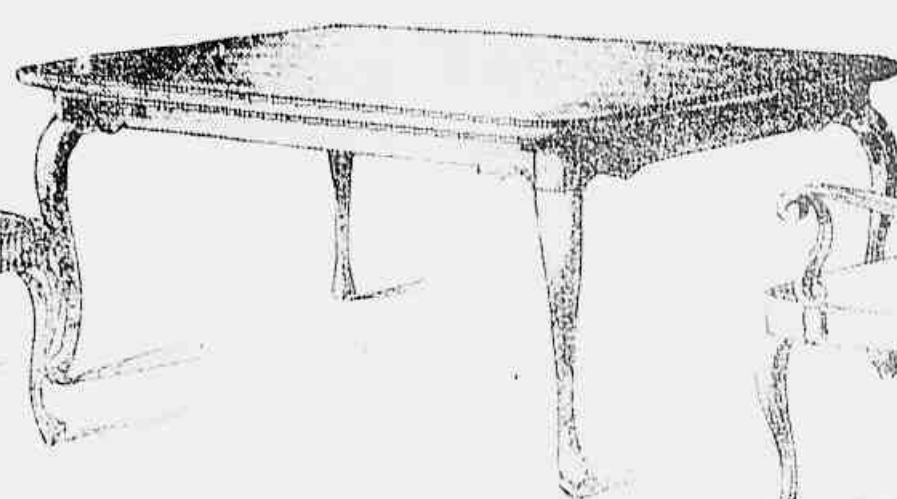
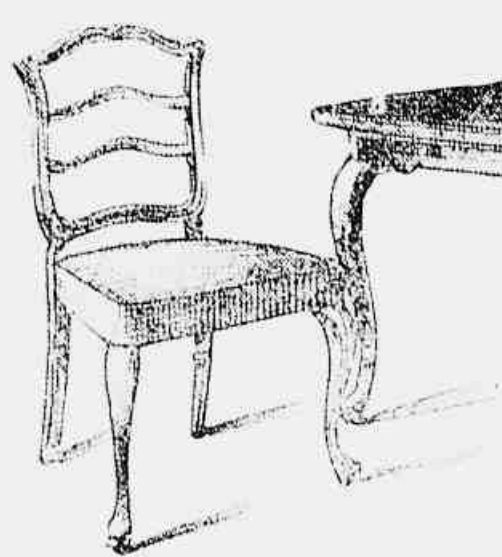
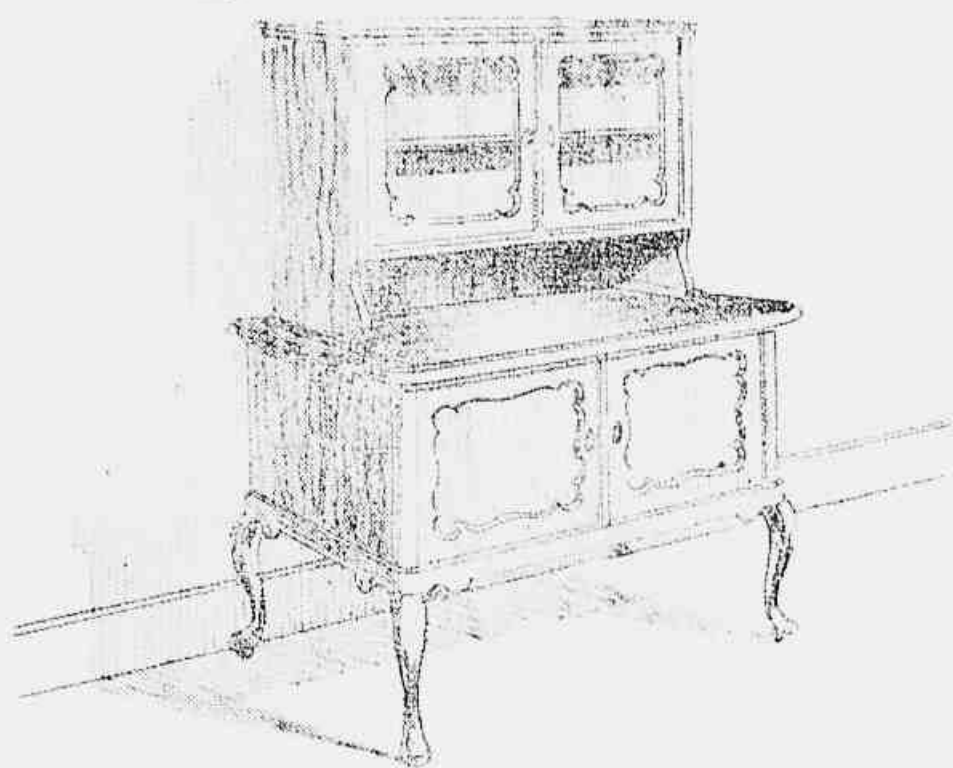
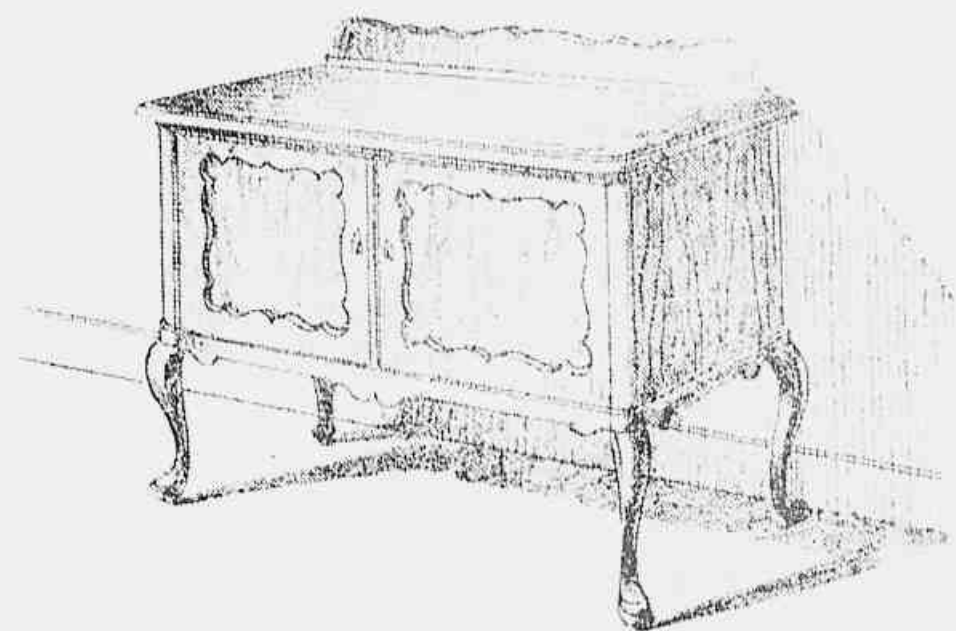
ÁGUA INGLESA

GRANADO

TÔNICA E APERITIVA

NA ANEMIA CLOROSE E CONVALESCENÇAS

T. TARQUINO



Sala de Jantar Provençal

Reproduzimos nesta página um sugestivo modelo para a decoração do seu lar. Esta sala de jantar Provençal, merece ser aproveitada num amplo palacete, onde todas as peças obedeçam à uniformidade e pureza de

estilo que são as características. Cadeiras de assento amplo, "buffet", faqueiro baixo, cristaleira e mesa de pés recurvos completam este elegante mobiliário que deverá ser trabalhado em madeira escura.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNIES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



CIA DE CIGARROS

Souza Cruz

®